

# 154

REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA

AS 3.391 PEÇAS, E A GENIALIDADE DE ATHOS BULÇÃO

Junho/Julho 2021 - 5ª edição



  
PARABOLOIDE  
Incubadora de Ideias LTDA



● EDITORIAL

Caros leitores, chegamos à 5ª edição da nossa Revista 15.47, composta por pessoas inteligentes, desejosas de compartilhar suas expertises agregando ainda mais conhecimento às vidas dos leitores.

Continuamos a acreditar que erudito e popular andam juntos, e com isso, mais uma vez, trouxemos artigos acadêmicos. Muito alegre-nos a parceria com o Laboratório de Sustentabilidade da PPG-FAU/UNB (LaSUS), tendo como objetivo permitir que nossos leitores conheçam um pouco mais sobre os trabalhos coordenados pela professora Marta Adriana Bustos Romero, dentre outros grandes do LaSUS!

Este mês inicia conosco a coluna da Associação Brasileira de Paisagismo (ABAP), que nesta edição conta com a divulgação do prêmio Rosa Kliass de Paisagismo. Cabe ressaltar que é a primeira vez na história que a associação dos paisagistas registra sua história por escrito, e de forma contínua, pois a partir desta edição, receberam uma coluna permanente na nossa revista.

Também inicia a coluna do professor Nelson Inocêncio, do Instituto de Arte da UnB (IDA), importante conhecedor das artes afro-brasileiras, e grande mestre, uma das lideranças do movimento negro em Brasília.

Nossa revista nasceu em meio à pandemia em que há mais de um ano nos encontramos e que parece não ter fim, trazendo-nos diversos sentimentos. Foram muitas perdas, muitos sustos, muita esperança e desesperança. Porém, hoje, mais esperançosos devido às vacinas que lentamente chegam para a nossa população, sob a luz da ciência, que tanto nos ajuda, estamos firmes, e seguiremos assim. Unidos, mesmo a distância, mesmo diante das adversidades e da impermanência, que grita aos nossos ouvidos, ainda nos mantemos fortes, contribuindo para que o espírito coletivo prevaleça sobre a ignorância. A Revista 15.47 propôs-se tornar-se um rumo e trazer valores culturais e so-ciais, e assim navegamos, certos de que o caminho traçado é longo, mas agradável, pois estão conosco nossos leitores, nossos amigos.

Desta vez, trouxemos mais novidades e bons artigos, ofertando conhecimento, cultura, ânimo, e mantendo a certeza de que, ao entregarmos um bom trabalho, minucioso em detalhes e zeloso na escrita, doamos parte de nós para vocês. Acreditamos que, assim, consigamos contribuir com algo tão importante na vida das pessoas, o conhecimento, a leitura e o lazer.

Sendo assim, esperamos que aproveitem a revista, que continua com muito boas matérias, fruto dos bons escritores que aqui nos animam, com uma boa leitura, trazendo um pouco mais de luz, ajudando-nos a passar por esses tempos difíceis de forma mais leve e animadora.

Boa leitura!

Angelina Nardelli Quaglia

1547

## EQUIPE EDITORIAL QUEM SOMOS



● **ANGELINA NARDELLI QUAGLIA**

Arquiteta Urbanista, mestre pela Universidade de Brasília-UnB, pesquisa as áreas de acessibilidade/caminhabilidade (walkability), história da arquitetura, do urbanismo, das artes, representação e expressão, turístico patrimonial, acessível, e tecnologias de design dos séculos XX e XXI. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria em montagem de exposições e curadoria de obras. Fundadora e diretora na empresa da PARABOLÓIDE. Incubadora de Ideias, oferta cursos, projetos de arquitetura, design, cultura, e realiza produções cinematográficas. Na Revista 15.47, é diretora e coordenadora editorial, assinando as colunas UM PROJETO PARA BRASÍLIA, que busca apresentar iniciativas pensadas e aplicadas em Brasília; GASTRÔ CYTIES, sobre a gastronomia icônica; e O DESIGN CRIATIVO + "ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA", com temas relacionados ao design, ao urbanismo, à arquitetura e às artes urbanas.



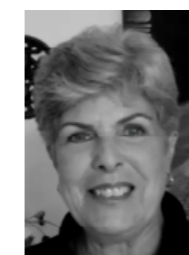
● **PATRÍCIA IUNES ÁVILA E SILVA**

Historiadora de arte e marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte ArtBSB. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog "Sobre Arte e Arrepios" e a recente participação no documentário 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Na Revista 15.47, além de membro do grupo diretor, assina a coluna ARTE E HISTÓRIA, onde trata de assuntos ligados a arte e seus desdobramentos no âmbito social contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, traz aos nossos leitores um olhar próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



● **JOÃO DINIZ**

Arquiteto Urbanista mineiro, escritor, poeta e conteudista digital, é professor no curso de arquitetura e urbanismo (FUMEG - MG), mestre em engenharia civil com ênfase em estruturas metálicas (UFOP), e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacionais, cenografias, produção de design, documentos e curtas, livros, dentre outros. Como escritor constam 26 livros publicados, 27 textos, fora os novos trabalhos, já iniciados. Membro do grupo diretor, também assina a coluna ARQUITETURA E PERCEPÇÃO, onde traz debates acerca dos temas que permeiam as observações sobre a cidade, a arquitetura e o indivíduo.



● **MALU PERLINGEIRO**

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associação do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela Secult DF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV). Como membro da equipe editorial da 15.47, também escreve a coluna NOVAS ARTES EM BRASÍLIA, trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.





● **FREDERICO FLÓSCULO**

Arquiteto Urbanista, professor adjunto da Universidade de Brasília (UnB), mestre e doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), além de escritor. Entre suas publicações estão os livros *Metodologias da Projetação Arquitetônica: Evidências Gráficas, Contos de Cartomantes*, e *Thalija*, aventuras brasilienses em busca da cidade oculta, este último uma belíssima história em quadradinhos. Na *15.47* é responsável pela coluna PATRIMÔNIO BRASÍLIA, onde trata de temas relacionados ao patrimônio Brasília e assuntos voltados a sua preservação, legislação de preservação, percepções coletivas, dentre outros assuntos.



● **RUBENS PERLINGEIRO**

Historiador, geógrafo, cronista, professor, Oficial de Marinha (graduado em Ciências Navais) e pós-graduado em Ciências Políticas. Suas publicações comentam de forma bem-humorada o comportamento humano, provocando inúmeras risadas e por vezes comparações com situações que em algum momento podemos ter presenciado em nossas vidas, e que nos fazem sorrir. Dentre suas publicações está o livro *A Peruca do Defunto e Outras Situações Improváveis*. Responsável pela coluna CRÔNICAS DO RUBENS, e também um dos membros da equipe editorial, trará bons textos sobre temas divertidos do cotidiano, permitindo-nos boas risadas e muita sabedoria.



● **ANDRÉ BERÇOTT**

Historiador e pedagogo, trabalha na Rede SARAH de Hospitais desde 2005. Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias e na *Revista 15.47*. Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada. Na revista, traz a coluna HISTÓRIAS DE BRASÍLIA, onde aborda temas relacionados à História de Brasília e de suas Regiões Administrativas, trazendo curiosidades e fatos no processo de produção de uma historiografia com um enfoque mais atual da nossa capital.



● **JORGE NASSAR**

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Com facilidade para a criação, escreve e dirige como cocriador o projeto CRIATIAMENTES, direcionado à área de entretenimento digital. Na *Revista 15.47* é membro do corpo editorial e responsável pela coluna MÚSICA EM BRASÍLIA – O TOM DA CONVERSA, onde entrevista músicos brasilienses atuantes na capital e fora dela, a partir de 10 perguntas, debatendo temas de relevância nacional e internacional, tratando sobre a boa música e as boas histórias da capital federal



● **JÉZER JUNIOR**

Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, é escritor, atua como palestrante, e é professor no curso Escola da Fé nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese. Hoje é responsável por conduzir dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM. Junto com Luciana Azevedo, é o responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde são tratados os assuntos relativos à fé cristã em Brasília e no mundo, trazendo aspectos importantes relacionados ao tema.



● **LUCIANA AZEVEDO**

Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia, em atendimento domiciliar. Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal. Missionária em comunidades carentes, no entorno do Distrito Federal, na formação e evangelização cristã. Junto com Jézer Junior, é a responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde são tratados os assuntos relacionados à fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes relacionados ao tema.



● **MARIA HELENA COSTA**

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching, é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Cocriadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação e qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, e despertar em pessoas, formam times e em-presas. Acredita que o processo de desenvolvimento específico deve basear-se no despon-tar de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e compe-tências para resultados significativos. Na *Revista 15.47* é responsável pela coluna SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR.



● **MARIA LUIZA JUNIOR**

Formada pela Universidade de Brasília (UnB), em Comunicação Social e Cinema, mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Comunicação nas Instituições Públicas pela Universidade de São Paulo (USP), e em Comunicação e Mobilização Social pela Universidade de Brasília (UnB). Militante pelos Direitos Humanos, e do Movimento Negro Unificado do DF, uma das participantes da fundação do Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB), e do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal (MNU-DF). Possui tríplice brasilidade: MG/DF/BA, e é Mãe de Preto. Na *15.47* assina a coluna FEMININOS MÚLTIPLOS.



● **VIVI MANZUR**

Formada em publicidade e propaganda, é produtora de conteúdo, empreendedora, e fotógrafa na empresa Vivi e Luiz Foto, onde realizam trabalhos que sensivelmente registram partos e eventos em que a família comemora a vida, como aniversários, casamentos, batizados, dentre outros tantos belos momentos da vida. E é mãe de três belos filhos, que junto a ela produzem conteúdos digitais semanais (quase diários) sobre viver em família. Inquieta por aprender e passar conhecimentos, na *15.47* assina a coluna FOTOGRAFIA E OLHAR, onde traz assuntos que se relacionam à fotografia, e às situações inusitadas do cotidiano, ensinando-nos que a importância do extraordinário, em especial se registrado!



● **JULIANA RAMPIM FLORÊNCIO**

Professora, bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a história da alimentação brasileira. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama. Na revista é a responsável pela coluna GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA, onde são tratados assuntos ligados à memória e às tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país, patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal, o calor do fogo cozinha junto com as panelas, e mantém aquecido o coração.



● **BEATRIZ BERÇOTT**

Fotógrafa e designer gráfica, é uma das sócias da PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, sendo uma das responsáveis pela formatação do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA, da *Revista 15.47*, dentre outros. Atua nas áreas de fotografia e criação, desenho com softwares de arte, criação de maquete 3D e produção de artes visuais a partir da fotografia e montagem. Também é sócia fundadora da Bia's Photos, onde atua no segmento de fotografia e criação fotográfica, com contratos voluntários e particulares. Na *Revista 15.47* é uma das responsáveis por vis-tória de diagramação, orientação e pesquisa de fotografia e design.



● **FRANCISCO JOSÉ ALENCAR DE ARARIPE**

Graduado em Psicologia desde 1973, com especialização em Base Reichiana; Psicologia Analítica; Neurolinguística, atualmente faz parte da equipe de terapeutas da COOP – Clínica de Orientação Psicopedagógica, com atuação como Analista de orientação Junguiana e Terapeuta de base Reichiana. Na *Revista 15.47*, escreve sobre psicologia, auxiliando os leitores com ensinamentos e conhecimentos relevantes, e auxiliares, em especial para o momento que estamos vivendo.



● **MARTA ROMERO**

Graduada pela Universidad de Chile e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), com Especialização em Arquitetura na Escola de Engenharia - USP de São Carlos (1980), com Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1985), e também Doutorado em Arquitetura pela Universitat Politècnica de Catalunya (1993), e Pós-Doutorado em Landscape Architecture na PSU (2001). Atualmente é professora titular da Universidade de Brasília (UnB), e coordenadora do o Laboratório de Sustentabilidade da PPG-FAU/UNB (LaSUS).



● **LUCIANO BRASILEIRO DE OLIVEIRA**

Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília(UnB), dezembro de 1993; Ingressou nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, restando compromisso em 07/4/1994; Advogado desde 1994, especialista em Direito Imobiliário Consultor Jurídico da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Membro da Associação dos Advogados Trabalhistas do Distrito Federal, Membro da Associação Lusorasilera de Juristas do Trabalho. Foi Assessor Jurídico do Sindicato das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga no Distrito Federal - Sindibras. Foi Representante do Sindibras junto à Comissão Permanente de Relações do Trabalho da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística. Foi Assessor Jurídico do Sindicato Nacional das Empresas de Táxi Aéreo, SNETA.



● **ALEXANDRE GUERRA**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB), participa de processos de criação ligados à sustentabilidade na área de conforto luminoso e apai-xonado por monitorias em disciplinas de história. Entusiasta da fotografia e aficcionado por tecnologia, dedica-se a registrar todos os momentos enxergando as experiências sob diversas perspectivas. Curioso em saber como e por que as coisas funcionam, e tem como objetivo encontrar diversas maneiras de se conectar com o mundo e o conhecimento. Na 15.47 é responsável pela coluna GUIA DO ARQUITO VIAJANTE, trazendo assuntos relacionados a observar viagens não como turista, mas como viajante.



● **CAROLINA SENA**

Relações Públicas e Jornalista, pós-graduada em Assessoria de Comunicação Pública pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). Especialista em redação de textos para jornais, revistas, redes sociais e web. Fez parte da equipe de comunicação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) de 2005 a 2007. Trabalhou como voluntária em eventos esportivos internacionais como a Copa do Mundo FIFA Brasil em 2014, Jogos Olímpicos Rio 2016 e na Copa do Mundo FIFA sub-17. Colabora com a Revista 15.47 na coluna PAPO CANDANGO, uma conversa descontraída sobre diversos assuntos como família, cultura e entretenimento.



● **LUCIA HELENA MOURA (ABAP)**

Arquiteta Urbanista com graduação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1980). Atualmente é assessor na Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação, e possui experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Paisagismo, Meio Ambiente, Planejamento Urbano e Regional. Pela Revista 15.47 representa a Associação Brasileira de Arquitetos paisagistas (ABAP), escrevendo e organizando artigos para a seção que trata de paisagem urbana e trajetória da ABAP.



● **NELSON INOCÊNCIO**

Bacharel em Comunicação pela Universidade de Brasília (1985), Mestre em Comunicação pela UnB (1993) e Doutor em Arte também pela UnB (2013). É Professor Adjunto no Departamento de Artes Visuais, vinculado ao Instituto de Artes da UnB, onde também atua como Coordenador de Curso de Graduação e Membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE. Junto ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação exerce o papel de Membro do Comitê Institucional Gestor do Programa de Iniciação Científica (ProIC). Suas pesquisas articulam História da Arte, Estudos da Cultura Visual e Estudos das Relações Raciais. Foi Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros pertencente ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB de 2001 a 2014. N 15.47 é responsável pela coluna ALTERIDADES.

CONVIDADOS NESTA EDIÇÃO



● **MAURÍCIO ANDRES**

Arquiteto, fotógrafo e escritor. Escreveu vários livros sobre Ecologia e sobre a Índia. Foi gestor ambiental em Belo Horizonte e no Estado de Minas Gerais. Em Brasília foi diretor do Ministério do Meio Ambiente e conse-lheiro no Conselho Nacional de Meio Ambiente e no Conselho Nacional de Recursos Hídricos, assessor na Agência Nacional de Águas e pales-trante no Programa de Pós-Graduação em Re-de Nacional em Gestão e Regulação de Recur-sos Hídricos - prof. Água. Participa de ONGs pela paz e pelo federalismo mundial. Publica no blog [ecologizar.blogspot.com](http://ecologizar.blogspot.com)



● **GIOVANNA SCALFONE**

Arquiteta, urbanista e ilustradora graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021). Pesquisadora integrante do Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabiT-PROURB-FAU/UFRJ) desde de 2019, atuou no projeto de Parede Hidráulica Experimental (LabHidro-FAU/UFRJ) e como pesquisadora bolsista (PIBIAC) nos projetos de pesquisa " Projeto e Sustentabilidade" e "Caminhos Paralelos: a via férrea como suporte para o planejamento". Monitora acadêmica de Saneamento Predial (2017-FAU/UFRJ) e Projeto Arquitetônico I (2021-FAU/UFRJ).



● **LUCAS PONTES**

Fotógrafo e estudante de arquitetura na Universidad de Buenos Aires (UBA). Nascido em Brasília - DF, vivenciou a única cidade modernista do mundo desde muito criança, demonstrando interesse por todas as artes que aqui apresentam-se integradas a arquitetura e ao urbanismo. Entretanto, este jovem artista brasileiro viu seus interesses direcionados, ao longo dos anos, para as artes fotográficas, que o encantaram desde o primeiro dia em que teve um contato mais aprofundado com o tema. Em nossa Revista fala sobre FOTOGRAFIA.



● **NATHÁLIA DE MELLO FARIA**

Arquiteta, Urbanista e Paisagista, formada na Universidade Federal de Uberlândia- MG em junho de 2016. Tem experiência na área de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, com ênfase em Arquitetura e Urbanismo. Foi bolsista CAPES pelo programa Ciência Sem Fronteiras, na cidade de Roma- Italia, no ano de 2013-2014. Pós Graduada em Reabilitação Sustentável pela Universidade de Brasília. 2018-2019 Mestranda em Sustentabilidade, Qualidade e Eficiência do ambiente construído. Para a Revista 15.47 escreve junto a professora Doutora Marta Romero.



● **MARIA EUGENIA MARTÍNEZ MANSILLA**

Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidad Autónoma Juan Misael Saracho (UAJMS), na Bolívia, e também professora na Universidade que se graduou é doutora com mérito pela Organización de Estados Americanos) para realizar estudos de DOCTORADO em "Arquitectura y Urbanismo" na Universidade de Brasília (UnB). Participa ativamente dos Laboratórios de pesquisa LASUS - Laboratory of Sustainability (UNB - Brazil).e ReLab - Real Laboratory of Architecture and Urbanism (UAJMS - Bolívia). Autora de textos sobre cidade, sobre patrimônio com o tema "O patrimônio e a memória na cidade sul-americana contemporânea", dentre outros. Para a Revista 15.47 escreve junto a professora Doutora Marta Romero.



# 154 | SUMÁRIO



## 5º Prêmio Rosa Kliass CONCURSO UNIVERSITÁRIO NACIONAL DE ARQUITETURA DA PAISAGEM

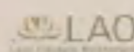


APOIO



SÓCIOS COLABORADORES

Perdidos de volta Artes e Lida



### VISITE O SITE PRÊMIO ROSA KLIASS.ABAP.ORG.BR

NELE ESTÃO DISPONÍVEIS AS INFORMAÇÕES SOBRE COMO PARTICIPAR E SE INSCREVER, OU CONSULTAR O CA-LENDÁRIO E OS NOMES DOS RESPONSÁVEIS PELA ORGANIZAÇÃO DO CONCURSO E AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS.

VISITE O CATÁLOGO REFERENCIAL EM:  
[HTTPS://ISSUU.COM/PREMIOROSAKLIASS.](https://issuu.com/premiorosakliass)

O CARTAZ DA 5ª EDIÇÃO TRAZ A IMAGEM DA FORTALEZA DE SÃO JOSÉ, MACAPÁ, PROJETO FEITO POR ROSA KLIASS EM 2001. SEGUNDO O LIVRO DA ROSA, NESSE PROJETO NÃO ERA POSSÍVEL PLANTAR ÁRVORES PARA NÃO TIRAR A VISTA DO FORTE E ROSA ENTÃO CONCEBEU UM PERCURSO À BEIRA RIO, UM ANFITEATRO ONDE ANTES HAVIA UM ESTACIONAMENTO E UMA ÁREA DE RECREAÇÃO INFANTIL COM O TEMA DA ÁGUA, EM UM OUTRO TRECHO QUE NÃO INTERFERIA NA VISUALIZAÇÃO DO CONJUNTO HISTÓRICO.

- 11 O DESIGN CRIATIVO E A PRESERVAÇÃO ICÔNICA IMAGÉTICA DE BRASÍLIA - Angelina Quaglia  
A PARTIR DOS TRABALHOS DE ATHOS BULÇÃO E DANILO BARBOSA
- 15 UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS - Alexandre Guerra
- 16 MERCADO DE ARTE | PARTE FINAL: O MARKETING, ESTUDO DE CASOS. - Patrícia Lunes  
O ARTISTA NA VITRINE
- 20 ENTREVISTA COM TONINHO EUSÉBIO - Malu Perlingeiro
- 24 DECIFRÁVEIS IMAGENS TEXTUAIS DAS ENTRELINHAS - João Diniz
- 30 JANELAS - Vivi Manzur
- 34 PLANALTINA - A RAIZ DE BRASÍLIA - André Berçott
- 36 O PROJETO DE LEI 827/2020 – SUSPENSÃO DOS DESPEJOS DURANTE PANDEMIA - Luciano Brasileiro
- 38 REFLEXÕES COMPARTILHADAS - Maria Helena Costa
- 41 O RASTAFARI VISITOU BRASÍLIA - Luiza Junior
- 44 BRASÍLIA, INVERNO DE LUZ E CORES - Carolina Sena
- 46 SÃO JOÃO BATISTA - Luciana Azevedo e Jézer Junior
- 48 PANDEMIA, PERSONA, RISCOS E APRENDIZAGEM - Francisco Araripe
- 49 O MILHO NA CULINÁRIA E UMA RECEITA PARA AQUECER CORAÇÕES - Juliana Rampim
- 50 A CULTURA COMO VÍTIMA DA COVID-19 - Jorge Nassar
- 51 CABINE LOTADA - Rubens Perlingeiro
- 52 CENÁRIO MORFOCLIMÁTICO. USO ESPECIAL DE SOLO - SIA, BRASÍLIA - Marta Romero e Maria Eugenia Mansilla
- 58 AVALIAÇÃO DA VENTILAÇÃO URBANA DA SUPERQUADRA 500 DO SUDOESTE - Marta Romero e Nathália Faria
- 65 MEGAPROJETOS x POROSIDADE URBANA: UM ENSAIO NA SAÍDA 7 NO RIO DE JANEIRO - Giovanna Scalfone
- 67 AS SUPERQUADRAS NA PANDEMIA - Maurício Andres
- 71 LIVRO A ÁGUA FALA - Maurício Andres
- 73 AFROGRAFISMOS DE OLUMELLO - Nelson Inocencio
- 75 FOTOGRAFIA E ARQUITETURA - UMA PERCEPÇÃO FRAGMENTADA DA IMAGEM - Lucas Pontes
- 78 CONCURSO ROSA KLIASS: O PRÊMIO DA ARQUITETURA DA PAISAGEM - Lúcia Helena Moura (ABAP)
- 83 A VERDADEIRA CRIAÇÃO DA CATEDRAL DE BRASÍLIA- CHARGE - Frederico Flósculo



# QUEM É VOCÊ NA FILA DO PÃO DA SEMANA DE 22?

Conte-nos qual personalidade da  
Semana de 22 assemelha-se com você, e por quê!

Crie uma obra e envie para  
contato@paraboloide.com, explicando sua ideia!

A melhor ideia terá sua obra difundida na  
Revista 15.47, da PARABOLOIDE.COM,  
com direito a REPORTAGEM!

Envio até dia  
31.07.2021!

Tire suas dúvidas:  
☎ (61)98177-2538!

EU TENTEI SER NORMAL  
MAS NÃO GOSTEI



ANGELINA QUAGLIA

## ● DESIGN CRIATIVO, ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA

### O DESIGN CRIATIVO E A PRESERVAÇÃO ICÔNICA IMAGÉTICA DE BRASÍLIA A PARTIR DOS TRABALHOS DE ATHOS BULCÃO E DANILO BARBOSA

Certamente muito já foi dito sobre esses dois grandes nomes da produção do design de Brasília, porém, ainda há muito para se falar e reverenciar. Um deles, Athos Bulcão, artista plástico e professor, foi o criador das obras de arte que trouxeram cor ao véu branco pou-sado no chão do cerrado, e certamente mais contemporaneidade para a cidade. Integrou com a poesia de suas criações a arte e o urbanismo, fazendo de Brasília uma galeria a céu aberto. O outro, Danilo Barbosa, arquiteto urbanista, e tornou-se, por ordem do destino e competência, criador das placas norteadoras da capital federal, que remetem à cidade um ar mais jovial e ainda mais contemporâneo. Suas placas de sinalização são parte de nossa paisagem, assim como as obras de Bulcão, e sem ambas, a cidade não seria a mesma, não há dissociação entre suas obras e a cidade.

Porém, se não há dissociação entre seus feitos e a cidade de Brasília, por que então alguns brasilienses esqueceram-se de lutar pela permanência e manutenção daquilo que faz parte de todos nós? Dito isso, refiro-me às obras perdidas de Athos Bulcão demolidas ou arrebatadas sem piedade e com ignorância, trocadas por porcelanatos e pedras, ou àquelas que antes criadoras de raízes profundas em todos nós acabaram deterioradas por falta de zelo. Digo o mesmo acerca das placas de sinalização de Brasília, que têm sido trocadas por algo que nem de perto, e nem de longe, assemelha-se ao que foi implementado por Danilo Barbosa.

Cabe aos que sentem a cidade pulsar em suas veias o ensino referente ao patrimônio, a entrega de tempo pessoal para a sua manutenção e educação daqueles que ainda, por ignorarem sua importância para o mundo, deixam de perceber o que fazem com nossa memória.

“Pintura para mim é a música silenciosa.”

## ATHOS BULCÃO



Azulejos da Igreja 307/308Sul  
Fonte: FUNDATHOS

Não há nada mais reconfortante do que entrar em algum espaço, olhar para uma bela parede de azulejos (Figura 1), modernos, coloridos, “tropicais”, ou para um painel deslumbrante em madeira laqueada, como é o caso do vermelho (21 da escala cromática de Bulcão), vivo, no relevo em madeira localizado no hall da Ala Teotônio Vilela, no Senado Federal (Figura 2), impecável, e poder afirmar que eles são de Athos Bulcão. Faz

com que nos sintamos em casa, que respiremos Brasília, até mesmo quando estamos num apartamento no Catete, Rio de Janeiro, local de nascimento de Athos Bulcão, em 2 de julho de 1918 (nossa homenagem com a capa desta revista).

A memória dos brasilienses está impregnada nos azulejos que costumeiramente nos cercam. Estamos imersos nas cores que pulsam, em edifícios



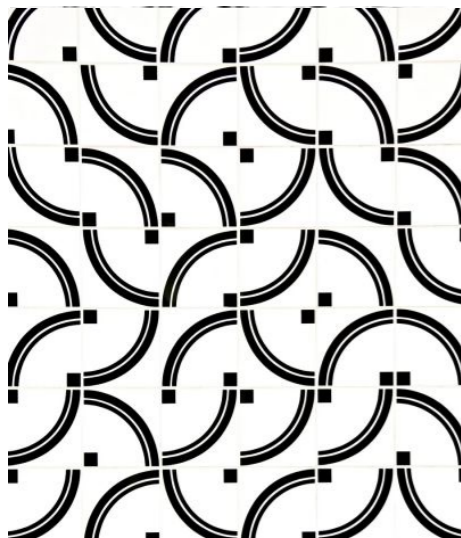


Figura 1: Azulejos TRAMA, dispostos no Instituto Rio Branco, em Brasília. 1998. Fotografia: Edgar Cesar



Figura 2: Relevô em madeira, hall da Ala Teotônio Vilela, Senado Federal, 1978. Fotografia: Edgar Cesar

públicos e privados, em apartamentos e casas, em áreas externas e internas. A presença de Bulcão está em todo lugar, e torna-se grande, contínua e, mesmo que costureira, ainda faz com que paremos embasbacados diante de alguma de suas peças, pensando quão criativo ele foi. Segundo Gastal (2010,) Bulcão e sua obra “compõem a história e a identidade desta cidade cuja Santíssima Trindade Estética é composta por Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Athos Bulcão”.

A azulejaria no Brasil por um tempo foi esquecida, e especula-se que o interesse tenha ressurgido, fruto do fortalecimento da identidade nacional, da massificação da arte (necessária ao período) e do engrandecimento da arquitetura brasileira, datando da fusão das artes com a arquitetura, em especial a azulejaria, em meados do século XX, entre os anos 30 e 60. Entretanto, a azulejaria no Brasil faz-se ainda mais antiga, e ocorreu devido ao processo mimético de peças por nossos colonizadores, a fim de cultivar os moldes europeus. Foi apenas com a visita de Le Corbusier ao Brasil que a azulejaria veio novamente à tona, tendo como ícone maior o edifício do Ministério da Educação e Saúde – ou Palácio Capanema –, no Rio de Janeiro (Figura 3).

Para Bruand (1999), o ressurgimento do interesse pela azulejaria deveu-se à necessidade de apropriação de algum passado, de alguma memória de arte ou de arquitetura nativas, a fim de harmonizar as obras em concreto, modernistas. Foi então definido que a arte a ser retomada seria a azulejaria dos nossos colonizadores, como ancestrais, e adicionadas às obras do modernismo brasileiro. Segre (2004) já afirma que a “humanização” da linguagem modernista ocorreu por meio da azulejaria, tendo consigo grandes



Figura 3: Palácio Capanema - Rio de Janeiro. Fonte: Rio.gov

artistas como Cândido Portinari (a exemplo do Palácio Capanema, no Rio de Janeiro; e a Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte), dentre tantos nomes, pois desfez-se um pouco do vocabulário abstrato, do frio concreto, trazendo a tropicalidade, e “(...) propiciou graça e fluidez às linhas geométricas, funcionando como elemento mediador entre o estático da forma e o meio ambiente”. Com esse feito, permitiu-se a aproximação, como podemos observar em Brasília, do público com as artes.

Athos faz parte deste processo, deste período, da “desbrutalização” do concreto modernista, tornando mais leves as paredes de obras pesadas, no momento em que Juscelino Kubitschek permitiu a todos nós a cidade monumento. O azulejista Athos, encantado pelas artes por “culpa das irmãs”(1), é parte dessa identidade imagética de um tempo de mudanças, basta observar-mos a Igreja de Nossa Senhora de Fátima (Figura 4), localizada entre as quadras 307 e 308 Sul. A leveza deu-se não apenas pelas mãos de Niemeyer, mas pela beleza e genialidade da azulejaria de Athos.



Figura 4: Azulejos da Igreja de Nossa Senhora de Fátima; Fonte: Ricardo Padue

Em 2008 perdemos um pouco da graça e das cores de Athos Bulcão, que morreu aos 90 anos, quando internado no Hospital Sarah, em tratamento para o Mal de Parkinson. Felizmente ele deixou discípulos como Wilson Romão e tantos outros arquitetos que aprenderam sua matemática, em que não é “a luz da criatividade” que faz nascer a obra, mas sim muito trabalho e raciocínio lógico.

Tive a sorte de conhecê-lo, e de visitá-lo quando doente, levando flores para alegrá-lo, as mesmas que usou como inspiração para algumas das peças que criou. Bulcão foi vizinho de um dos meus tios, e eu, audaciosa quando mais nova, sempre achei que seu olhar era de cumplicidade. Seu olhar, na verdade, era de artista, de homem realizado, de quem certamente já olhava ao longe sua próxima obra. Conheci-o foi um grande prazer, em especial porque o conheci a partir das minhas memórias, das andanças por entre os Blocos (2), por olhar com admiração as 3.391 peças dispostas nas empenas do teatro Nacional, e por ainda hoje sentir-me arrepiada, com olhos marejados, ao tocar em seus azulejos.

## DANILO BARBOSA



Placa de sinalização de Quadra  
Fonte: Danilo Barbosa

Ao caminharmos por Brasília podemos avistar totens e placas elegantes, monolíticos, inicialmente construídos em argamassa armada, posteriormente trocados por estruturas metálicas (déc.90), com letras propícias à visualização para cada uma das tipologias de usuários da cidade, desde o pedestre que observa, ao motorista apressado.

Percebe-se que, mesmo com a sinalização por totens e placas monolíticas, a paisagem urbana mantém-se leve e oferta a graça da permeabilidade visual (3), sem o prejuízo de peças pesadas “atracando” o olhar, que por aqui sente a urgência de enxergar além, por entre os caminhos arborizados e os pilotis. A sinalização está ali, junto à paisagem, compondo-a, mas não invisível! Sua presença é marcante, elegante e leve, e é desta maneira que percebemos a presença da sinalização criada por Antônio Danilo Moraes Barbosa, para nós Danilo Barbosa, e sua equipe, para a capital federal, quando coordenou o Plano de Sinalização de Brasília (Plano Diretor de Sinalização do Distrito Federal - PDS/DF) na Companhia de Planejamento de Brasília (Codeplan), a pedido do então Secretário de Viações e Obras (assim chamava-se na época), José Geraldo Maciel, com início em 1975 (RODRIGUES, 2007).

Na Codeplan, o recém-formado arquiteto (havia apenas três anos que se formara) permaneceu em dois momentos, entre os anos de 1975 e 1979, e num segundo momento de 1982 a 2017.

As icônicas peças surgiram ali, sob a supervisão gentil de Danilo, e equipe empenhada, “gestando um filho” que, grandioso, transformou os caminhos em Brasília (4). A sinalização encontra-se desde 2012 como peça permanente no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMa) (Figura 5). Danilo admitiu ser este “o único exemplo de sinalização urbana que já foi aceito. É uma honra muito grande”.

Cabe aqui ressaltar que se percebe o diálogo entre a sinalização, as edificações e a paisagem. Entende-se a leveza das peças que compõe a paisagem. A proporção segue ao que nasce,



Figura 5: Totem de sinalização de Brasília – Acervo permanente do MoMa.

o urbano, sem que a visão do observador peca-se. Ao contrário, ela (asinalização) auxilia nos caminhos, tal qual seu criador planejou.

A prática com o design surgiu a partir da experiência vivida no início de sua graduação, quando estagiou no Instituto Central de Artes (ICA-UnB), orientado pelo professor Charles Mayer (1933-2013), porto-alegrense que, além de designer, era pintor, cenógrafo, artista gráfico, desenhista e fotógrafo, tornando-se posteriormente um grande amigo. Não poderia ser diferente, pois tendo aprendido com um grande mestre que ao longo de sua carreira havia criado inúmeras identidades visuais e gráficas, os olhos tornaram-se minuciosamente treinados para as composições do design.

O sistema de sinalização criado por ele é elegante, simples e de fácil leitura, além de agregar à cidade de Brasília uma singularidade (Figura 6). Para tanto, foram realizadas consultoria com três escritórios especializados, o que resultou na escolha



Figura 6: Placas de sinalização de Brasília. Fonte: RODRIGUES, 2007





Figura 7: Proposta para a sinalização de Brasília. Fonte: RODRIGUES, 2007

da proposta que conhecemos (Figura 7), e uma pesquisa, também entregue a Lucio Costa, para aprovação do projeto, totalizando 135 páginas, após nove meses de estudos.

Sobre o projeto, vale enfatizar que foi realizado de forma meticulosa, com detalhes à mão, com desenhos do próprio Danilo Barbosa (Figura. 8), que, pai do projeto, garantiu que os nove meses de trabalho visassem ao estudo de cores e reflexão da tinta – por ser Brasília uma cidade muito luminosa (alto Índice de LUX) –, escolha detalhada da tipografia (Helvética, de Max Miedinger e Edouard Hoffman), da geométrica do tipo Grotesca, e trabalhoso estudo sobre as normas nacionais e internacionais de sinalização (JOE. 2007). O resultado foi, tal qual é Antonio Danilo, perfeito, sem margens de erros, realizado à exaustão. As cores, indicativas, seguem o padrão internacional onde, “o verde é direcional, o local para onde se está indo, e o azul indica o lugar onde a pessoa está. As placas marrons indicam pontos turísticos e foram acrescentadas para a Copa do Mundo, em 2014” (Danilo Barbosa).



Figura 8: Fonte: RODRIGUES, 2007

Não apenas um amigo querido, trazido a partir dos trabalhos ao longo da pandemia da COVID-19, destaco aqui a minha admiração por este arquiteto, e grande homem, cujo nome é sinônimo de boas produções, trabalho árduo e perfeição. Dentre inúmeros projetos estão

o símbolo do IBAMA, criado em 1990, e a logo-marca vencedora do concurso dos 50 anos de Brasília (figura 9), além de diversas publicações enquanto esteve no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).



Figura 9: Brasília 50 anos  
Fonte: Danilo Barbosa

*Danilo Barbosa, talentoso, inspirou tantos outros quando professor na UnB, entre os anos de 1979 e 2003.*

A preciosidade deste trabalho, feito de forma criteriosa, marcando a nossa cidade visualmente, não pode ser abandonado. A falta de manutenção adequada e o desrespeito ao projeto original têm saltado aos olhos, gerando preocupação ao próprio Danilo Barbosa, que em live realizada em 2020 para o projeto 60 Olhares Sobre Brasília, externou o seu incômodo com a falta de compromisso por parte do Estado com relação à preservação deste patrimônio icônico, que nos representa mundialmente e tão essencial para a nossa capital. Tal desprezo pela manutenção de um trabalho tão congruente com Brasília pode ser mais bem observado na pesquisa intitulada PDSDF – Plano Diretor de Sinalização do Distrito Federal, realizado por Joe Rodrigues (2007).

Sendo assim, cabe compreendermos a importância da manutenção de uma das marcas de Brasília mais importantes, se não a mais importante, fruto de muito trabalho, competência e amor pela cidade. Enquanto cidadãos conscientes, como

já dito, precisamos externar a nossa indignação e gerar um alerta para que a nossa identidade não seja desconstruída.

Preservar o nosso patrimônio é uma missão fundamental para a perpetuação do legado para as futuras gerações. ●

### NOTAS

- (1) Athos Bulcão ficou órfão de mãe aos 5 anos de idade, tendo sido criado por suas irmãs Dalila e Mariazinha Bulcão, que o introduziram às Belas Artes. Athos também possuía um irmão mais velho, Jaime Bulcão.
- (2) Blocos são a nomenclatura dada aos edifícios em Brasília. Os edifícios, em grande parte, são formados por estruturas em pilotis (vê-se), as colunas dos edifícios, que permanecem suspensos.
- (3) Permeabilidade visual acontece quando ao olharmos um espaço não há barreiras, permitindo-nos uma visualização limpa.
- (4) Quando realizados os estudos, segundo o texto de Joe Rodrigues (2007), a criação do mobiliário urbano não era algo corriqueiro, como nos anos 90 e 2000, tornando ainda mais significativo o trabalho de Danilo Barbosa.

### BIBLIOGRAFIA

BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo. Perspectiva, 1999. CHARLES, Mayer. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9439/charles-mayer>. Acesso em: 26 de Jun. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7  
GASTAL, Alfredo. In: Superintendência do Iphan no Distrito Federal. Inventário do Conjunto da Obra de Athos Bulcão em Brasília: INBMI. Coordenação Daniela Castro.. Brasília, Distrito Federal. 2010.  
RODRIGUES, Joe ( Antonio R.S. Filho). PDSDF - Plano Diretor de Sinalização do Distrito Federal. O projeto de sinalização do Distrito Federal. Universidade de Brasília, UnB. Brasília, 2007.  
SEGRE, Roberto. Arquitetura Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro. Vianna & Mosley. 2004



ALEXANDRE GUERRA

### ● GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE

# UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS



### VIAJAR! PERDER PAÍSES!

Viajar! Perder países! Ser outro constantemente, Por a alma não ter raízes De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim! Ir em frente, ir a seguir  
A ausência de ter um fim, E a ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem. Mas faço-o sem ter de meu Mais que o sonho da passagem. O resto é só terra e céu.

– Fernando Pessoa – ●





PATRÍCIA IUNES

● ARTE E HISTÓRIA

# MERCADO DE ARTE | PARTE FINAL: O MARKETING, ESTUDO DE CASOS. O ARTISTA NA VITRINE

O cenário era de absoluta perplexidade. Bastava conduzir o olhar em um passeio discreto ao redor do salão principal da conceituada casa de leilões Sotheby's para que fosse possível perceber, nas fisionomias dos presentes ao evento, que se tratava de mais um instante de glória no mundo das artes, o momento ápice que pautaria veículos de notícias ao redor do mundo nos dias subsequentes. A arte contemporânea acabara de demonstrar, em grande estilo, uma de suas estratégias de marketing mais conhecidas: a arrebatação vinda do inusitado, do alvoroço, do espetáculo.

A descrição acima seria perfeitamente factível em quaisquer instituições respeitáveis dos grandes centros, sobretudo quando, legitimadas por agentes artísticos, anunciam a venda de obras de arte que alcançam patamares de elevado valor monetário. Ocorre que estamos a falar do artista inglês Banksy, cuja construção profissional explicita uma trajetória que alia inovação, subversão, talento e um sistema eficiente e contínuo de publicidade; ora explícita, ora subliminar.

Por esse motivo, tornara-se imperioso arriscar algo inédito naquela noite. O mundo estava a observar, com esfaimados olhos de lince, o alcance financeiro que teria aquela arte de protesto e que, de modo irremediável, conquistara o público desde suas primeiras manifestações nas ruas de Bristol. Estaria a rebeldia domesticada pelo *establishment* ou faria dele sua catalpa para voos mais ousados?

Dessa forma, no referido evento, em cinco de outubro de 2018, ao ter arrematada uma de suas obras mais populares, intitulada *Menina com balão*, Banksy, por meio de um dispositivo acoplado à moldura, faz com que o suporte seja fatiado (até a metade) diante dos espectadores atônitos. O artista havia cumprido, com maestria, sua missão. Estava impresso, nos anais do mundo das artes, o seu inconfundível DNA, sua marca de sucesso (1).



Imagem Jack Taylor, brasil.elpais.com/cultura

É muito provável que alguns estejam a pensar no perfil imagético construído por Banksy no decorrer dos anos. Seu estilo único, perfeitamente identificável e habilmente moldado sob a aura do antissistema, do desafio ao status quo e da coragem em explicitar todas essas manifestações de liberdade criativa e ideológica por meio da arte, se descolaria, em tese, do deus da riqueza, controlador do mercado e usurpador dos talentos.

Além disso, o artista costuma externalizar sua objeção aos galeristas, aos *marchands* e à prática do *marketing*. No entanto, é exatamente essa resistência que nos leva a pensar se não seria a aversão do artista às várias instâncias do Estado e do sistema constituído das artes um dos agentes, o elemento incentivador ideal para divulgar e popularizar seu nome e suas obras. Essa persona construída por Banksy possui duas faces, aparentemente antagônicas, mas definitivamente complementares.

O próprio sigilo a respeito da identidade do artista e os incontáveis malabarismos feitos para que jamais fosse flagrado em ação dinamizam o interesse por sua figura e por seu trabalho. Sugere uma espécie de incitação à curiosidade e ao proibido, admiração pelo herói solitário e inventivo. Caso queiramos avançar um pouco mais em nossas tergiversações, diria que fomos capturados não apenas por admiração à obra, mas pela sensação de pertencimento à causa que grita

em favor dos direitos das minorias, à liberdade de expressão e contrária às flagrantes desigualdades sociais e econômicas que castigam os vários rincões do planeta.

Desde o início de sua carreira Banksy demonstrou ser um hábil construtor do enredo dessa história que mescla suspense, inteligência e uma boa dose do mordaz humor britânico. Entretanto, diante daqueles que relutam em realizar uma conexão entre o modo como o artista lida com sua carreira e o racionalismo ofensivo do ambiente mercadológico, sugiro nos atermos um pouco mais às minúcias.

Retornemos, a fim de que não escapem aspectos relevantes, às manifestações de parte dos atores diretamente envolvidos no episódio que escolhemos para objeto de reflexão. A feliz compradora anônima, que arrematou a obra por pouco mais de 1 milhão de libras, não desistiu da compra após o ocorrido. E quem, ostentando uma lucidez mediana de raciocínio, o faria?

A europeia que adquiriu a obra assumiu, em entrevista: "Num primeiro momento, fiquei chocada, mas de logo entendi que teria comigo um pedaço da história da arte". Para potencializar ainda mais o investimento e o episódio, a empresa Pest Control, representante do artista Banksy, conferiu novo título à obra que passou a ser não mais *Girl with Balloon*, mas *Love is in the Bin*, em tradução livre, O amor está no lixo.

O diretor das galerias de arte Brandler Art Galleries, John Brandler, descreveu como "episódio absolutamente brilhante". Segundo ele, "quanto mais publicidade uma obra recebe, mais valiosa ela tende a se tornar" (2). E quanto à casa de leilões? Tanto o próprio Banksy quanto a Sotheby's afirmaram que a casa não havia sido informada do que iria ocorrer. De qualquer modo, o responsável pela área de arte contemporânea da Sotheby's declarou que "a casa de leilão está feliz em confirmar a obra recém-intitulada *Love is in*



Imagem retirada do livro BANKSY, GUERRA E SPRAY. Ao lado da imagem a frase: "As pessoas ou me amam, ou me odeiam ou realmente não dão a mínima". Pág. 238



Do livro Banksy, guerra e spray. Southampton Row, Londres, 2005. Pág. 210



Do livro Banksy, guerra e spray. Posto de controle, Ramallah, 2005. Pág. 140

*the Bin*, a primeira obra de arte da história a ser criada ao vivo em um leilão". Em matéria publicada pelo jornal El País, o aspecto financeiro da carreira do artista é mencionado com o sugestivo título "A subversão milionária de Banksy" (3).

Ainda que Banksy tivesse como propósito a louvável crítica à mercantilização da arte, o que sucedeu ao impacto inicial (após a danificação parcial da obra leiloadada) foi uma grata e generosa distribuição de porções de felicidade entre a compradora, a Sotheby's, os representantes do artista, o próprio Banksy e grande parte dos fãs ao redor do planeta que desde há muito ambicionam adquirir uma serigrafia, um chaveiro, uma caneca, ou qualquer outro objeto de consumo durável que realize a mágica de encurtar o percurso entre o símbolo do objeto de desejo, o conceito e a parede ode casa (4).

Essa transformação e apropriação do conteúdo de protesto pela indústria cultural que acena às massas não é exatamente uma novidade. No enalço do movimento Hippie dos anos 1960, anticonsumista, naturalista e antimassificação, estavam os grandes nomes da moda com suas peças de roupas rasgadas, com franjas ao estilo indígena norte-americano ou bordadas com flores e ícones ambientalistas. As marcas do protesto por meio do vestuário inundaram as vitrines dos grandes magazines e das boutiques de marca que as exibiram, sem quaisquer pudores, com preços vultosos; provavelmente para consumo de pessoas que não pertenciam ao movimento *Hippie*, ousado dizer. A apologia ao estilo de vida simples e desapegado fora abocanhada pelas famintas indústrias têxteis. Ainda hoje nos é possível identificar facilmente o estilo *hippie chique*, com adaptações, em destaque

entre coleções da alta-costura. Processo similar ocorreu com os *punks* dos anos 1970, cujo visual acabou "assessorado" pela estilista britânica Vivienne Westwood.

Fundamental compreendermos o fluxo que vai do conceito, da ideia original, ao apreciador da obra de arte, ao destino ambicionado por aqueles que oferecem seus produtos. Falseiam em seus entendimentos os que veem no comprador um ser estereotipado, um consumidor inerme das artimanhas publicitárias. Se assim o fosse estaríamos fadados à lobotomização geral da humanidade. Entretanto, diante do que nos indicam estudos de comportamento, cada vez mais um contingente expressivo de pessoas tem se deixado encantar pela doce voz da sereia, ainda que ela esteja adornada com pequenos corações nas faces e com purpurinas em cores primárias e vibrantes.



Imagem www.britto.com



Desse modo, um artista brasileiro conquistou admiradores e uma polpuda e invejada conta bancária. A considerar, ele é quase certamente o artista brasileiro mais conhecido no mundo. Foi nomeado Embaixador das Artes no Estado da Flórida (2005) e criou, a pedido da Organização das Nações Unidas, uma tiragem especial de selos postais (2008). É fato que muitos não apreciam a estética de seu trabalho ou o modo como construiu sua *persona*, um tanto *kitsch*. No entanto, Romero Britto se transformou em figura única no meio artístico mundial com obras permanentes em locais importantes de Tel Aviv, Suíça e Nova Iorque, onde recebeu, do respeitadíssimo The New York Times, o comentário amistoso de que sua obra “exala calor, otimismo e amor”.

No Brasil, teve seu trabalho desqualificado, não obstante ter permanecido com parte do público que ainda hoje o reverencia e o acompanha. Ao longo de sua carreira e após aparições exaustivamente propaladas ao lado de figuras públicas como Elton John, Madonna, Sylvester Stallone, Barack Obama e Dilma Rousseff, o artista, que já ocupou inúmeras páginas de certa revista de fofocas “sociais”, vendeu a ideia de “levar alegria para todos” por meio de cores e formas simples. É considerada sua obra-síntese e notadamente uma das mais conhecidas *The Hug*, em português, *O Abraço*.

Ao utilizar o mesmo estilo em praticamente todas as suas criações, durante anos consecutivos, Romero Britto cravou no imaginário do público sua marca indelével, ao mesmo tempo em que saturou os ambientes e as mídias com imagens pouco originais em bonés, saídas de praia, bloquinho de notas, garfos, colheres e facas; parte dos objetos que a tal revista entregava como um pequeno *souvenir* aos seus leitores.

Romero Britto cresceu sob a tutela da cultura da Pop Art, e conseguiu galvanizar personalidades ao redor dos retratos que cria e com os quais os presenteia. Inegavelmente, instiga em muitos de seus admiradores a projeção pessoal, a ilusão consentida de estarem próximos às celebridades, de serem bem sucedidos e reconhecidos pelos famosos. Além de ajudar a formar faixas inusitadas Brasil afora.

Independentemente das minhas avaliações pessoais a respeito do artista e sua obra, Romero Britto permanece como exemplo de marketing ostensivo e bem-sucedido, ao menos no exterior. Compreendeu a melhor maneira de reforçar o sistema de associações, que tem início na construção de sua própria imagem, e que desencadeia uma lógica seriada: artista → celebridade → sucesso → status → objeto. Recordando Bourdieu, diria: o acesso, por empréstimo, do capital social e simbólico acumulado pelo artista.

Outra cria da Pop Art também obteve destaque no panorama artístico com suas composições gigantescas e coloridas, mas com a proposição de uma nova abordagem de natureza conceitual. Ao invés do apelo à emotividade pueril de Britto, Jeff Koons elevou a outro patamar suas produções embasadas em conceitos mais elaborados e em obras cujas execuções demandam reconhecida complexidade técnica. Refiro-me a algumas de suas obras, pois, como bom filiado à Pop Art, não resistiu ao impulso de trabalhar com peças já prontas (os conhecidos *ready-made*), apenas transformando-as(5).

Koons revisitou temas da arte dos anos 1950/1960, não se abstendo de reforçar alguns dos conceitos que marcaram aquele período: o

consumismo, a sedução pela imagem, a exaltação ao narcisismo. Aspectos perfeitamente compatíveis e muito bem absorvidos por nossa sociedade do momento.



Ballon Dog: obra mais conhecida do artista [www.jeffkoons.com](http://www.jeffkoons.com) - Balloon Dog

Os novos objetos foram agora executados com aço espelhado polido e muito resistente. Surgiram cachorros, ursos e outros animais do universo infantil em forma de balões duráveis e colecionáveis. De outra espécie, muito longe das criações lúdicas, estavam as esculturas em vidro ou cera e as imagens em grandes formatos nas quais o artista revelou ao mundo momentos de sua intimidade protagonizados por Ilona Staller (mais conhecida como Cicciolina), com quem foi casado por três anos. A icônica exposição *Made in Heaven* (1991), uma flagrante encenação egoica, revelou-nos uma outra vertente do processo criativo do artista. Cenas picantes, pouco espontâneas em algumas imagens, sugeriram a construção de um paraíso idealizado por muitos mortais. O conceito? A arte com temática sexual é algo que está próximo a todos, afinal, é imperativa a perpetuação da espécie; es-sa a declaração de Koons, em minhas palavras. Felizmente, nem todos estão lá muito interessados no conceito elaborado pelo artista. Registre-se, nesse caso em específico.

Seria crível relacionar o consumo não apenas ao desejo de posse do objeto, mas à aquisição de algo mais abstrato, comportamental e subliminar? Quais sentimentos e sensações de recompensa teríamos ao observar, através do buraco de uma fechadura gigante, os momentos privados de um casal plasticamente perfeito? Jeff Koons dividira, generosamente, seu pequeno paraíso com todos aqueles que porventura quisessem desfrutá-lo.

Quase tudo em *Made in Heaven* foi calculado para que o artista e sua acompanhante estivessem em destaque na vitrine, para que fossem o verdadeiro objeto de consumo visual. Há tempos Jeff Koons direciona os esforços de sua brilhante carreira para o marketing. É o que se observa desde o expressivo grupo de profissionais que o assessora (publicitários, administradores e artistas auxiliares) até as características pessoais que o fazem conhecido como hábil empresário e divulgador de si mesmo. Para Nicolas Bourriaud, alguns artistas, como Koons e Sherrie Levine, atuam como intermediários, “corretores de desejo cujos trabalhos representam simples simulacros, imagens nascidas de um estudo de mercado, e não de alguma ‘necessidade interior’, valor mínimo”(6).

Longe de ser um problema *a priori*, a utilização da publicidade e do marketing agressivos nas artes plásticas revelam apenas mais um dos sintomas do nosso ambiente contemporâneo e demonstram, no que concerne aos três estudos de caso abordados neste artigo, a lucidez e a percepção comportamental que Banksy, Britto e Koons têm do nosso momento histórico. Na realidade, a divulgação do trabalho artístico, que pode ocorrer em vários níveis de intensidade, é um dos caminhos possíveis para que o artista chegue ao comprador ou ao conhecimento do público e demais agentes culturais (7).

No entanto, existem os que criticam, com argumentos contundentes, o uso excessivo e descontextualizado da publicidade e do marketing, que aproximaria o artista das pirotécias de espetáculo, do show business e provocaria um esvaziamento do propósito de seus trabalhos.

Um desses críticos é Luciano Trigo, que, em sua obra *A grande feira*, nos traz o pensamento de que “Hoje a arte está domesticada pelo dinheiro e pelas estratégias de marketing. Como tal, está sujeita aos ciclos de qualquer outro mercado especulativo (...) aproximando-se da moda e do

espetáculo, ela deixou de ser veículo para uma reflexão crítica sobre a sociedade, tornando-se mero produto de mercado” (8).

Nesse diapasão, surgem questões outras como a autenticidade da obra de arte, sobretudo quando em exposição excessiva e generalizada nos meios de comunicação e nas redes sociais; a veracidade e o real alcance dessas imagens, tanto para quem as divulga quanto para quem as consome e a ansiedade descontrolada que muitos vivenciam ao longo de todo esse processo de perda gradual da privacidade e da discrição. De forma sarcástica, não obstante verossímil, Luiz Felipe Pondé nos entrega a máxima de que “o século XXI será o século da mentira, do marketing e da psiquiatria” (9).

Ainda do mesmo autor, um pequeno excerto da obra *A era do ressentimento*: “Os documentos estudados pelos nossos descendentes para compreender como vivemos, sentimos, trabalhamos, sonhamos e morremos serão as pesquisas de mercado feitas pelas agências de publicidade. Além de não padecerem da doença ideológica, os publicitários e marketeiros, melhores cientistas sociais do mundo contemporâneo, perdem o emprego ou a conta do cliente se não entregarem uma percepção a mais próxima possível da realidade para o seu cliente”(10).

Como simpatizante do pensamento platoniano a respeito do belo, enquanto pauta fundamental para a compreensão do sentido da vida, socorro-me da escolha do caminho do meio, da ponderação e do devido reconhecimento das características que, juntas, constroem ou apontam os sintomas da nossa complexidade contemporânea. Instigar o desejo não tem relação com a ideia de necessidade. Portanto, métricas distintas deverão ser utilizadas para pensarmos, de maneira mais segura e acertada, comportamentos diversos.

A arte e o capital estiveram, durante séculos, interrelacionados e é compreensível que essa simbiose tenha se intensificado, sobretudo nas últimas décadas, quando os recursos tecnológicos e as redes sociais impulsionam o mercado como um todo e conferem outras compleições à sua face. Oxalá a primazia da experiência estética e o bom senso, alentos de que algo elevado, de sublime, paira acima do frenesi pela busca dos holofotes a qualquer custo e em qualquer tempo, seja nosso maior e mais seguro consolo. ●

## NOTAS:

- (1) Segundo declaração do próprio artista em uma rede social e no YouTube, o objetivo era a destruição completa da obra. O artista chegou a divulgar vídeo onde teria feito inúmeros “testes” antes do leilão e todos haviam obtido êxito.
- (2) Conforme reportagem em [www.bbc.com/BBC News Brasil](http://www.bbc.com/BBCNews/Brasil), em 6/10/2018.
- (3) Conforme artigo do [www.nsc.com.br](http://www.nsc.com.br) em 19/10/2018 e [www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com), em 12/10/2018, com reportagem da BBC News Brasil.  
- O jornal *El País*, [www.brasil.elpais.com](http://www.brasil.elpais.com), destacou em matéria realizada por Patrícia Tubella “A subversão milionária de Banksy”, em 6/06/2014.
- (4) Em [www.g1.globo.com/BBC News](http://www.g1.globo.com/BBCNews), em 12/10/2018.
- (5) *Ready-made* é um conceito artístico no qual é possível a utilização de qualquer objeto industrializado, do cotidiano, para se expressar artisticamente. O simples fato de retirar o objeto do seu contexto inicial já altera parte de seu símbolo. O francês Marcel Duchamp é considerado o criador desse movimento (*objet trouvé*).
- (6) Nicolas Bourriaud, Pós-rodução: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Pág. 25.
- (7) Na edição anterior da revista 15.47, foram abordados temas relativos à carreira do artista e o mercado de arte.
- (8) Luciano Trigo, *A grande feira: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea*. Págs.213 e 214.
- (9) Comentário realizado no curso de pós-graduação em História, Filosofia e Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 2021.
- (10) Conforme Luiz Felipe Pondé, *A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo*. Pág. 77

## BIBLIOGRAFIA:

BANKSY, *Guerra e Spray*. Tradução: Rogé-rio Durst. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

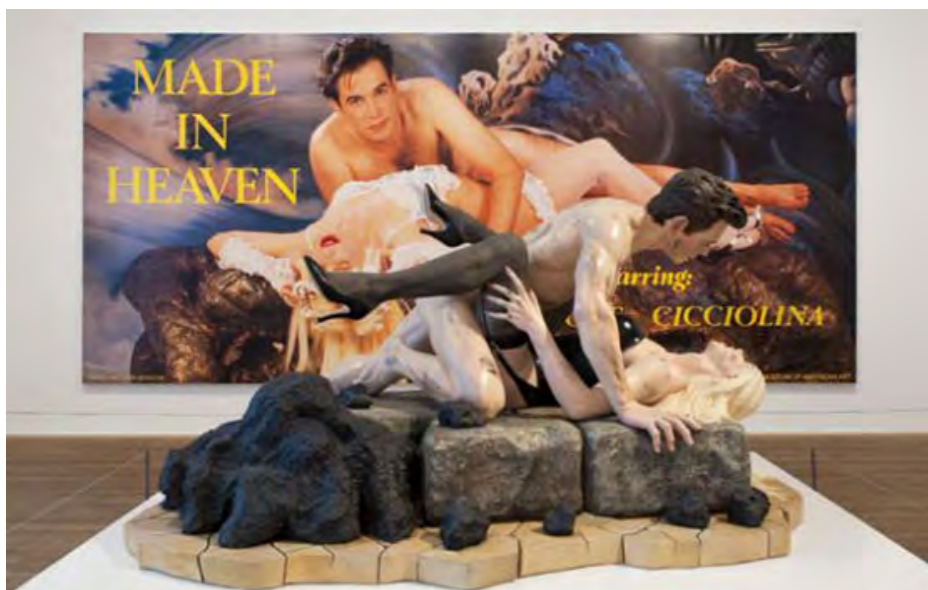
BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção: co-mo a arte reprograma o mundo contemporâneo*, São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GREFFE, Xavier. *Arte e Mercado*, São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2013.

MACHADO, Arlindo. *Arte e Mídia*, Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PONDÉ, Luiz Felipe. *A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo*. São Paulo: LeYa, 2014.

TRIGO, Luciano. *A grande feira: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea. 2ª edição*, Rio de Janeiro: Record, 2014.



Retrospectiva da Mostra de Jeff Koons em Bilbao, Espanha. 2014





MALU PERLINGEIRO

● NOVAS ARTES EM BRASÍLIA

# ENTREVISTA COM TONINHO EUSÉBIO

Imagens pelo autor

Na 5ª edição da *Revista 15.47* do mês de junho, o entrevistado é o artista visual TONINHO EUZÉBIO, que, munido de um caderno Moleskine, caneta, celular e de um olhar diferenciado, além de muita inspiração, complementa a realidade interferindo com seus desenhos e ilustrações, de forma lúdica e divertida, nos registros fotográficos de paisagens e monumentos.

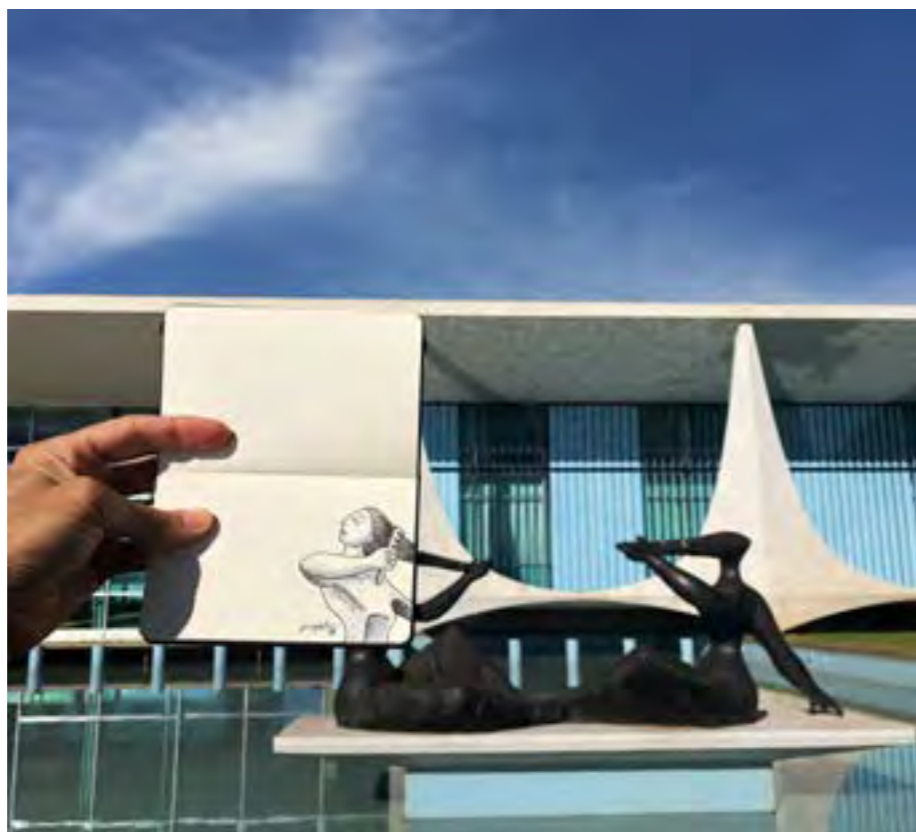


**1 – Conte-nos um pouquinho de sua história. Seu dom artístico está no sangue, é hereditário? Há outros artistas em sua família? Onde você nasceu?**

Sou goiano, de Goiânia mesmo. Eu e minha família, pai, mãe e mais cinco irmãos, nos mudamos para Brasília em 1972, cheguei aqui com 6 anos de idade. Meu pai era mestre de obras e como as oportunidades na área eram muitas, isso nos trouxe para cá.

Apesar de não ter investido muito nisso, lembro bem do meu pai fazendo desenhos para mim, principalmente de um personagem que ele gostava muito, o Amigo da Onça. Também era comum ouvi-lo arrancar uma sanfona ou um violão.

Minha mãe era dona de casa e se dedicava principalmente a meu irmão que sofria de paralisia infantil. Amadoristicamente, mas com um talento incrível, rabiscava canções e poemas em



guardanapos ou em qualquer outro papel disponíveis à sua frente.

Ainda criança meus pais percebiam em mim um certo jeito para o desenho e na medida do possível, já que as finanças não eram as melhores, o meu pai me incentivava nisso. Ele me levava para a Feira da Torre, e lá me deixava ficar por um bom tempo observando os pintores que faziam seus quadros na hora.

Aos 12 anos comecei um curso por correspondência no Instituto Universal Brasileiro onde minhas notas eram bem altas, mas em um certo momento, me mandaram uns exercícios

em que as notas eram de zero a no máximo 3 e isso fez com que meu pai me tirasse do curso, já que não estava rendendo... Alguns dias depois, revendo os exercícios vi que não eram meus mas aí o estrago já estava feito e não voltei para o curso.

Mais tarde, aos 15 anos, fiz um curso de pintura a óleo aqui em Brasília mesmo, isso deu uma turbinada na vontade de ser artista.

**2 – Qual sua formação profissional além de ser artista visual? Em que trabalhava antes de se dedicar à arte? Continua exercendo essa profissão?**

Sempre estudei em escola pública, no Guará, onde o meu segundo grau foi Técnico em Artes Gráficas. Essa formação acabou me levando muito cedo para o mercado de trabalho e me tirou o tempo de estudo para entrar na universidade de arquitetura, que era o meu sonho.

Nessa formação, tive a oportunidade de conhecer excelentes profissionais que me potencializaram o conhecimento e exercício do desenho e me deram a base para entrar numa área que foi meu território por quase 30 anos: a publicidade.

Como publicitário, sempre trabalhei em agências em Brasília, nunca quis sair daqui apesar de ter recebido convites. Minha base era como Diretor de Arte, mas atuei também como Diretor de Criação durante muito tempo em agências como DM9DDB, D&MPublicis, Lew' Lara TBWA, 141 Soho Square, entre outras.

Hoje ainda pego um ou outro trabalho na área de criação publicitária, mas não é o que pretendo fazer, estou me dedicando mais à carreira artística.

**3 – Quando começou a se interessar por desenvolver sua arte? O que o motiva? Há quanto tempo a exerce e a aprimora?**

Pois é, na arte em si eu já vinha trabalhando desde a infância. Enquanto era publicitário, meu começo de carreira foi num período no qual ainda não havia computadores. Portanto, qualquer material que era apresentado para os clientes, cartazes, anúncios, etc., eu tinha que desenhar, fosse foto de gente, carro, empreendimentos imobiliários... Tudo era desenhado, inclusive os títulos dos materiais.

Nas minhas criações publicitárias, sempre tentei colocar algum diferencial artístico, principalmente já na chegada dos computadores, quando tudo ficou mais prático e comum, eu tentava dar um toque mais orgânico e fugir das tentações de photoshop e coisas assim.

Mesmo a publicidade exigindo muito tempo de dedicação, sempre que possível participava de concursos de pintura ou mesmo pintava por prazer. Lembro que existia aqui na cidade a Listel, empresa que fazia a antiga lista telefônica de Brasília e eles faziam concursos para a capa. Tive a oportunidade de participar em três anos seguidos e tirei terceiro, segundo e primeiro lugar, não necessariamente nessa ordem, mas foi um orgulho ter minha obra premiada estampada na capa, espalhada nos lares da cidade.

www.paraboloide.com | 5ª Edição



**4 – Qual sua formação como artista visual?**

Na minha formação artística, tive um pouco de tudo. Como autodidata, fiz cursos por correspondência, um segundo grau muito bem aproveitado com um nível de professores espetaculares na minha época, que potencializaram o meu desenvolvimento.

Nunca deixo de estudar, seja vendo vídeos na internet, palestras ou mesmo cursos presenciais, como um de pintura a óleo que tive a oportunidade de fazer em Nova Iorque, durante um período em que participava de uma exposição na cidade, na The Art Students League of New York, uma experiência inesquecível.

Hoje faço um curso de escultura aqui em Brasília com um cara muito fera, o Paulo de Paula, pois quero explorar os mais diversos meios de se fazer arte.

**5 – Existe alguma temática de sua preferência?**

Quando falo do meu trabalho, preciso fazer uma separação: a pintura a óleo ou acrílica e a interferência que é o trabalho que venho fazendo no caderno Moleskine.

Nas pinturas a óleo ou acrílica, minha tendência é partir para cenas que retratam pessoas e tenho um projeto já em desenvolvimento que envolve a publicidade.

No Moleskine evito enfocar pessoas, procuro

trabalhar com qualquer elemento, que pode ser uma árvore, um prédio, uma lixeira ou qualquer outra coisa que me traga inspiração, uma vez que essas obras são realizadas, na sua maioria, de forma instantânea.

Gosto muito de usar Brasília nas temáticas, se bem que eu acho que é Brasília que me chama para fazer algo. A cidade tem uma arquitetura singular, favorecendo minha dinâmica de trabalho e posso trabalhar os elementos, no caso os monumentos, de forma isolada, facilitando o processo criativo.

As criações são feitas em diversas formas, há ideias sugeridas por minhas filhas, amigos ou até mesmo seguidores do Instagram. Outras ideias me vêm de tanto passar no local e costume imaginar o caminho a seguir. Algumas vezes chego com uma abordagem definida, mas na hora, dependendo do ângulo, tudo pode mudar.

Como esses desenhos são feitos todos nos locais que serão retratados, fico sujeito ao tempo, como sol, vento ou chuva, por isso tenho que realizar de maneira rápida para não ter risco de mudança. Rascunhos não são uma coisa costumeira, normalmente faço as ilustrações direto com a caneta, para agilizar o processo e não perder o tempo da luz.

A primeira coisa que faço quando chego ao local onde quero fazer o trabalho é tirar várias fotos com o celular, que é a câmera que uso mesmo. Coloco o caderno na frente e posicionado onde imagino e o experimento em diferentes posições:





na vertical, deitado, uma página ou duas. Então defino como vai ser o desenho. Depois é só desenhar e quando termino volto a tirar várias fotos, só que aí, já com o desenho finalizado e posicionado corretamente. Tiro várias fotos, pois encaixar no local certo é bem complicado, daí tenho que escolher a que melhor me atende.

**6 – Seus trabalhos são expostos em galerias e espaços culturais, ou mais comumente podem ser vistos nas redes sociais? As redes sociais abrem portas mais facilmente e atingem o público de forma mais imediata? Essa é sua intenção principal (a interação imediata com o público)? Seus trabalhos são expostos também em espaços alternativos como feiras e eventos populares de arte e artesanato?**

Quando comecei com essa proposta de trabalho com os Moleskines, minha ideia era apenas postar nas redes sociais, de forma descontraída e por pura diversão. Mas esse trabalho acabou ganhando uma proporção muito além do que eu esperava e hoje ele é o meu carro-chefe, tanto que a marca dos cadernos Moleskine me convidou para ser embaixador deles no Brasil, isso me deu, além do orgulho, uma noção do potencial das redes sociais.

Poder acabar de concluir um trabalho e compartilhar com o público é bem prazeroso. Consigo ter ideia na hora de como está sendo recebido, porém tenho consciência de que não devo me apegar a isso como forma principal de condução e costumo mesmo fazer o que tenho vontade,

independentemente de um retorno positivo ou negativo. Acho que é assim que a arte deve ser.

Sempre que tenho oportunidade, gosto de participar dos eventos abertos e coletivos como a PickNick e outras tantas feiras na cidade, gosto desse contato com o público. Além disso, coloco alguns produtos que derivam desses trabalhos em lojas colaborativas, como canecas, ímãs, porta-copos, etc., itens que foram demandados pelo público que queria presentear com minha arte, mas não necessariamente com um quadro em *fine art*.

**7 – Suas obras participam de exposições coletivas na cidade? E fora de Brasília?**

Sobre as exposições, apesar de ter começado esse trabalho em 2015, já recebi convite no mesmo ano para participar de exposições coletivas no Cine Brasília, no Arte Foto por dois anos seguidos, no Museu Nacional da República, na Galeria Casa da Luz Vermelha e também em São Paulo, no Ibirapuera.

Em 2018 tive a oportunidade de ser selecionado por uma galeria suíça para participar da Semana de Arte de Nova Iorque. Em março desse mesmo ano essa também foi uma coletiva com 100 artistas de todo o mundo, onde os trabalhos eram expostos em painéis de LED de 2mx2m, de forma randômica. Nessa exposição eu tive como participar presencialmente e a experiência foi incrível. Em maio, o também em 2018, em Nova Iorque, na Semana do Design, outra coletiva expondo quadros físicos.

A partir daí essa mesma galeria passou a me convidar para outras exposições que eles realizam por várias cidades e países, como a Semana de Arte de Miami (Art Basel Miami Beach) em 2019 e 2020, em Zurique na Swiss Art Expo (2019 e 2020), em Barcelona agora em abril 2021 e no mês de maio deste, de 27 a 30, fui selecionado para uma coletiva em Tóquio, mas essa não será pela mesma galeria.

**8 – Realizou exposições individuais? Quantas? Em que locais e datas?**

Em 2016 tive a oportunidade de realizar duas exposições individuais, ambas em virtude do aniversário de Brasília, no mês de abril, uma no Park Shopping e outra no Aeroporto Internacional de Brasília, que também foi bem interessante, pois fiz obras nas dependências do próprio aeroporto e o resultado foi a exposição. Também em junho de 2016, levei essa exposição do Park Shopping para o UniCeub. Em agosto de 2018, no anexo do Palácio do Planalto. Em outubro de 2018, em São Paulo durante a Pixel Show.

**9 – Fale sobre os trabalhos mais importantes, que lhe trouxeram maior satisfação ao realizá-los, ou pelo reconhecimento que recebeu do público.**

As exposições internacionais foram bem gratificantes e me trouxeram uma experiência diferenciada e com certeza puxaram para outras vivências profissionais e reconhecimento. Uma delas, por exemplo, foi a grata oportunidade de ser convidado para o programa *Encontro com Fátima Bernardes*. Isso foi incrível e desafiador para um cara tímido. Ainda bem que era para falar do meu trabalho, assim o nervosismo foi menor.

Outras experiências também foram importantes e me deram muito orgulho. Uma delas foi fazer um painel em azulejo para o TST no formato de 6m x 1,80m, onde o tema era o trabalho infantil. Esse trabalho foi realizado em ilustração digital e impresso em azulejos, depois montado e emoldurado no local. Foi muito prazeroso e o resultado me encheu de orgulho e, em consequência dele, recebi um convite do TRT para fazer mais um painel com a mesma abordagem, porém medindo 3m x 1,80m. Muito gratificante também.

Tem uma história interessante: certa vez uma amiga de minha irmã foi até minha casa para fazer uma oração e benzer os cômodos, pois havíamos acabado de nos mudar para lá. Durante a oração ela olhou para mim e falou, “olha, estou vendo que você vai ser reconhecido

pelo seu trabalho e ainda te vejo ali na região do Congresso por ali, de terno e gravata e sendo homenageado”. Na época não via a menor possibilidade de acontecer o que ela estava falando, principalmente de terno e gravata no local onde indicava. Bom, o tempo passou e não demorou muito. No ano seguinte, em 2018, lá estava eu no Palácio da Justiça, onde doeie uma obra para o acervo permanente, recebendo uma homenagem do então Ministro da Justiça Torquato Jardim. Fiquei impressionado com a realização do que me foi dito pela amiga de minha irmã.

**10 – Você costuma trabalhar com ilustrações encomendadas para compor livros e revistas, ou sua produção se direciona mais para as redes sociais?**

Paralelamente às artes, desde que saí de agência de publicidade, também atuo como ilustrador e faço sim trabalhos para ilustrar livros e matérias de revistas, não me limitando ao ambiente virtual. Outro tipo de trabalho que tenho feito bastante para empresas são vídeos com ilustrações do estilo *Draw My Life*, onde a minha função é ilustrar o que é falado durante a locução, que são geralmente usados nas redes sociais das empresas ou para trabalho de endomarketing.

**11 – Fale-nos sobre sua participação no Calendário 2020 da Vila do Pequenino Jesus. O que o motivou a participar desse projeto?**

Sobre esse calendário, eu recebi o convite para ilustrá-lo sozinho, com essa pegada do caderno Moleskine, já que eles gostam desse meu estilo. Durante a elaboração eu pensei que se assim o fizesse, chamaria toda a atenção para o meu trabalho e não parecia que isso seria o mais importante. Então tive a ideia de chamar outros 11 artistas para ilustrarem cada mês, porém retratados com os acolhidos da instituição. Eles escolheram os 12 personagens e repassei as fotos para os artistas. O resultado foi espetacular e emocionante, cada um fez ao seu estilo, então mostramos para cada um deles os originais, que puderam ver seu rosto pintado por um artista. Foi difícil segurar o choro ao ver a reação deles, valeu cada minuto dedicado a esse trabalho. A Vila do Pequenino Jesus cuida de pessoas com deficiência mental e locomotora, que geralmente foram largados à sorte, abandonados ou cujas famílias não têm estrutura para cuidar. Todos estão em cadeira de rodas ou deitados em camas, a experiência foi marcante.

**12 – Quanto à sua filha Valentina, sabemos que vez ou outra é sua parceira nas ideias**

**e criações. Alguém mais de sua família tem o mesmo dom e contribui com sugestões de temas para suas intervenções?**

Essas intervenções estão mexendo com mais gente do que eu pensava. A Valentina (13 anos) é muito talentosa e realmente, quando a coisa aperta, dou uma ligadinha para ela ajudar. Mas minha filha mais nova, Helena (8 anos), também não fica atrás, ela está se saindo bem nos desenhos, cada uma à sua maneira, uma mais intuitiva e a outra mais na base da disciplina. Sempre há alguém da família dando uma dica de um local onde fazer o trabalho. O mais interessante é que amigos e até seguidores me mandam mensagens sugerindo um ponto e até mandam fotos do local e fazem o desafio. Muito interessante saber que o trabalho está fazendo as pessoas também enxergarem de forma diferente.

Um movimento bem bacana que começou a acontecer em 2018 é que escolas estão usando o meu trabalho como parte de estudo para crianças. Além de estudarem minhas criações, são desafiadas a fazer a sua versão com base nos meus desenhos. E está saindo cada coisa muito fera!! Este ano eu tive a feliz notícia de que a escola da minha filha estava fazendo isso também, e ela chegou toda orgulhosa aqui em casa, hehehe.

O legal é que isso não está limitado a Brasília. Uma escola Marista de Salvador e outra pública do interior do Paraná também estudaram minhas obras. Nessa última cheguei a fazer uma conferência on-line com os alunos, uma experiência bem interessante e gratificante.

Ah, incrível também que uma italiana entrou em contato comigo e o motivo era que ela estava fazendo um estudo universitário sobre esse meu

trabalho. Outra pessoa daqui de Brasília está fazendo uma tese. É muito gratificante saber o quanto a gente pode influenciar a vida de pessoas, para o bem, lógico.

**13 – Quais seus planos artísticos em relação ao futuro? Pretende fazer novas abordagens, explorar novas técnicas e temáticas? Como gostaria que sua arte se desenvolvesse de agora em diante?**

Eu sei que esse trabalho de interferência tem uma vida útil, não posso me acomodar nele e acho que não estou me acomodando, mas tenho em mente que ainda dá para explorar bastante. Minha ideia era fazer um grande tour pelo Brasil e trabalhar os pontos deste país e quem sabe fazer em mais outros países também.

Estou reforçando e estudando outras áreas artísticas; como já disse, terei que me aprofundar nisso pois minha cabeça não fica quieta com um tipo de coisa só. Estou sempre buscando novas superfícies e possibilidades artísticas e essa vai ser a minha meta de futuro, fazer mais e com diferentes recursos, sejam digitais, esculturas ou pinturas clássicas.

**14 – Deixe aqui uma mensagem para Brasília pela comemoração de seus 61 anos.**

Brasília tem sido uma cidade abençoada para mim. Aqui cresci e desenvolvi laços com ela. Minha vida gira em torno disso e sempre que saio para uma viagem, bate uma saudade de voltar a respirar esse nosso clima. Estou feliz de poder criar a minha família e desenvolver a minha vida profissional nesta cidade, um lugar que vi crescer e que tem um potencial riquíssimo de desenvolvimento cultural e de vida. Amo demais Brasília e poucas coisas, que ainda não sei dizer quais são, me fariam sair daqui. ●







JOÃO DINIZ

● ARQUITETURA E PERCEPÇÃO

# DECIFRÁVEIS

## IMAGENS TEXTUAIS DAS ENTRELINHAS

Imagens pelo autor

Decifráveis são imagens de poesia visual, executadas pelo arquiteto Joao Diniz, onde o sentido textual da proposta se mescla com a figura gráfica resultante. As palavras, ou versos, são caracterizadas por cada cor específica e sobrepostos ou intercalados na geometria do quadro modulado, geram uma espécie de padrão caligráfico multicolorido.

O texto é concebido previamente visando um sentido sintético, ou uma narrativa mínima, revelando combinações randômicas de tipos a cada fração da imagem. O alfabeto proposto, e que é operado como máscaras para a pintura, reduz o desenho das letras, transformando-as em signos autônomos, mas combináveis em sua semântica própria.

O resultado é imprevisito gerando uma caligrafia quase ilegível à primeira vista. A percepção pictográfica, ou ideográfica pode prevalecer nessa



FAÇA ARTE, spray sobre tela 30x30cm, 2020

mirada inicial, mas se atentamente observada, conduz à interpretação fonética que revela o sentido textual dessa caligrafia sígnica.

Essa tradução, ou decifragem, da composição pode funcionar como um segredo entre os que conviverão com a obra, e estes poderão convidar os demais, que ao conhecerem a peça, se dedicarão à descoberta da narrativa oculta à primeira mirada.

Dessa forma essas telas pintadas com spray através dos moldes tipológicos podem sugerir um mergulho exploratório na composição, propondo uma espécie de hieróglifo contemporâneo em língua portuguesa, ou eventualmente em outro idioma.



FAZ SUA VOZ / TEM SOM SOA, spray sobre tela 70x70cm, 2021



ESCREVER SUAS PALAVRAS / PROVOCAR NOVA HISTÓRIA, spray sobre tela 80x1200cm, 2020





FICA ONDE TUDO MUDA, spray sobre tela 40x40cm, 2021



LUTA PELA VIDA NOVA, spray sobre tela 40x40cm, 2021



TEMPO ENTOA IDADE SUAVE MENTE / CORPO BUSCA SAÚDE VITAL UNIÃO, spray sobre tela 100x100cm, 2021





FALA ALTO ESSE PAÍS / CADA LADO AFIM SOMA / TODO POVO PEDE VIDA / UNIR LOGO VIAS BOAS, spray sobre tela 90x90cm, 2021



VEM SER NÓS / DIZ QUE SIM, spray sobre tela 70x70cm, 2020



VIVA TUDO, spray sobre MDF 40x40cm, 2020





VIVI MANZUR

FOTOGRAFIA E OLHAR

# JANELAS

Imagens pela autora

Em 2018 estive na terrinha dos nossos antepassados, Portugal. Ao caminhar por lá, em meio a caminhos antigos, por cidades tão diferentes umas das outras e ao mesmo tempo tão acolhedoras, me senti em casa, incrivelmente em casa.



O ar úmido que vem do mar mas que tem um cheiro diferente do nosso mar daqui.

Em outubro o outono traz um frio que para nós parecia o próprio inverno mas para eles é apenas uma brisa que anuncia o frio que há de chegar.

Nas cidades pequenas as pessoas conversavam nas ruas, em frente as casas, muitas vezes um pouco mais alto do que estamos acostumados por aqui. Mas com um ar de Rio de Janeiro com bate-papos nas padarias até com desconhecidos. Não podemos negar nossa história e a influência do velho mundo cá sobre nós.

Mas o que fiquei completamente encantada dentre tantas belezas, em uma luz completamente diferente da nossa, foram as janelas.





Janelas fechadas, janelas antigas e diferentes umas das outras.

Janelas que contam histórias...

Dizem que os olhos são as janelas da alma, e talvez por isso as próprias janelas me chamem tanto atenção. Porém ao refletir sobre tal fato percebo que as janelas por si só não seriam nada se elas não me fizessem pensar em uma história, a imaginética do olhar, o verbo dentro da imagem, é tão importante quanto a própria imagem.

Even Bavcar, fotógrafo cego, disse no documentário *Janelas da Alma*, 2001: "Para mim, a linguagem e a imagem estão ligadas, isto é, o verbo é cego, mas é o verbo que torna visível. Sendo cego, o verbo torna visível, cria imagens. Atualmente as imagens se criam por si mesmas e deixaram de ser resultado do verbo, isso é muito grave."



Na época deste documentário ainda não existia o *Instagram*, que traz à mão de todos o poder da imagem, porém muitas vezes o verbo é esquecido e o olhar interior desprezado.

Por isso eu te convido a viajar comigo nas janelas de Portugal, degustar outra cultura através de sua arquitetura, com belezas diferentes das nossas e também belezas semelhantes às nossas.

Em cada janela, há uma história por trás desta, há um verbo. Janelas ainda novas, usadas ou abandonadas, janelas em que de dentro se vê uma imagem diferente de quem a vê por fora. Janelas que podem ter inspirado poemas e canções, fofocas ou reflexões...Janelas... ●







ANDRÉ BERÇOTT

● HISTÓRIA DE BRASÍLIA

# PLANALTINA A RAIZ DE BRASÍLIA

Fotomontagem Saldanha

Quando propus falar das Regiões Administrativas do Distrito Federal, as antigas Cidades Satélites, estou me colocando em um desafio, que é falar da história da nossa cidade de forma diferente. É contá-la sob um ângulo pouco divulgado, na perspectiva das “gentes” que fizeram e fazem da Capital do país a cidade que é hoje. Nesta edição a Coluna vai falar sobre a cidade de Planaltina, a cidade mais antiga dentre todas que constituem o Distrito Federal.

No processo de construção da historiografia de Brasília, Planaltina se notabiliza das demais cidades do DF, pois ela entra em um contexto histórico pré e não pós-Brasília, dando a ela um caráter de importância diferenciada. Como resultado desta sua característica, a cidade de Planaltina apresenta identidade própria, construída de forma autônoma, contrastando-a com a realidade modernista da Capital, fazendo com que

tenhamos em uma distância tão curta uma nítida representação do Brasil do passado com o atual.

Levando em consideração os conceitos do processo historiográfico, na maioria das vezes encontramos o entendimento da prevalência, isto é, da necessidade de sempre existir algo ou alguém mais importante do que outro, fazendo com que a história seja sempre contada na versão dos vencedores. No caso da relação da cidade de Brasília com a de Planaltina, não é diferente. Não cabe aqui julgarmos o que é certo ou errado nessa relação, mas, cabe uma reflexão no sentido de entendermos a real participação de Planaltina dentro do contexto da construção historiográfica na nossa Capital.

Sob o ângulo do tempo histórico, Planaltina apresenta-se como um elemento-chave no processo de escolha da localização para a construção de Brasília. Foi em solo planaltinense que a missão Cruls hospedou-se enquanto fazia o processo de análise das áreas selecionadas para a implantação da nova capital do Brasil. Só este simples fato já dá a Planaltina o direito de ser vista de uma maneira especial na construção do nosso processo histórico.

Cidade com 150 anos de existência, e já trazendo, desde o século XIX, esse histórico de participação no processo de escolha na localização da nova capital do Brasil, Planaltina foi um dos principais palcos da disputa política pela indicação do território para a construção de Brasília. E é dessa disputa que podemos buscar respostas para entendermos o porquê do não reconhecimento da sua importância histórica. Segundo o arquiteto Salviano Guimarães, havia uma disputa entre a UDN e o PSD na escolha da localização da futura capital, que acabou influenciando de forma direta no tratamento dado à cidade. A aprovação do relatório da missão Poly Coelho, não foi unânime, e ao contrário do que muitos pensam, segundo Guimarães, JK tinha preferência em levar a nova capital para a região

do Triângulo Mineiro. Ao final prevaleceu a articulação dos políticos do Estado de Goiás, definindo que a cidade de Brasília seria construída na região denominada de quadrilátero Cruls. No olhar crítico de Salviano, que também foi ex-administrador da cidade, o descaso com Planaltina pode ser interpretado como um sentimento de revanchismo por parte do grupo político perdedor. Aqui vale destacar que essas constatações são reflexões de alguém que vivenciou o período e portanto, traz uma leitura do sentimento do momento, podendo ser uma fonte para um processo de releitura histórica.

É importante salientar o fato de que esse descaso ainda permanece, haja vista a falta de políticas públicas que proponham a valorização do Patrimônio da cidade de Planaltina, haja vista que poucos espaços da cidade ainda mantêm as características urbanas da sua origem. Fazendo uma análise um pouco mais profunda da situação, não fica difícil encontrar uma explicação para tal negligência. Levando em consideração a ideia da necessidade de um vínculo afetivo com a localidade para tratá-la com mais atenção, fica claro que a indicação de pessoas de outras regiões, sem identificação com a cidade, fizeram que Planaltina não tivesse o tratamento adequado para a sua manutenção, tanto quanto cidade, quanto como Patrimônio.

Passar a olhar a cidade de Planaltina de uma forma mais contemplativa e menos subordinativa é essencial para encaixá-la de forma mais honesta no processo historiográfico. Quando adentrarmos na cidade, essencialmente no Setor Tradicional, percebe-se em algumas de suas ruas, e em suas construções, atributos históricos que ainda nos remetem a um passado não tão longínquo. A arquitetura do século XIX ainda resiste, mesmo que de forma precária, à ação de gestores públicos que em grande parte ainda não dão o devido valor para o patrimônio histórico. A busca da manutenção da memória, através da preservação do Patrimônio, é preponderante para a manutenção da sua identidade.

Na história de Brasília, o antigo sucumbiu ao novo, dando à monumentalidade um destaque que ofuscou a realidade. A valorização das raízes de um povo é fundamental para a sustentação do seu desenvolvimento, portanto, é essencial que façamos uma reflexão sobre a importância de Planaltina na existência da cidade de Brasília.

Dentro de todo esse contexto podemos concluir que de fato Planaltina foi a verdadeira raiz de Brasília, fazendo com que passemos a vê-la não apenas como um pedaço do Distrito Federal, mas, como a verdadeira origem do que somos hoje. ●







● DIREITO

## O PROJETO DE LEI 827/2020 – SUSPENSÃO DOS DESPEJOS DURANTE A PANDEMIA

LUCIANO BRASILEIRO

A Câmara dos Deputados, no último dia 18 de maio de 2021, aprovou o Projeto de Lei 827/2020, que dispõe sobre medidas excepcionais em razão da Emergência em Saúde Pública de importância nacional em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus. O projeto tem como objetivo suspender o cumprimento de medidas judiciais, extrajudiciais ou administrativas que resultem em desocupações ou remoções forçadas coletivas em imóveis privados ou públicos, urbanos ou rurais; suspender a concessão de liminares em ação de despejos de que trata a Lei nº 8.245, de 18 de outubro de 1991; e estimular a celebração de acordos nas relações locatícias. Referido projeto de lei agora será apreciado pelo Senado Federal.



www.camara.leg.br

Pelo projeto, em linhas gerais, ficam suspensas até 31 de dezembro de 2021 todas as espécies de retomada de imóveis privados ou públicos, urbanos ou rurais, bem como a concessão de liminares em ação de despejos de que trata a Lei nº 8.245, de 18 de outubro de 1991, além de dispensar o locatário do pagamento de multa em caso de denúncia de locação de imóvel e autorizar a realização de aditivos em contratos de locação por meio de correspondências eletrônicas e aplicativos de mensagens.

Também suspende, até 31 de dezembro de 2021, os efeitos de qualquer ato ou decisão judicial, extrajudicial ou administrativo, editado ou proferido desde a vigência do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, até um ano após o seu término, que imponha a desocupação ou remoção forçada coletiva de imóvel privado ou público, urbano ou rural, que sirva de moradia ou que represente área produtiva pelo trabalho individual ou familiar.

Por outro lado, o projeto de lei suspende a concessão de liminar para desocupação de imóvel urbano nas ações de despejo a que se refere o art. 59, § 1º, incisos I, II, V, VII, VIII e IX, da Lei nº 8.245, de 18 de outubro de 1991, até 31 de dezembro de 2021, desde que o locatário demonstre a ocorrência de alteração da situação econômico-financeira decorrente de medida de enfrentamento à pandemia que resulte incapacidade de pagamento do aluguel e demais encargos sem prejuízo da subsistência familiar. Referida

suspensão de concessão de liminares fica restrita aos contratos de locação residenciais com locativos mensais de até R\$ 600,00 (seiscentos reais), bem como aos contratos de locação não residenciais (as chamadas locações comerciais) com locativos mensais de até R\$ 1.200,00 (um mil e duzentos reais).

Noutro giro, o projeto de lei fomenta a tentativa de acordos visando à manutenção dos contratos de locação, bem como permite a rescisão do contrato pelo locatário, tanto residencial como comercial, sem o pagamento de multas convencionadas, atendidos determinados pressupostos, ressaltando neste caso o imóvel objeto de locação que seja o único de propriedade do locador, excluído o utilizado para sua própria residência, quando os locativos consistam na totalidade de sua renda.

Não se discute a nobreza do projeto de lei, notadamente neste momento em que o Brasil vive as incertezas de uma doença mundial que certamente tem gerado o descontrole financeiro de muitos núcleos familiares e estabelecimentos comerciais, mas valem algumas observações necessárias acerca do tema, notadamente no campo das locações de que trata a Lei Federal 8.245, de 18 de outubro de 1991.

O projeto de lei praticamente paralisa todas as formas de rescisão de contratos de locação regidos

pela Lei Federal 8.245, de 18 de outubro de 1991, fomentando a inadimplência de locatários. Se de um lado resguarda os interesses dos milhares de locatários Brasil a fora, praticamente suspende por completo os direitos dos locadores.

Partindo da premissa de que as normas legais têm que buscar a melhor equalização entre os diversos direitos e deveres da sociedade, o projeto de lei agora em trâmite no Senado Federal deveria, ao meu ver, encontrar um ponto comum que resguarde direitos de ambas as partes envolvidas: locatários e locadores.

Se de um lado, locatários em geral podem ser considerados juridicamente hipossuficientes, também em alguns casos temos locadores juridicamente hipossuficientes, notadamente aqueles que investiram no transcorrer das suas vidas profissionais ativas em imóveis, na esperança de que, quando da sua inativação profissional, fossem contemplados com complementação de renda por conta dos locativos recebidos em decorrência da locação dos seus imóveis.

Por outro lado, o projeto de lei acaba por mitigar o sagrado direito de propriedade, ainda que indiretamente, já que retira dos proprietários seu direito de utilizar seu imóvel da forma como melhor julgarem, fomentando inclusive a inadimplência dos locatários.

Nesse sentido, melhor seria que o projeto de lei buscasse uma melhor equalização entre direitos de ambas as partes interessadas, inclusive com imposição de limites de suspensão dos despejos levando em consideração o valor dos locativos, como fez para os casos de rescisão ou denúncia dos contratos de locação.

Poderia, também, elevar à condição de regra geral a exceção do imóvel objeto de locação que seja o único de propriedade do locador, excluído o utilizado para sua própria residência, quando os locativos consistam na totalidade ou complementação de sua renda até um determinado patamar. Aqui a norma deveria ser aprimorada para não só impedir a suspensão de despejos quando o locativo do imóvel for a totalidade da renda do seu locador, como também impedir a suspensão de despejos quando o locativo do imóvel for a complementação da renda do seu locador até um determinado patamar.

Portanto, creio que o Senado Federal tem muito que aprimorar na redação final do Projeto de Lei 827/2020, especialmente para buscar uma melhor equalização entre os direitos de locatários e locadores, evitando desta forma que o mercado imobiliário se esvazie, criando uma enorme dificuldade para novas locações no presente e no futuro, diante das incertezas acerca dos efeitos nefastos da pandemia. ●



Processamento de imagem: Jô





MARIA HELENA COSTA

● SAÚDE E BEM-ESTAR

# REFLEXÕES COMPARTILHADAS

Grandes aprendizados em minha vida aconteceram com o compartilhar em família, amigos. De observações curiosas sob o meu olhar infantil, acompanhado por milhares de perguntas que divertiam meus mestres experientes, a trabalhos manuais repetidos até encontrar algo satisfatório que ainda se desenvolveria em quase perfeição a cenários, montagem para festas juninas, natais, aniversários. Meus avós me trouxeram a arte pelas mãos, marcaram definitivamente minha personalidade de transformação, de observar o que pode ser criado a partir do mínimo.

Avô paterno tinha como *hobby* a marcenaria com encaixes perfeitos, ferramentas simples, cuidadoso, carinhoso, atencioso e os adjetivos são inúmeros. Ainda tenho a caixinha em pinho de riga feita por ele para abrigar a primeira máquina de costura a manivela, verde, que cabe na mão, presente de meus pais quando morava em Portugal. O avozinho, assim o chamávamos, tocava violoncelo, conversava inspiradoramente; desenhava a fachada da igreja de Vidago com adornos esculpidos em pedra. E sua imagem inspira amor, ternura, coragem, que se aliam ao tema atual – sempre há o que mudar, transformar, evoluir, e isso é uma escolha individual.

Os bordados mais finos em cambraia de linho importada, na época, com as linhas que me seduziam pela delicadeza e brilho, ornaram roupas de bebê por gerações, feitas pelas mãos de fada da minha avó materna e tias. O tempo parecia se alongar nos momentos em que ouvia histórias, apreciava essas mãos talentosas a materializarem o que lhe estava na alma – sempre creio que a perfeição é manifestação da alma, é a palavra em arte que vem da conexão interior com a Luz. Recentemente, ao lidar com legados de minha mãe, vivi momentos mágicos de emoção pela imensa saudade e pela admiração por tantas habilidades – lençóis bordados, cartas, escritos reflexivos... tesouros inúmeros.

Há pouco encerava uma pequena cômoda que em noite escura foi inundada por água no tombar de

um copo. As manchas se tornaram quase perenes e era tempo de se irem. Esse exercício me trouxe memórias, reflexões sobre o que pensava escrever – liderança, tema atual. E surgiam as inúmeras frases ouvidas ao longo das sessões de desenvolvimento humano, em aulas: nunca fui boa nisso; meu chefe nunca aceita ideias de quem quer que seja; meu namorado sempre me diz que não posso perder tempo com o que não sei...

Ao trabalhar com times, perceber a força da economia ao não permitirem analisar perfis, os processos de desenvolvimento a revelarem as fragili-

---

*Sempre, sempre  
é tempo para  
se aprimorar  
competências e novas  
desenvolver.*

---

dades de cada ser, me recordo de Ken Blanchard, que afirma: Uma organização repleta de autolíderes é uma organização que tem uma força de trabalho empoderada.

O potencial de argumentação de um consultor de vendas, de um arquiteto ao apresentar seu projeto, de professor em sala de aula, de pais ao lidarem com seus filhos, está ligado diretamente às experiências vividas e às competências então desenvolvidas. Sempre, sempre é tempo para se aprimorar competências e novas desenvolver.

Os movimentos ocorridos na humanidade nos últimos 14 meses revelam todas as necessidades e fragilidades em cada ser. Criar autolíderes

**“Quando tudo muda, mude tudo.”**  
Neale Donald Walsch

pela aprendizagem individual é um dos elementos-chave em organizações que trabalham com alto desempenho e essencial para a liderança. Aquelas que não estimulam seus colaboradores a aprender têm menor probabilidade de apresentar alto desempenho, pois as habilidades da organização não são maiores do que as habilidades das pessoas que nela trabalham. Se essas pessoas não aprendem, a organização não conseguirá aprender. O alto desempenho é apoiado pelo crescimento, experiência e conhecimento das pessoas que nela estão, e essa política é não só a ideal, como revela vantagens competitivas.

Hoje somos contratados para treinamentos formais, apoio ao trabalho pelo desenvolver de habilidades e competências em nível pessoal.

Um autolíder deve ser responsável pela própria aprendizagem e é proveitoso que a gerência apoie o seu desenvolvimento. O que vale para as empresas vale para nós em qualquer momento da vida.

Voltamos então ao ser sustentável que em uma de suas dimensões trata da autossatisfação. E encerrar uma cômoda, tecer um cachecol, tocar um instrumento, pintar, desenhar, cozinhar, criar algo material, tangível, útil à percepção de quem somos pode ser um caminho revelador. Inúmeras organizações valorizam a aprendizagem continuada, incentivam seus colaboradores a participarem de cursos de treinamento, independentemente de sua aplicabilidade direta no trabalho que desenvolvam, aliam às habilidades técnicas e comerciais as habilidades interpessoais.

Empoderamento é o que os líderes oferecem ao seu pessoal. Autoliderança é o que as pessoas fazem para que o empoderamento funcione, nos diz Blanchard. O empoderamento é fomentado pelas habilidades e atitudes mentais que levam à autoliderança. São consideradas basicamente três habilidades para a autoliderança: desafiar restrições autoimpostas, ativar fontes de poder e



Tengo un corazón ganando, Tengo un corazón vencedor... Ilustração de Antonio Carvalho Vieira da Silva – Pasión de Rodrigo Leão.

manifestar a proatividade. Essas devem ser exemplificadas pelo comportamento de gestores e gerentes e incentivadas nos colaboradores individualmente. (Blanchard, 2019)

Restrições autoimpostas representam desafios significativos ao desenvolvimento do ser sustentável. Então o que podemos criar a partir desse caminho orientado para a mudança?

Uma avaliação será bem útil, feita no silêncio de seu dia, sem interrupções, com foco no presente, sem a interferência de lamentos (passado) ou expectativas (futuro) na postura de permissão ao olhar interior, com curiosidade pela descoberta a bater à sua porta, talvez. Para tanto, ofereço questionário adaptado de original da Sociedade Brasileira de Coaching e a possibilidade de descobertas úteis aos seus próximos passos. Acesse, observe as instruções e responda:

<https://forms.gle/kF9cZ71125CVQgry9>

Encontro entre referências, *Las manos del día*,

de Neruda, que reforça e a meu ver encanta estas reflexões:

### EL CUPABLE

Me declaro culpable de no haber hecho, con estas manos que me dieron, una escoba. ¿ Por qué no hice una escoba? ¿ Por qué me dieron manos? ¿ Para qué me sirvieron si sólo vi el rumor del cereal, si sólo tuve oídos para el viento y no recogí el hilo de la escoba, verde aún en la tierra...

...Así fue: no sé cómo se me pasó la vida sin aprender, sin ver, sin recoger y unir los elementos.

En esta hora no niego que tuve tiempo, tiempo, pero no tuve manos. y así, cómo podía aspirar con razón a la grandeza si nunca fui capaz de hacer una escoba, una sola, una?

Quais serão as declarações que podemos fazer agora, que nos permitirão transformações, mudanças? O que perceberemos sobre nossa trajetória, sobre a vida sem aprender, sem ver, sem recolher e unir os elementos?

Poderemos aspirar a toda a grandeza se formos capazes de fazer o que devemos fazer.

Se suas percepções se voltarem para julgamentos feitos por você com base em experiências de outros, ou pelas opiniões alheias emitidas a



partir de seus arquivos vivenciais, talvez sem a percepção de sua identidade, devemos voltar a Neruda e nos percebermos dentro de nosso silêncio para encontrarmos referências interiores que realmente podem nos guiar:

#### ESTO ES SENCILLO

Muda es la fuerza (me dicen los árboles)  
Y la profundidad (me dicen las raíces)  
Y la pureza (me dice la harina)  
Ningún árbol me dijo:  
“Soy más alto que todos”.  
Ninguna raíz me dijo:  
“yo vengo de más hondo”  
Y nunca el pan ha dicho:  
“No hay nada como el pan”.

Portanto, deixe-se envolver por seu silêncio interior, pelas respostas dadas ao questionário e, dentro de si, descubra caminhos que seguramente são orientados por todas as experiências vividas nestes últimos meses, que por sua vez se apoiaram nos fatos, atos, escolhas, permissões, concessões, gritos, sussurros emitidos ou não por você. Este é o seu tempo. Acredite! Aqui estamos em escola de aprendizado intensivo e será melhor aproveitar a experiência que vivemos para alcançarmos o que desejamos.

Esta conversa teve a pretensão de oferecer um possível caminho para a percepção de algo que pode, neste momento, ser um tremendo incômodo e oportunidade para mudanças em sua vida. Portanto permita-se! Verificar o que pode ser mudado é o caminho que permite o lidar com a mudança e com as mudanças que a mudança traz.

O modelo PERMA, de Martin Seligman, designa os cinco pilares que criam a base para todas as mudanças em sua vida: Emoções positivas (Positive emotions), Engajamento (Engagement), Relacionamentos positivos e conexões sociais (Relationships), Significado e propósito (Meaning), Realização (Accomplishment). Esses pilares são parcialmente observados no questionário apresentado e tanto na carreira como nos relacionamentos, se vividos em plenitude, são atributos que incrementam a sensação de conexão e significado, características básicas do florescimento. O PERMA pode ser um aliado fundamental ao estabelecimento de metas para o alinhamento desejável de encontro aos objetivos convergentes com a busca da felicidade, que ocorrerá com a integração de necessidades e desejos do ser. O foco nos domínios do PERMA, em processos por ele orientados, nos conduzirá ao aumento da

satisfação com a vida, à vitalidade física, ao desenvolvimento de forças, caminho que promoverá a integridade do seu ser.

Esse caminho pode ser acompanhado, pois não há necessidade de você lidar só com suas descobertas, e você pode contar com toda a ajuda que deseje. Tentar resolver os desafios no mesmo nível em que foram criados, nos lembra Einstein, não trará novas perspectivas. Há muitos que podem colaborar com você. Pessoas que gentil e firmemente apreciarão caminhar a seu lado. Então, se algo aqui chamou sua atenção pelo seu coração, mova-se. Costumo dizer: você não é uma árvore. E árvores não julgam, à semelhança de águas se renovam, se aprofundam, cedem todos os frutos para produzirem novos. Conecte-se, conecte-se com você mesmo, com meditação, exercícios físicos (um dos preceitos do líder exponencial, papo para outra ocasião), práticas que trazem novas energias a seu dia, a seus pensamentos. Ouse, ouse fabricar a sua própria vassoura, ouse utilizar suas mãos. Reinvente-se e saiba que qualquer processo sério de desenvolvimento pessoal sugerirá esses passos – afinal, mudamos por nós mesmos. Conte conosco.

Caso deseje *feedback* de seu questionário, envie e-mail. Será uma alegria conversarmos e você se surpreenderá com nossa sessão. Não será nada fácil, mas será extremamente proveitosa e o aprendizado será profundo e seguramente conduzirá a novas ações alinhadas ao ser que você deseja manifestar, à sua essência. Sou com você e suas descobertas me encantarão! Riremos juntos, vibraremos com suas conquistas e você inspirará tantos outros ao resplandecer a sua própria luz. O Zé Alexandre, músico e compositor, intérprete, ator, mil talentos, nosso illustre coachee e vencedor do *The Voice* + diz:

Nada passa em branco aos olhos e ouvidos dessa amiga e desenvolvedora Maria Helena, ela não deixa passar nada. Ela acaba mexendo nas coisas que a gente, sem perceber, joga para debaixo do tapete. Sabemos que essa prática é que acaba construindo, ao longo dos anos, as diversas crostas e crenças limitantes que precisamos resolver se quisermos evoluir pra fazermos parte dessa deliciosa e infinita viagem pelo oceano de possibilidades que o Universo sempre nos presenteia. E pasmem...essa “mágica” ela opera com impressionante doçura!

Aqui tão somente a intenção de convidar você a se encantar com você mesmo. A descobrir que tem um coração vencedor, como diz Rodrigo Leão, em *Pasión*. Tememos o que não conhecemos, tememos o que tememos conhecer ou o

que começamos a perceber e deixamos para lá, embaixo do tapete...mas o tapete desapareceu e agora só temos uma escolha: tudo mudou e nos resta a mudança. Então seja muito bem-vindo, bem-vinda, e sigamos em descobertas evolutivas.

#### BIBLIOGRAFIA:

BLANCHARD, Ken: Liderança de alto nível: como criar e liderar organizações de alto desempenho [Recurso eletrônico]/Ken Blanchard; tradução: Francisco Araújo da Costa. 3 ed – Porto Alegre: Bookman, 2019.

SELIGMAN, Martin E.P. Florescer: Uma nova compreensão da felicidade e do bem-estar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

NERUDA, Pablo, 1904-1973. Antologia Poética; tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro, Olympio, 1977.

VICTORIA, Flora. Semeando Felicidade. São Paulo. SBCoaching Publishing, 2016.

WALSCH, Neale Donald. When Everything Changes, Change Everything, Canada, EmNin Books, Ashland, OR, USA.

Imagem de Antonio Carvalho Vieira da Silva, professor, artista plástico, designer gráfico, fotógrafo, ilustrador; vive em Real, Maia, Porto, Portugal. Ilustração 115x96cm. Técnica Micron 0.3 e aquarela. CV disponível em: <https://ac-historia-da-fotografia.wenode.pt/cv/>

- Maria Helena Costa, ama o despertar em pessoas – estas formam times e empresas. Acredita que qualquer processo de desenvolvimento específico deve se basear no despontar de cada ser – conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. O desenvolvimento Pessoal associado à Carreira e ao Positive Coaching demonstram neste momento alinhar ferramentas adequadas à realidade que se reconfigura para o profissional integral.
- Mestre em Arquiteta e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto. Pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento.
- Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching.
- Aluna da Escola Francesa de Biodecodificação.
- Cocriadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação, qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes.

#### Entre em contato:

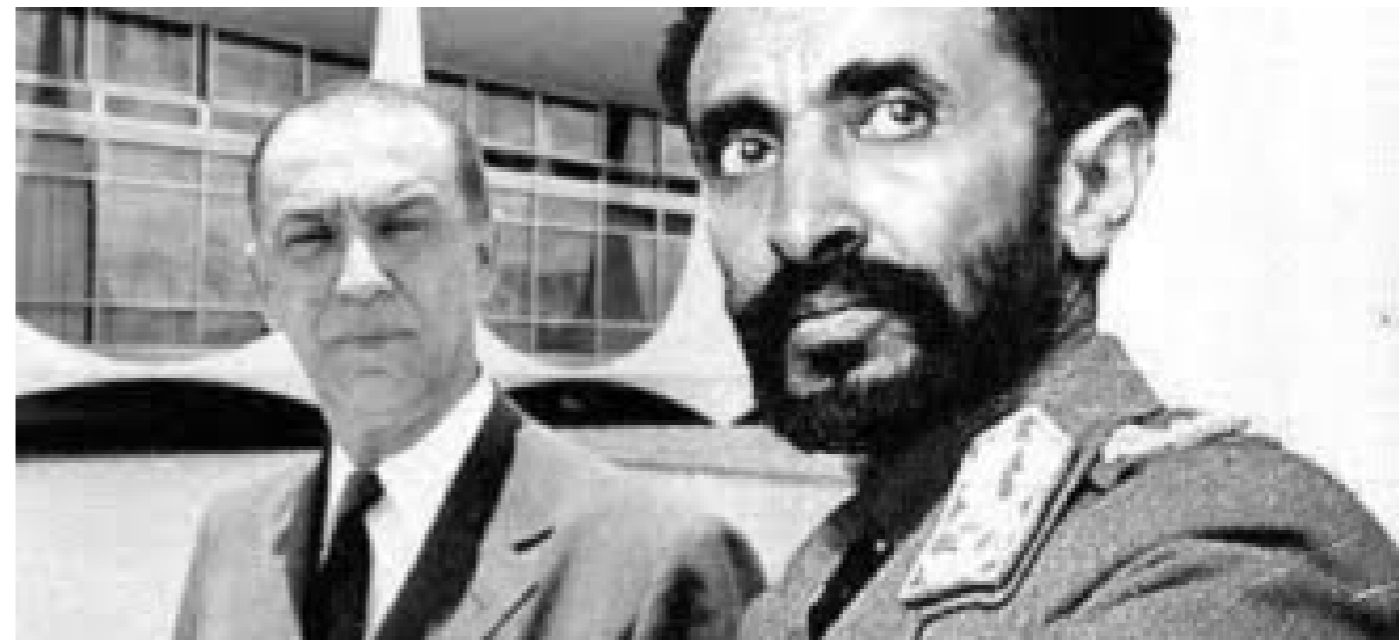
[@sementes\\_coaching](https://www.linkedin.com/in/maria-helena-costa-9047aa2b)  
[sementescomvc@gmail.com](mailto:sementescomvc@gmail.com)



MARIA LUIZA JÚNIOR

#### ● FEMININOS MÚLTIPLOS

## O RASTAFARI VISITOU BRASÍLIA



Haile e JK - domínio público

Em 1930 surge no cenário político mundial o Imperador da Etiópia, Haile Selassie, que imbuído do “poder da Santíssima Trindade” irá levantar a voz contra a discriminação racial operante no trato entre europeus e africanos, reforçada com o Ato da Partilha da África em 1880. A tal distribuição das terras africanas aos chefes de Estado europeus obedeceu ao critério de seu poderio bélico, capaz de expandir seus domínios à revelia de tratados de paz e cooperação. A tentativa italiana de colonizar a então Abissínia, no ano de 1896, foi repelida pelos etíopes (homens de “face escura”), sob o comando do Imperador Menelik, assegurando à Etiópia a distinção de ser a única nação africana que venceu o pretenso colonizador, no caso a Itália.

Haile Selassie, sabiamente, estabeleceu relações diplomáticas com os países africanos vizinhos e os europeus a fim de salvaguardar a soberania etíope, assim foi que, quando o exército fascista italiano comandado por Mussolini, em 1936, invadiu a Etiópia, recorreu à Liga das Nações, da qual fazia parte, e fez um inflamado discurso,

advertindo o mundo sobre o fato de os italianos terem usado armas químicas já naquela ocasião e anteviu a iminência da II Guerra Mundial:

(...) *a pequena luz que se acendeu no meu país engolirá a Europa num grande incêndio (...)*

As palavras críticas de Selassie foram replicadas em discursos de líderes africanos, tais como Nelson Mandela, Martin Luther King Jr, Malcolm X, Kwame Nkrumah, dentre outros.

Coube ao menestrel jamaicano Bob Marley revelar para a posteridade o discurso de Selassie, na música *War* (Guerra) do álbum *Rastaman Vibration*, de 1976, Bob Marley and the Wailers:

(...) *And until the ignoble and unhappy regimes in Angola, Mozambique, South Africa // Sub human bondage Have been toppled, Utterly destroyed // Well, everywhere is War. Me say war.*

Tradução livre: (...) *Até que os ignóbeis regimes que aprisionam nossos irmãos em Angola,*

*Moçambique, África do Sul // Até que não mais exista a sujeição sub-humana, até a sua total destruição // Ouça, haverá guerra em todo lugar. Eu digo guerra.*

Embora muito aplaudido por seu discurso, Selassie não conseguiu de imediato reforços para confrontar os italianos, e, como recurso tático, aceitou o asilo na Inglaterra, de 1936 a 1941. Foram notáveis as mobilizações de africanos, especialmente na Diáspora, para contribuir com recursos humanos e financeiros para a expulsão das tropas fascistas. Fortuitamente, quando ocorreu a aliança entre o fascismo de Mussolini com o nazismo de Hitler deflagrando a II Guerra, um tempo depois o Ras Tafari, com a ajuda da Inglaterra, pôde retornar à Etiópia.

Durante a resistência, os soldados etíopes, versados na Bíblia, assumiram o compromisso de não mais cortarem os cabelos até que o Imperador retornasse do exílio. À medida que o tempo passava os cabelos dos soldados etíopes foram se emaranhando nos famosos *dreadlocks*. Tal



atitude contribuiu para disseminar a moda de não se alisar os cabelos crespos, como o *black power* afro-americano, e hoje as ditas “trancinhas medonhas”, mais que uma moda, foram incorporadas ao movimento político de Consciência Negra.

Haile Selassie, em consonância com o seu discurso na Liga das Nações exigindo igualdade entre os seres humanos, em 1942 decreta o fim da escravidão na Etiópia e, dentre outras mudanças, promulga uma nova Constituição. Seus propósitos de modernizar o país motivaram sua visita ao Brasil em 1960, para conhecer a capital recém-inaugurada em meio à mata, Brasília. Na ocasião o Imperador presenteou o Presidente Juscelino com o Colar da Rainha de Sabah, a mais alta condecoração de seu país.

Objetivando a proteção das riquezas naturais no continente africano, diante do colonialismo e do neocolonialismo, em 25 de maio de 1963, em Adis Abeba, por iniciativa de Selassie, com participação de representantes de 32 Estados Independentes Africanos, foi criada a Organização da Unidade Africana (OUA), posteriormente substituída pela União Africana (UA), em 2002, permanecendo sua sede na capital etíope. Atualmente comemora-se o Dia da África em 25 de maio.

Durante e após o tráfico negreiro e a escravidão no Novo Mundo, os africanos na Diáspora, viventes e sobreviventes de quase quatro séculos de escravidão, buscaram refúgio espiritual numa África poderosa, que, de tão distante e remota, só foi possível sua permanência no ideário de liberdade com a resignação das culturas nativas de cada escravizado ao sincretismo unificador de uma nova religião, a cada tempo, a cada espaço geográfico, sobrepujando a vigilância do opressor cristão que ao cruzar os mares, por vontade própria ou degredo, em terra firme comete “pecados” os mais abomináveis...

BOB, o menestrel que canta a esperança



Bob Marley

A Jamaica ganhou destaque no cenário musical internacional quando um filho seu, o rastafári Bob Marley, arrombou a indústria fonográfica ao ritmo malembe\* do reggae. Marley soube direcionar os holofotes para a situação socioeconômica e política dos africanos da Diáspora, incisivo como a lança de um guerreiro maroon, *Get up, stand up, don't give up the fight...* repetia com ternura palavras dantes proferidas por aqueles que o tinham precedido, e reclamava suas trágicas mortes na luta pela liberdade — *how long shall they kill our prophets* —, destemido anunciava que atirou na autoridade policial: *I shot the Sheriff...*

Um homem amoroso, apaixonante e apaixonado, Marley pedia à amada para suavizar a luz, permitindo que o amor acontecesse entre eles, *I wanna give you some love, good love*. E, tantas canções a proclamar o amor, porque ninguém precisa de mais desavenças, precisamos de amor... *We don't need no more trouble, what we need is love*. Numa linda manhã, três doces passarinhos cantam no parapeito de sua janela, Não se preocupe porque tudo vai ficar bem, *Don't worry about the things cause everything is gonna be alright...*

A controversa Kaya... *I even touch the sky*

Sacerdotes de povos antigos eram conhecidos como “aqueles que andam nas nuvens” e queimavam flores de ervas nativas para alcançar um estado de transe. Para alguns, os jamaicanos do reggae fazem uso de maconha por diletantismo, mas não é isto que nos revela a história da *Cannabis* na ilha. Entre os povos Inca era permitido o uso da folha da coca para cerimônias rituais e para o duro trabalho nas minas de prata, e o controle da distribuição da erva era de responsabilidade da autoridade política.

Os espanhóis foram os primeiros europeus a iniciar o povoamento da ilha com os africanos, depois de terem dizimado a população ameríndia, e certamente repetiram o método de entorpecer os escravizados para obter sucesso nos engenhos de cana-de-açúcar. Um século e meio depois, a ilha foi tomada por navegadores ingleses, que, fracassados em investidas contra outras colônias no Caribe, encontraram na Jamaica um porto seguro para reparos nas embarcações que singravam os mares sangrando os africanos. A partir de 1655, devidamente autorizados pela Coroa Inglesa, intensificaram a produção açucareira e aumentaram consideravelmente a população escravizada africana, também interceptando os navios negreiros e saqueando a carga humana.

Da mesma forma que os espanhóis, a fim de aliviar o desgaste moral do trabalho escravo, os

ingleses faziam vista grossa ao uso da *Cannabis* Indica, ou cânhamo, natural da Índia e por lá empregado na indústria têxtil para confecção das velas e cordas das embarcações. Diferentemente dos colonizadores espanhóis e portugueses, os ingleses demoraram para admitir o batismo dos escravizados, visto que tal seria o reconhecimento de sua humanidade. Porém os rituais tradicionais africanos continuaram a ser realizados nos muitos territórios Maroons, equivalentes aos brasileiros quilombolas, com o uso da erva, em forma de bebida ou de incenso, para facilitar o transe ritual de contato com os espíritos desencarnados.



Nkisi <https://www.garmentory.com/>

Para as Américas, os africanos trouxeram consigo sua cultura, embora não tivessem permissão de expressá-la. A maneira de reverenciar seus mortos foi motivo de disputas na Jamaica colonial, há até um relato de os africanos terem roubado o caixão de um colono europeu e usá-lo para colocar o corpo de um general africano. Para os africanos as pessoas possuíam duas almas, uma boa, que seguia para o céu, e outra que ficava vagando na terra para se apoderar dos vivos, tornando-os agressivos ou dóceis beirando à idiotice. Bob Marley na música *Duppy Conqueror* estabelece um diálogo revelador com um fantasma:

*Yes me friend, me friend // We deh 'pon street again // (...) // Dem set me free again // the bars could not hold me / they tried to keep me down / but Jah put I around / Don't try to cut me off on this bridge now / I've got to reach mt. Zion / so if you a bullbucka / I'm a duppy conqueror / (...)*

TL: *Sim meu amigo / estamos na rua novamente / (...) // as grades não puderam me conter / eles tentaram me segurar / e Jah me colocou de volta / não tente me deter nessa trilha agora / tenho que atingir o monte Sião / então, se você é um valentão / eu sou um fantasma conquistador, conquistador / (...)*

Os europeus esartejavam os escravizados mortos e os exibiam em lugares públicos como prova de que a morte não significaria um retorno à África, nem uma libertação.

Os primeiros ensaios da banda de Bob Marley, The Wailers, aconteceram nas madrugadas dentro do cemitério. Seu primeiro disco foi intitulado *The Wailings Wailers*, ou seja, “Os lamuriantes lamuriosos”, numa tradução livre, que melhor se explica no significado de **malembe\***: 1. Devagar, lentamente. 2. **Gênero de cântico com que se pede perdão ou auxílio às entidades cultuadas.** (Dicionário Aurélio, grifo nosso). Reggae, como um canto gestado no trabalho escravo, é isto: malembe, e tudo mais que nos foge à interpretação mundana e exógena...

A filosofia Rastafari, originalmente, deriva do pan-africanismo do jamaicano Marcus Garvey, cujas ideias de desenvolvimento intelectual e econômico revolucionaram o Mundo Negro, conclamava os africanos da Diáspora a envidar maiores esforços para retornarem à África devidamente preparados para o levante libertário da raça gloriosa!

*Get up, stand up : stand up for your rights / Get up, stand up : don't give up the fight.*

Garvey, bem letrado, viajou pelos países onde a escravidão ocorreu observando a situação dos africanos pós-abolição. Ficou estarecido ao



Bandeira de Gana

Rastafaris  
Fonte: <https://visionnewspaper.ca/government-committed-to-the-declaration-and-development-of-pinnacle/>

constatar que eram invariavelmente subempregados ou desempregados estagnados na base da pirâmide social, desprovidos de direitos civis. No seu retorno à Jamaica (1914) criou a Associação Universal para o Progresso Negro, ou AUPN (Universal Negro Improvement Association), conhecida como UNIA. Em 1917 passa a morar nos Estados Unidos, no bairro nova-iorquino do Harlem, onde funda a filial da UNIA. Dotado de carisma e eloquência verbal angariou muitos seguidores. É seguro que Garvey inspirou os movimentos negros reivindicatórios de direitos civis na Diáspora e a luta para a descolonização em África. Contribuiu para o resgate do orgulho e da dignidade em ser africano. O ativismo de Garvey aparece no Brasil como a Frente Negra Brasileira (FNB).

Kwame Nkrumah, Presidente de Gana, primeiro país africano a obter independência em 1958, presta homenagem a Garvey adotando as cores do pan-africanismo em sua bandeira: o *verde* representando a terra africana; o *amarelo*, suas riquezas e a nobreza do povo; o *vermelho*, o sangue dos que lutaram pela liberdade, e no centro, a estrela preta, referente à companhia de navegação Black Star que Marcus Garvey fundou nos Estados Unidos para a repatriação dos africanos da Diáspora.

Embora os jamaicanos contemporâneos de Garvey não tivessem acreditado no retorno à África e na libertação da miséria, como conhecedores da Bíblia Sagrada, quando Haile Selassie é coroado Imperador da Etiópia, antiga Abissínia, o confundem com o “Leão de Judah” que os conduziria à *Terra Prometida*. Cabe lembrar que para os africanos a Etiópia, que não foi colonizada, representava o berço da liberdade — uma espécie de Sião Negro. Bob Marley em *Exodus*:

*Jah come to break down pression / Rule equality / Wipe away transgression / Set the captives free. / Exodus, all right, all right! / Movement of Jah people! Oh, yeah!*

Em 1966 Haile Selassie visitou a Jamaica sendo surpreendido por uma multidão no aeroporto para saudá-lo, ocasião em que fez uma doação de terra a quem quisesse migrar para a Etiópia.

O visual rasta, cabelos jamais cortados, toucas, alimentação vegetariana e, principalmente, o consumo de maconha, todos os hábitos rasta, são interpretações literais de trechos da Bíblia. A erva é considerada a hóstia rasta, um sacramento que permite interagir não somente com os espíritos, mas com o Deus, o Rei dos Reis. É comum na Bahia o tratamento de “meu rei” entre os homens negros, como também se ouve um grande repertório musical louvando a África e os africanos, criticando a opressão na Babilônia. Sim, somos crioulos doidos, somos bem legal, somos black power... ●

#### REFERÊNCIAS:

Galeano, Eduardo – As Veias Abertas da América Latina  
Hart, Richard – Esclavos que Abolieron la Esclavitud  
Marriot, Emma – História do Mundo para quem tem pressa

#### SITES:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/>  
[https://pt.wikipedia.com/wiki/Colony\\_of\\_Jamaica](https://pt.wikipedia.com/wiki/Colony_of_Jamaica)  
<https://www.voaportugues.com/>  
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/https://www.garmentory.com/>  
<https://www.letras.com.br/bob-marley/https://www.greenme.com.br/>  
<https://www.nicepng.com/>







CAROLINA SENA

CONVIDADA

# BRASÍLIA, INVERNO DE LUZ E CORES

Imagens pela autora

O céu é o mar de Brasília! Assim disse o urbanista Lúcio Costa ao contemplar a beleza que o cerrado nos presentearia com as maravilhas celestes. No Distrito Federal o inverno é cheio de luz e cores, bem diferente do que habitualmente é visto no hemisfério norte, com aquela aparência de nublado, chuvoso e, em muitas regiões, dominado pela monotonia do branco da neve.

O inverno no planalto central inicia no dia 21 de junho e termina em 23 de setembro. Aqui, o clima nessa época é seco e relativamente frio. Mas

a natureza nos mostra que a estação já dá a sua cara quando os ipês, árvore que foi plantada na cidade pelo arquiteto e paisagista Roberto Burle Max, começam a florescer. São quatro cores que encantam as ruas de Brasília: roxo, rosa, amarelo e branco. A seca faz com que os gramados da cidade fiquem muito esturricados, mas os ipês marcam presença com suas cores nítidas e encantadoras. Um verdadeiro colírio para os olhos dos brasilienses. Chega até a nos emocionar de tanta beleza!



Outro espetáculo durante o inverno candango é o show de cores no céu. Durante o dia é um azul que brilha sem uma nuvem. O que chamam de "céu de brigadeiro". No entardecer, parece que foi realizada uma pintura de arte mesclada de azul, vermelho, laranja e rosa. O pôr do sol é único! Acredita-se que não há céu tão bonito quanto o de Brasília.

A melhor parte do frio brasiliense

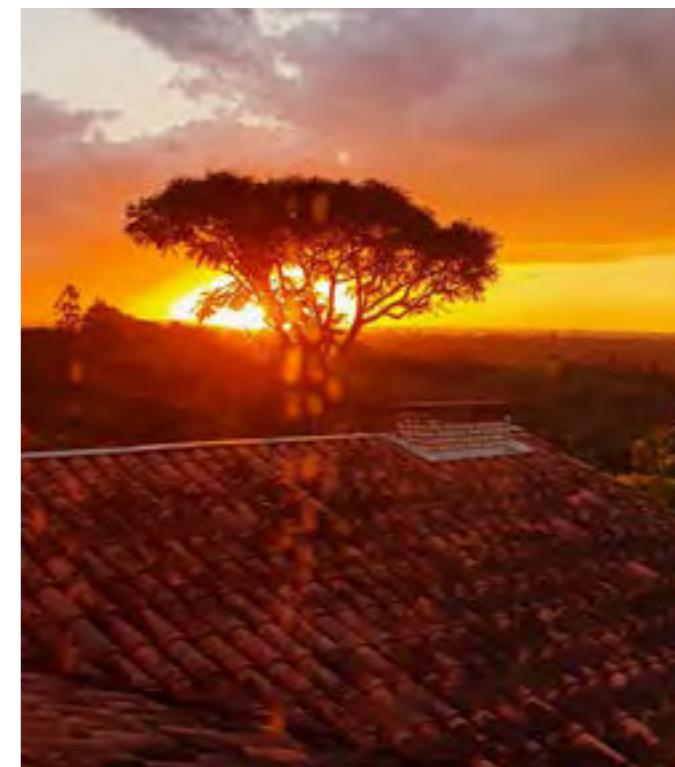
são as festas juninas. Uma festividade popular que acontece durante o mês de junho, muito comum em todas as regiões do Brasil, principalmente no Nordeste. Foi trazida para o país pelos portugueses, no século XVI. E como muitos

nordestinos vieram para Brasília, essa cultura encantadora e com uma gastronomia impecável estavam em suas bagagens. Como é uma festa

religiosa, muitas paróquias as realizam para suas comunidades. Sempre ao ar livre, com as tradicionais músicas caipiras e, o que não pode faltar, aquela comida cheirosa e muito apetitosa. O tradicional são quitutes típicos derivados do milho: canjica, pamonha, curau e o milho cozido. Mas há aqueles de que todo brasiliense gosta, como os pastéis e o churrasco no espeto. Não se pode esquecer das quadrilhas, estilo de dança folclórica coletiva típica das festas juninas brasileiras, com suas vestimentas rústicas e coloridas que fazem referência à cultura nordestina.

O inverno é considerado a estação ideal para ficar bem juntinho, não é à toa que o dia dos namorados no Brasil é durante essa época, 12 de junho. É claro que não faltam bons lugares para um jantar romântico em Brasília. E algo que se tornou comum é saborear um *fondue* com uma taça de vinho. Esse prato veio da Suíça, significa fundido ou derretido. Pode ser feito de queijo ou chocolate onde se mergulham pães e frutas respectivamente.

Também tem o de carne, que é frito no óleo dentro de uma pequena panela, conhecida por *rechaud*, e servido com vários tipos de molhos. É uma ótima curtidão a dois. Aliás, é o dia em que o amor está no ar. ●







JÉZER JUNIOR



LUCIANA AZEVEDO

● BRASÍLIA EM ORAÇÃO

# SÃO JOÃO BATISTA



Imagem de São João Batista Brasil  
Séc. XVIII  
Semautor citado

No Brasil, o mês de junho é conhecido, popularmente, pelas tradicionais festas juninas, que têm início no dia 12, véspera da festa de Santo Antônio, e se encerra no dia 29, quando a Igreja celebra o dia de São Pedro e São Paulo. O ponto alto das festas juninas se dá entre os dias 23 e 24, quando se comemora São João, tão conhecido nas músicas de quadrilha.

Muitas pessoas ficam em dúvida sobre qual São João a Igreja celebra a memória no mês de junho, se é João Batista ou se é João Evangelista. Bom, esclarecendo essa dúvida, no dia 24 de junho a Igreja celebra a memória de São João Batista, filho de Izabel e Zacarias. João era primo de Jesus Cristo por parte de sua mãe, que era prima de Ana, mãe de Maria, a mãe de Jesus. A memória de São João Evangelista, irmão de São Tiago, filhos de Zebedeu e Salomé, é celebrada no dia 27 de dezembro.

A festa junina, como a conhecemos hoje, sofreu mudanças ao longo do tempo, tendo origem na Europa como celebração pagã a deuses da natureza, das plantações e das colheitas pela chegada do solstício de verão, no Hemisfério Norte, no dia 21 de junho. De forma a cristianizar essa festa, ela foi transferida para o dia 24 de junho, quando a Igreja Católica celebra o dia do nascimento de João Batista. Essa data foi estabelecida considerando a passagem bíblica que diz que Izabel estava no sexto mês de gravidez quando Maria recebeu a anunciação do Anjo Gabriel, razão pela qual sua festa é celebrada seis meses antes do Natal.

As festas juninas, em Brasília, são promovidas pelas diversas paróquias e também por alguns clubes sociais. Como parte da cultura brasileira, essas festas são animadas por músicas tradicionais e brincadeiras, além de oferecer um cardápio regional típico do interior, caracterizado por iguarias não tão habituais na culinária do dia a dia, como milho cozido, canjica, curau, galinhada, arroz de carreteiro, bolos, pastéis, quentão, além do tradicional churrasquinho.

No Brasil, a festa junina chegou com os portugueses, passando a apropriar, ao longo dos anos, detalhes regionais do nordeste brasileiro. Por conta da pandemia da Covid-19, desde 2020 a festa junina sofreu mudanças radicais em razão das medidas de prevenção ao contágio do novo coronavírus, adaptando-se às normas e orientações dos governos locais. Assim, as tradicionais festas, abertas ao povo, não estão sendo realizadas, mas nem por isso as pessoas deixarão de saborear as iguarias típicas, tão aguardadas, que são vendidas nessa época do ano pelas paróquias pelo sistema *drive-thru*.

No que diz respeito a João Batista, os evangelhos nos dão algumas informações. Em São Lucas lemos que João, o Batista, nasceu numa cidade do reino de Judá, perto de Hebron, nas montanhas, ao sul de Jerusalém, e que era descendente do santo patriarca Abraão. São Lucas ressalta também as circunstâncias sobrenaturais que precederam o nascimento de João Batista: Izabel, estéril e já idosa, viu ser possível realizar seu justo desejo de ter um descendente quando o anjo São Gabriel anunciou a Zacarias, seu esposo, que ela daria à luz um filho. O menino deveria chamar-se João e seria o precursor do Salvador.

Estando ainda em sua juventude, João retirou-se para o deserto. Nesse ambiente austero, recolhido e afastado dos homens, ele se preparou para sua missão. Vestido de pelos de camelo e um cinturão de couro, alimentava-se apenas de mel silvestre e gafanhotos. Com jejuns e orações, colocou-se por inteiro na presença de Deus, levando uma vida extremamente coerente com seus ensinamentos. Permaneceu no deserto até por volta de seus 30 anos, quando iniciou suas pregações às margens do rio Jordão. Também Jesus passou um período no deserto antes de iniciar a sua missão redentora. João é chamado de Elias devido ao lugar em que ambos moraram, o deserto; devido à parca alimentação que consumiam; devido

à grosseira indumentária que ambos usavam; devido ao ministério, pois ambos foram precursores: Elias, do Juiz; João, do Salvador.

João Batista foi especial e singularmente enobrecido por nove privilégios: ele foi anunciado pelo mesmo anjo que anunciou o Salvador; ele estremeceu no ventre da mãe, pelo batismo do Espírito Santo; foi a mãe do Senhor que o recebeu quando veio ao mundo; ele destravou a língua do pai, emudecido pelo anjo, quando nas-



QR Code  
Saint John the Baptist (São João Batista) Guercino  
D 1942  
National Galleries Scotland

ceu; foi o primeiro a conferir um batismo; ele apontou Cristo, o cordeiro de Deus; ele batizou o próprio Cristo; ele foi louvado mais do que todos por Cristo; ele anunciou aos que estão no limbo a vinda próxima de Cristo. Pelo fato de ser chamado "mais que profeta", São João Crisóstomo comenta: "Um profeta é aquele que recebe de Deus o dom de profetizar; mas um profeta recebe o dom de batizar Deus? Um profeta tem por missão predizer as coisas de Deus, mas algum profeta é profetizado pelo próprio Deus? Todos os profetas tinham profetizado sobre Cristo, enquanto João não apenas profetizou sobre Cristo como também outros profetas profetizaram sobre ele. Todos foram portadores da palavra, mas ele é a própria voz. Tanto quanto a voz se aproxima

da palavra sem, no entanto, ser a palavra, João aproxima-se de Cristo sem, porém, ser o Cristo". (Legenda Áurea, p. 486)

Além de Jesus e de Maria, João Batista é o único santo da Igreja Católica cujo nascimento é celebrado liturgicamente, pois, além de ter sido o último profeta do Antigo Testamento, foi o primeiro apóstolo de Jesus. Como profeta, especialmente escolhido por Deus para, sob inspiração divina, preannunciar os acontecimentos orientando o caminho do povo de Deus, está escrito que foi enviado como mensageiro à frente de Jesus, com a missão de preparar-Lhe o caminho. Jesus, ao referir-se a João, diz que jamais surgiu entre os nascidos de mulher alguém maior do que João Batista. Contudo, o menor no Reino de Deus é maior do que ele. (cf. Lc 7,28)

As admoestações de João tocavam os corações, chegando a contagiar o Rei Herodes Antipas, que o admirava, apesar de não querer acolher suas palavras de moralidade e de bons costumes. Sua esposa Herodias, que era cunhada de Herodes, pois era esposa de seu irmão Filipe, repugnava João Batista por saber que suas admoestações eram dirigidas aos pecados dela e de Herodes, que viviam em concubinato. Alegando uma possível liderança revolucionária contra o reino, acabou por fazer com que João Batista fosse aprisionado até o dia de sua decapitação, pedida por Salomé, filha de Herodias, a pedido desta. Seu martírio é celebrado no dia 29 de agosto.

Os demais profetas bíblicos foram um prenúncio de João Batista, pois todos eles anunciavam a vinda do Messias, enquanto João anunciou o próprio Messias ao dizer àqueles que o seguiam: Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. (Jo 1,29)

Com palavras firmes, João pregava a conversão e a necessidade do batismo de penitência, anunciando a chegada do Messias prometido e esperado. Aos que o confundiam com Jesus, afirmava com humildade que ele não era o Cristo, não sendo nem mesmo digno de desatar-Lhe a correia das sandálias. (Jo 1,27)

As festas juninas, portanto, não devem suplantam a memória dos grandes santos, celebrados no mês de junho, que deixaram riquíssimos ensinamentos necessários ao aperfeiçoamento do ser humano nos campos social, espiritual, profissional e pessoal. ●





F. J. ALENCAR

● PSICOLOGIA

# PANDEMIA, PERSONA, RISCOS E APRENDIZAGEM

A necessidade de se fazer quarentena, devido à disseminação da Covid-19, causou alteração no funcionamento das escolas, das creches, das empresas e repartições, e mudou por completo as relações familiares, uma vez que os domicílios passaram a ser também locais de trabalho. Isso se tornou possível em razão das tecnologias disponíveis. Entretanto, se o sistema online veio auxiliar na relação trabalhador e família, os pais tiveram que, ao mesmo tempo, cuidar e ajudar os filhos em suas tarefas.



Obra: PERSONA- Desenho digital com máscaras de Fernando Martins  
Autor: Angelina Quaglia (2021)

Diante de uma situação inesperada e de uma mudança tão radical, as pessoas não tiveram tempo e nem suporte para que pudessem lidar com suas personas, ou seja, substituir seus papéis sociais e movimentos, tendo que acumular tudo isso no mesmo ambiente, o que sem dúvidas causou um impacto psicoemocional. É importante ressaltar que a psicologia profunda nos diz da impossibilidade de o ser humano desenvolver uma “Persona Bondosa” capaz de encobrir o lado mal existente na alma humana e que uma tentativa nessa direção pode causar situações perigosas, tanto para o indivíduo como para a coletividade.

Se de uma certa maneira houve alguma economia, como a de combustíveis, por se terem evitado os deslocamentos de veículos, acumularam-se tarefas que não podem ser desenvolvidas virtualmente, como as domésticas, os cuidados

com os membros da família, crianças, adolescentes, idosos, muitos desses pertencentes aos grupos de risco.

Em todo o mundo constata-se o aumento dos conflitos e violência, expostos pelas discriminações de raça, gênero, ideologia, religião e da agressão à natureza.

Junte-se a isso o impacto na economia, o desemprego, a carência de informações mais precisas, a exposição midiática e, inevitavelmente, o medo do vírus. O acúmulo de tudo isso se apresentou como uma carga metaforicamente muito pesada para as famílias, um peso emocional capaz de provocar estresse e até traumas.

No Brasil, a falta de políticas públicas aliadas a falsas mensagens de “lideranças” políticas e

promessas milagreas por parte de pseudolíderes religiosos que se aproveitam da boa fé do povo que não sabe que não precisa disso, pois como diz o Osho: “Uma pessoa feliz não precisa de religião, não precisa de nenhum templo”. Para ele todo o Universo é um templo. Todas essas coisas, em vez de amenizar ou dar um certo apoio aos brasileiros, provocaram uma avalanche de distúrbios, dentre eles, e principalmente, o da ansiedade e a depressão, com os quais têm que lidar agora os psicólogos, mesmo estando imersos nesse mesmo caldo de contradições e incertezas.

Diante dessa medonha realidade, resta-nos contar com a conspiração cósmica no sentido de dar-nos força e capacidade de aprender, para que possamos vencer essa batalha sem mais perdas de vidas humanas e obnublações de consciências. ●

JULIANA RAMPIM



JULIANA RAMPIM

● GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA

# O MILHO NA CULINÁRIA E UMA RECEITA PARA AQUECER CORAÇÕES

Imagens pela autora

O milho é um alimento muito variável, sendo utilizado no preparo de doces e salgados em diversos formatos e texturas. Segundo o sociólogo Carlos Alberto Dória, os paulistas não se adaptaram prontamente à culinária indígena dos Guarani do milho. Esse alimento era comumente utilizado na alimentação dos animais domésticos. O que os aproximou do grão foi a necessidade de interação com os Guarani para a exploração do território, e a consequente busca por alimentação. (DÓRIA, 2014)

Dória resalta que enquanto se embrenhavam em terras desconhecidas, os colonizadores ajustaram a dieta aos alimentos oferecidos em abundância pela natureza, e comumente usados pelos indígenas locais. O resultado é uma culinária de “caldos e cozidos”, aos quais se acrescentava o pão ou as farinhas (de mandioca e de milho) – que deram origem aos pirões e vatapás por todo o Brasil. Assar esses grãos em folhas para molhar a massa, como a moqueca em folha de bananeira ou a própria pamonha, também era comum.

A farinha de milho substituiu muitas vezes a farinha de trigo, por ser amplamente encontrada em quase todo o território brasileiro durante a colonização, embora seu consumo variasse. O famigerado cuscuz paulista é fruto da mistura de um caldo bem temperado, que pode ser feito com camarão, sardinha ou frango, e da farinha de milho até alcançar um ponto “fofo”. Percebe-se a praticidade de caldos cozidos em uma única panela e depois engrossado com a farinha, aumentando sua porção final.

Há também a farofa temperada acompanhando assados e pratos de molho, bolos, e muitos bolinhos caipiras salgados espalhados pelo interior do estado de São Paulo. Na região de Itapetininga, em São Paulo, há o bolinho de frango, uma iguaria recheada de frango desfiado (como em uma coxinha), e envolto em massa de farinha de milho moldada com o caldo do cozimento da proteína, para depois ser frito em imersão. Há várias versões com diferentes nomes e recheios, mas todos mantêm a massa de farinha de milho e a fritura



em óleo quente. Do milho verde, cru, cozido ou assado, consome-se as pamonhas (doce e salgada), a canjica, o curau. Do fubá de milho, mais iguarias: bolo, polenta cremosa e frita e o angu. O milho é um alimento versátil, nutritivo e adaptável, presente em nossa história alimentar e que deve ser celebrado.

Como presente em tempos difíceis, passo a você leitor uma receita muito especial da minha família, da região de Tatuí, no interior de São Paulo. É o nosso mingau de milho verde. Embora possa parecer um angu ou uma polenta mole, não o é. Ele é feito a partir do caldo do milho cru, ralado. Temperamos com alho, cebola, sal e cambuquira – hoje cada vez mais difícil de encontrar em supermercados, é o broto da abóbora, antigamente espalhada pelos quintais do interior. Os acompanhamentos geralmente são tutu de feijão e costelinha de porco ou frango de panela, bem dourados e com aquela gordurinha no molho que faria bogueiros fitness ficarem horrorizados. Por



sorte, por aqui comemos comida em vez de apenas nutrientes, proteínas e carboidratos! Sempre servimos esse prato lindo com o limão rosa (ou cravo) para ser colocado antes de comer. Por ser uma receita de família, nossas medidas são meio “a olho”, mas acredito que o mingau seja de fácil compreensão e execução. Recomendo essa receita para aqueles dias em que precisarem de um abraço em forma de comida! Prometo que ela já fez parte de muitos momentos de amor em família! ●

## MINGAU DE MILHO VERDE (PARA QUATRO PESSOAS)

### INGREDIENTES:

- 6 espigas de milho
- Água filtrada quanto baste
- Meia cebola picada em cubinhos
- 4 dentes de alho moídos
- Folhas de cambuquira a gosto, picadas
- Azeite ou óleo para refogar

### MODO DE PREPARO:

Rale as espigas de milho no ralo grosso e passe essa mistura em uma peneira não muito fina (para tirar as “casquinhas”), e aperte para que todo o caldo escorra. A água é co-locada no milho e na peneira para que o caldo se forme. Não é necessário se preocupar com a quantidade exata nesse momento, ela é responsável por separar as “casquinhas”. Reserve esse caldo.

Em uma panela, refogue a cebola e o alho com azeite ou óleo. Junte o caldo a esse refogado e mexa ininterruptamente até que ele engrosse. O ponto é de mingau – ou seja, não é grosso como um angu nem ralo como um caldo de legumes, e ele deve ferver para engrossar. Adicione o sal a gosto e reserve. Refogue a cambuquira em azeite e alho, à parte, até que esteja cozida e incorpore-a ao mingau. Sirva com tutu de feijão, costelinha de porco ou frango de panela e limão rosa.

### BIBLIOGRAFIA

DÓRIA, Carlos Alberto. Formação da culinária brasileira. Escritos sobre a cozinha inzo-neira. 2014. São Paulo: Editora Três Estrelas.





JORGE NASSAR

● O TOM DA CONVERSA

# A CULTURA COMO VÍTIMA DA COVID-19

Imagens cedidas pelo autor

Desde que a OMS declarou estado de pandemia para esse surto virótico da Covid-19, além das milhares de vidas que se perderam, inclusive de músicos, cantores, artistas em geral, o que empobrece ainda mais o cenário artístico brasileiro e de Brasília, especificamente, é o fechamento das casas que proporcionavam ao público um espaço para o deleite cultural.

A crise sanitária levou o governo do DF a tomar medidas restritivas que, invariavelmente, comprometeram a saúde financeira de uma parcela sensível do comércio da capital, atingindo os empresários e os empregados. Casas fechadas significam pessoas sem emprego. O músico já vivia essa via-crúcis de ver-se obrigado a partir para o meio digital, uma vez que os palcos estavam interditados temporariamente. O problema é que para muitos essas interdições temporárias tornaram-se perenes. Infelizmente.

Uma das primeiras casas a sentir o baque foi o **Bier Fass** do Gilberto Salomão, antigo recinto de boa música ao vivo, principalmente no som de um bellissimo piano, que encerrou as atividades abruptamente pegando a todos de surpresa. Parafraseando Luiz Gonzaga: Nem se despediu de mim!

Neste ano de 2021 o baque foi ainda maior. Uma das mais tradicionais casas de música ao vivo de Brasília não resistiu ao impacto avassalador da pandemia: O **Feitiço Mineiro**. Um dos mais democráticos restaurantes/bares da cidade, foi palco para famosos nacionais, grandes músicos locais e candidatos ao estrelato também. Incontáveis são os artistas que por lá se apresentaram e fizeram da noite brasiliense um organismo vivo e pujante. Virou memória. E a crise foi tão séria que levou consigo



ainda os outros dois empreendimentos do mesmo grupo: o **Bar Brasília**, na W3, e o **Bar Brahma**, na 201 sul. Todos reconhecidos pela sua contribuição com a gastronomia e a arte na cidade, que sonha com a vacina que traga esperança de dias melhores.

E assim segue por todo o Distrito Federal, onde as restrições de aglomeração em ambiente fechado inviabilizam apresentações em casas de show e pubs. Hoje, hábitos meramente nostálgicos.

Caso clássico se encontra no coração da cidade. O Pub **UK Music Hall**, o mais antigo em funcionamento na cidade, fundado em 1998, conhecido palco do Rock e do Pop da cidade, está praticamente com as atividades encerradas desde 2020. "Tivemos que demitir todos os funcionários do UK, o que afetou também o funcionamento do **Na Venda**, casa irmã do UK, com queda de 70% das vendas", afirma o gerente da casa, Francisco Serafim. "Perdem os funcionários, os proprietários, o público, os músicos e toda uma cadeia que gira em torno da cultura. É um prejuízo incalculável", sentença Serafim.

Apesar dos imensos espaços abertos de Brasília, pouca ou quase nenhuma iniciativa foi tomada para salvar a cultura e a profissão dos artistas. Nem da iniciativa privada e tampouco do poder público.

Esta coluna homenageia todos aqueles que por anos proporcionaram à cultura do DF um ambiente para que a música pudesse ecoar, com ou sem estrutura, profissional ou amadoramente, tudo pela paixão pela arte. Hoje o silêncio ensurdecedor dos decretos sanitários nos ferem a alma, mas haveremos de lavá-la com o que esta cidade tem de melhor: a sua cultura viva, criativa e imortal. ●



RUBENS PERLINGEIRO

● CRÔNICAS DO RUBENS

# CABINE LOTADA

O Congresso Nacional, sempre na vanguarda dos acontecimentos importantes, resolveu debater um assunto que recebeu atenção internacional: o suicídio de um piloto de avião comercial em pleno ar, o que causou a morte de todos os passageiros.

os evangélicos insistirem em incluir também um pastor, que aproveitaria para coletar o dízimo durante o voo. Para evitar polêmicas religiosas, ficou resolvido que um muçulmano, um espírita, um budista e um pai-de-santo também permaneciam na cabine do avião.



Desenho digital Angelina Quaglia

Um deputado fez um discurso inflamado sugerindo que nos voos nacionais uma comissária fosse colocada na cabine sempre que um piloto se afastasse. Solicitando um aparte, um colega argumentou que deveria ser incluído, também, um integrante masculino da tripulação, pois a aeromoça poderia manter um romance secreto com o possível suicida e assim tornar-se cúmplice.

Pedi a palavra um representante da bancada LGBT, mencionando que, já que haveria um casal heterossexual, seus eleitores não poderiam ser discriminados: deveria haver um representante dessa minoria junto aos pilotos.

Um parlamentar católico recomendou a inclusão de um padre, que atuaria como conselheiro espiritual para os aeronautas. Foi o suficiente para

Os "sem-terra" quiseram se fazer representar. Argumentaram que se o avião conseguisse pousar em área inóspita eles criariam um assentamento. Aí a bancada ruralista aproveitou para introduzir um latifundiário, dando equilíbrio ao sistema.

Na proposta levada ao plenário ficou decidido que os voos nacionais decolariam com 18 pessoas na cabine, além de dois bombeiros, um vigilante, um barbeiro, um agente funerário e três policiais militares. Quando o projeto ia entrar em votação, o líder da Câmara achou por bem que os 250 integrantes da Comissão de Investigação de Desastres Aéreos fossem aos Alpes Suíços conhecer *in loco* a área do desastre.

Estão lá há dois meses. Com as esposas, é claro.





MARTA ROMERO



MARIA MANSILLA

● ARQUITETURA

# CENÁRIO MORFOCLIMÁTICO. USO ESPECIAL DE SOLO — SIA, BRASÍLIA

**Maria Eugenia Martínez Mansilla**  
Arquiteta Urbanista — Doutoranda PPG — FAUUnB  
me.martinez.mansilla@gmail.com

**Marta Adriana Bustos Romero**  
Professora Titular FAUUnB Coordenadora LASUS  
romero@unb.br

Laboratório de Sustentabilidade aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo – LaSUS – Universidade de Brasília

O acelerado crescimento e a expansão urbana têm trazido efeitos negativos ao ambiente, com repercussão também no desenvolvimento normal das atividades das pessoas. O problema no médio prazo influencia diretamente no incremento da pegada energética que está representada no consumo final de energia nas cidades. Além de outros fatores de caráter social, econômico e ambiental, a cidade, como parte de um sistema complexo, pode se adaptar e ser resiliente às diversas mudanças que vêm acontecendo no seu tecido urbano, especialmente no contexto latino-americano.

As cidades sustentáveis se fazem essenciais à permanência do homem e à sua qualidade de vida futura. Para tanto, a percepção morfológica dos tecidos urbanos e a paisagem intraurbana correlacionadas sob um olhar de qualidade com constatações urbanas, como o uso do solo, a infraestrutura urbana e avaliações do equilíbrio ambiental, oferecem um caminho seguro para classificar a qualidade urbana de uma fração territorial (ROMERO et al., 2019).

O aspecto ambiental e o rol do microclima urbano são muito importantes nesse olhar. O clima varia constantemente e são necessárias, portanto, diversas estratégias bioclimáticas para a criação de um habitat mais sustentável, além do desenho do espaço. É importante avaliar a influência que essas soluções têm num determinado lugar, com o apoio de tecnologia que permita medir esses parâmetros (ROMERO, 2011).

O Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo (LaSUS) analisou

o cenário morfoclimático num recorte urbano do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), para compreender as relações entre a mudança do uso de solo e o potencial energético num determinado setor de Brasília. Para essa compreensão, adota-se o método de Salat (2011), que aborda principalmente a questão da redução de pegada energética devido à quebra de fatores da morfologia urbana, sistema de indicadores, tecnologia da construção. Assim, o autor estabelece um sistema de indicadores para refletir acerca do metabolismo da estrutura e os fenômenos do tecido urbano. Os indicadores respondem a três preocupações: forma urbana, meio ambiente e socioeconômica — todos eles trazem sua interconexão num sistema.

Com a modelagem computacional e o software ENVI-met, temos a avaliação do desempenho relativo na comparação dos cenários climáticos. O uso vem condicionar a forma e por sua vez o tipo das construções, por isso é importante a abordagem de diferentes escalas espaciais numa escala microclimática para observar qual é a relação desse entorno construído com a forma urbana. A proposta é que em um contexto próximo seja possível entender a cidade como um ecossistema (RUEDA, 1995).

As células urbanas vêm determinadas não somente pelo tamanho do quarteirão, mas também pelas características que esses espaços fixos possibilitam. Então, para qualificar um espaço urbano, Romero (2011) propõe um conjunto de escalas climáticas urbanas e, além disso, uma fórmula para determinar a interação dos elementos: urbano + arquitetônico + ambiental + habitantes

do lugar. Assim é possível verificar a relação que existe entre a geometria urbana e os fatores ambientais do clima.

## CONTEXTO DA ZONA DE ESTUDO, SIA

Brasília foi pensada a partir de sua localização até sua concepção urbanística. O Distrito Federal (DF) é a menor das 27 unidades federativas do Brasil e a única não dividida em municípios. Para melhor ordenamento e gestão do território, o Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT) do Distrito Federal estabelece sete Unidades de Planejamento Territorial (UPT). Essas constituem subdivisões territoriais que agregam Regiões Administrativas (RA) contíguas. A Região Administrativa SAI — RA XXIX está inserida na Unidade de Planejamento Territorial Central Adjacente 1 — UPT Central Adjacente 2 (PDOT, 2018). Atualmente são 33 regiões administrativas cujos limites físicos definem a jurisdição da ação governamental para fins de descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos, em uma área total de 5.779.999 km<sup>2</sup> (SEGOV, 2020).

O Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), localizado a 16 km rumo oeste do Plano Piloto, nasceu junto com o projeto original de Brasília para abrigar empresas que demandavam grandes áreas para suas instalações e desenvolvimento nas atividades de indústria e abastecimento do Distrito Federal, e abrange os setores de Indústria e Abastecimento, de Transporte Rodoviário e Cargas (STRC), de Oficinas Sul (SOF Sul), de Clubes, Estádios e Esportivo Sul (SCEES) e

CEASA, além de Áreas Isoladas Sudoeste (SAI-SO). (GEOPORTAL, 2020).

A região administrativa do SIA tem 1.549 habitantes. São identificados 72,24% de casas, dentre os quais 20% são de apartamentos. A densidade é de 0.74 hab/ha (PDAD, 2018).

De acordo com a pesquisa realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codelan) em 2010, a maioria das empresas localizadas no Setor de Indústria e Abastecimento não desempenha atividades relacionadas ao que se propõe o lugar. O total são 2.586 firmas instaladas no SIA. Destas, 62,3% pertencem ao varejo, 23,8% são prestadoras de serviço, 6,7% constituem indústrias de transformação, 3,5% são do ramo atacadista, 3,3% respondem por indústrias da construção civil, 0,25% são indústrias de produção e distribuição de eletricidade, gás e água. (INFO-DF, 2019). Do total de estabelecimentos do SIA, apenas 23 são fábricas. A maioria é de lojas (69%), seguidas de escritórios (15%), depósitos (4%) e oficinas (2,8%). O restante não se enquadra nessas categorias. Entre as 268 filiais instaladas, a maior parte é de São Paulo (17%), Goiás (12%) e Minas Gerais (6%).

As características de uso de solo no lugar são: Uso industrial — destinado à extração, beneficiamento, desdobramento, transformação, manufatura, montagem, manutenção ou guarda de matérias-primas ou mercadorias de origem mineral, vegetal ou animal; e Uso especial — exercido por atividades de prestação de serviços públicos: de comunicação, saúde, educação, hospedagem, esporte, cultura, lazer, atividades religiosas, terminais de carga ou de passageiros, matadouros e/ou frigoríficos, cemitérios, crematórios e demais serviços prestados à coletividade. Podendo também identificar-se uso não residencial — exercido por atividades de comércio, serviços, de uso coletivo, industrial, misto, institucional e especial.

Nesse contexto, para estudar a zona foi selecionado um recorte de 250 m x 250 m, que denominamos

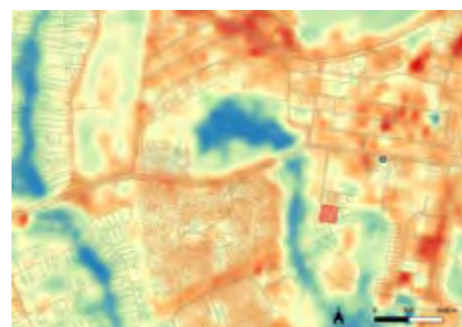


Figura 1: Evolução da área de SIA com recorte para análise. Fonte: Google Earth, anos 2002 e 2019 respectivamente

carimbo, em que se identifica claramente a mudança do uso da terra, além dos serviços oferecidos como clubes. Na Figura 1, pode-se advertir sobre a mudança que o setor tem tido a partir do ano 2002 até 2019, em relação à consolidação de novas construções e a diferença da cobertura da terra. As edificações alcançam uma altura de até 9,50 m.

Sobre as questões ambientais e do clima urbano na zona, o fluxo dos ventos se apresenta predominante no sentido leste-oeste, atravessando as poucas construções existentes e as ruas no sentido perpendicular de norte a sul. No mapa termal da zona de estudo, pode-se identificar a temperatura de superfície máxima de 26,85 °C e mínima de 22,97 °C, ver Figura 2.

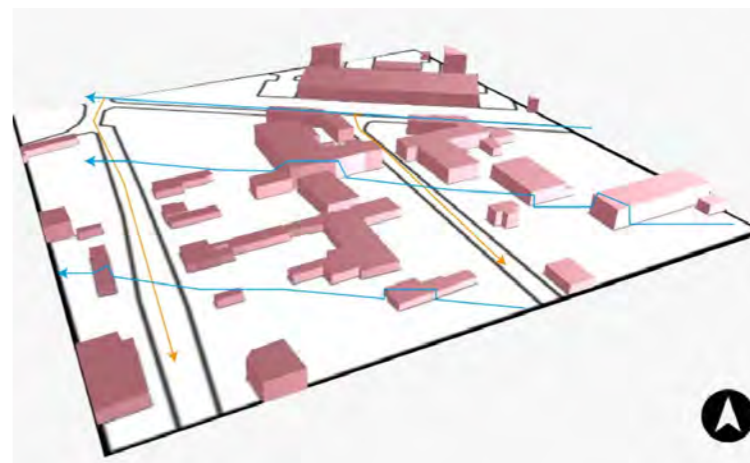


Figura 2: Fluxos dos ventos e mapa termal no recorte SIA



Os mapas das Figs. 2 e 5 foram elaborados na disciplina de Urbanismo Sustentável (1/2019), ministrada pela Profa. Marta Romero e estágio docente de Jamilson de Sousa, apresentados no Simpósio “O Clima Urbano” em 2019, PPG – FAU UnB.

## INDICADORES MORFOCLIMÁTICOS E ESCALAS ESPACIAIS

No ato de se projetar os espaços urbanos, os índices de refletividade dos materiais precisam ser considerados, principalmente na especificação dos materiais de revestimento dos edifícios, sejam pisos ou coberturas, indicar a vegetação e solo natural de albedo mais baixo, e evitar materiais com alta refletividade e albedo mais alto. No caso de Brasília, considerando-se o desenho urbano, a generosa escala bucólica preserva o baixo albedo. Contudo, nos setores mais adensados, como o Setor Bancário Norte (SBN), Setor Bancário Sul (SBS), Setor Hoteleiro Norte (SHN) e Setor Hoteleiro Sul (SHS), alguns edifícios denunciam a negligência com os materiais de acabamento.

O processo de urbanização, tendo como importante transformação a alteração das superfícies naturais pelos materiais urbanos, resultou em uma diferenciação da paisagem urbana, que apresenta forma e microclimas heterogêneos, que são importantes no estudo do campo térmico da cidade.

## ZONAS CLIMÁTICAS LOCAIS EM BRASÍLIA – DF

Existem outras complexidades associadas a essa paisagem heterogênea, como as atividades humanas, presença de vegetação, água e poluição, que podem modificar o clima local. Nesse sentido surgiu um avanço no método de estudo de ilhas de calor urbanas visando organizar e espacializar essas informações dentro do sistema intraurbano, chamado Zonas Climáticas Locais (ZCL), proveniente do termo inglês *Local Climate Zones* (LCZ). Essa classificação, baseada na proposta de Stewart e Oke (2012), surge da divisão da paisagem urbana em classes simplificadas de um contexto morfológico e de temperatura, onde são locais na escala, climática na natureza e zonal na representação (STEWART e OKE, 2012, pág 1884). Nesse sentido, os autores identificaram elementos urbanos que podem afetar a atmosfera e para tanto descreveram as propriedades das áreas urbanas e suas características morfológicas e propuseram uma classificação para áreas urbanas e um posterior agrupamento por similaridade. O Quadro 1 sintetiza

as definições de morfologia, materiais e cobertura do solo associadas a cada zona em Brasília de vários estudos realizados no LaSUS.

Esse sistema de classificação da paisagem urbana permite comparações de parâmetros medidos dentro da cidade, como temperatura do ar, umidade relativa do ar, intensidade e direção do vento, albedo, fluxos de energia, entre outros, a fim de comunicar os estudos de ilhas de calor na academia (nacional e internacional) mediante um método padronizado para identificar a intensidade das ilhas de calor e suas variações

caracterizadas por atividades humanas e morfologias heterogêneas.

O processo de classificação começa com a identificação das tipologias, definidas como áreas de amostra em escala local com características físicas e/ou culturais, diferenciadas pelas características da superfície: permeáveis ou impermeáveis, que interferem no albedo, na umidade e no aquecimento e resfriamento do solo; e pelas estruturas das superfícies: altura e espaçamentos dos edifícios e da vegetação, que modificam o fluxo do ar, o transporte do calor atmosférico e as ondas de

Quadro 1. Definição das Zonas Climáticas Locais (ZCL) e Classificação para Brasília – DF

TIPOS DE EDIFÍCIOS	DEFINIÇÃO	ESTUDOS DE CASO EM BRASÍLIA
1 EDIFÍCIOS ALTOS AGRUPADOS	Mistura Densa de edifícios altos com 10 pavimentos. Poucas ou nenhuma árvore. Cobertura do solo pavimentada. Materiais de construção de concreto, aço, pedra e vidro.	ÁGUAS CLARAS (ZCL1), GAMA (ZCL7/1), TAGUATINGA (LCZ7/1)
2 EDIFÍCIOS MÉDIOS AGRUPADOS	Mistura Densa de edifícios médios de 3 a 9 pavimentos. Poucas ou nenhuma árvore. Cobertura do solo pavimentada. Materiais de construção de pedra, tijolo, azulejo e concreto.	SOBRADINHO II, CRUZEIRO NOVO, RIACHO FUNDO II (ZCL2)
3 EDIFÍCIOS BAIXOS AGRUPADOS	Mistura Densa de edifícios baixos de 1 a 3 pavimentos. Poucas ou nenhuma árvore. Cobertura do solo pavimentada. Materiais de construção de pedra, tijolo, azulejo e concreto.	RECANTO DAS EMAS, TAQUARI, BRAZL NDIA, SAMAMBAIA (ZCL3)
4 EDIFÍCIOS ALTOS ABERTOS	Edifícios altos (10 pavimentos) em arranjo aberto. Cobertura do solo bastante permeável (vegetação rasteira, árvores espalhadas). Materiais de construção em concreto, aço, pedra e vidro.	ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS
5 EDIFÍCIOS MÉDIOS ABERTOS	Edifícios médios (3-9 pavimentos) em arranjo aberto. Cobertura do solo bastante permeável (vegetação rasteira, árvores espalhadas). Materiais de construção em concreto, aço, pedra e vidro.	SETOR SUDOESTE E NOROESTE
6 EDIFÍCIOS BAIXOS ABERTOS	Edifícios baixos (1 - 3 pavimentos) em arranjo aberto. Cobertura do solo bastante permeável (vegetação rasteira, árvores espalhadas). Materiais de construção em madeira, tijolo, pedra, azulejo e concreto.	SUPERQUADRAS ASA SUL E ASA NORTE (ZCL5)
7 BAIXA DENSIDADE LEVE (PRÓXIMAS)	Mistura densa de edifícios de pavimento térreo. Poucas ou nenhuma árvore. A cobertura do solo é dura e compacta. Materiais de construção leves (por exemplo, madeira, palha, metal ondulado).	SOBRADINHO I e II (ZCL7 B); ITAPOÃ (ZCL7 D)
8 BAIXA DENSIDADE AMPLA (ISOLADA)	Arranjo aberto de grandes edifícios baixos (1-3 pavimentos). Poucas ou nenhuma árvore. Cobertura do solo pavimentada. Materiais de construção de aço, concreto, metal e pedra.	SIA (ZCL8)
9 CONSTRUÇÕES ESPARSAS	Arranjo disperso de pequenos ou médios edifícios em um ambiente natural. Abundância de cobertura do solo permeável (plantas baixas, árvores dispersas).	—
10 INDÚSTRIA PESADA	Arranjo disperso de pequenos ou médios edifícios em um ambiente natural. Abundância de cobertura do solo permeável (plantas baixas, árvores dispersas).	—

radiação. Nesse sentido, são definidas as Zonas Climáticas Locais (ZCL), classificadas com base em características de cobertura da superfície, estrutura, material e atividade humana.

A partir da análise de uso e ocupação do solo, da geometria urbana e dos parâmetros morfológicos das áreas de estudo, são classificadas as ZCL e, quando necessário, faz-se a subclassificação. Ou seja, uma área pode ter um tipo de zona dominante com algumas características de outra zona. Por exemplo: ZCL 2/3: zona climática local predominantemente de edifícios médios com uma mistura de edifícios baixos agrupados. Dessa forma a classificação tende a cobrir a heterogeneidade das cidades independentemente de sua localização.

Em questões de geometria e morfologia, Salat (2011) nos lembra que os sistemas de medidas espaciais para escolha formal ou tipológica e suas implicações em energia não devem ser utilizados como valores absolutos, mas como um meio de avaliar o desempenho relativo, comparando diferentes tipos de formas, de bairros ou cidades. Assim, a análise baseada nessa classificação sobrepõe às categorias que enfatizam os principais temas das escalas espaciais onde se considera: uso da terra, mobilidades, gerência de água, biodiversidade, energia, equidade, economia, bem-estar, resíduos e matérias, energia e bioclimatismo. Os temas propostos pelo autor se sobrepõem às sete grades de análise com uma subdivisão do indicador, resultando:

– Intensidade, expressada segundo a concentração de pessoas ou densidade de moradias.

– Diversidade, onde se mistura a variedade de objetos de um tipo semelhante em uma determinada escala.

– Proximidade e a distância média para duas coisas: atividades domésticas e de lazer ou escritórios e estações de transporte público.

– Complexidade, como aspecto essencial da cidade sustentável, componente na eficiência energética.

– Conectividade, acessibilidade e interconexão espacial de um sistema ou rede.

– Distribuição, com a concentração de pessoas ou densidade de moradias.

– Forma, refere-se à geometria dos elementos, volume e pegada no espaço. (SALAT, 2011, pág. 485).

No contexto onde se desenvolve, é imprescindível considerar sua escala. O mesmo autor define uma classificação das escalas espaciais: a CIDADE, onde se tem a distribuição geográfica, mapas de vias de comunicação, transporte público, localização dos polos de consumo de energia; o DISTRITO, onde se tem a complexidade e a conectividade das redes de ruas. Diversidade de tamanho e preços de moradias, diferentes atividades e mix de empregos. Na cidade americana

iluminação das superfícies urbanas construídas: distingue os indicadores morfoclimáticos (análise ambiental e morfologia urbana), morfosso-lares (acesso dos raios solares e da luz natural nas edificações, quanto à salubridade e qualidade dos ambientes interiores). Desse estudo apontamos só os indicadores morfoclimáticos que tratam de identificar no contexto construído o que poderia influenciar um conjunto de fenômenos climáticos.

Quadro 2. Princípios metodológicos de indicadores de morfologia urbana

CATEGORIA DE INDICADORES	CARACTERÍSTICAS	PRINCIPAIS REFERÊNCIAS
Morfoenergéticos	<b>Morfoclimático:</b> Tratam de identificar no contexto construído o que poderia influenciar um conjunto de fenômenos climáticos. Traduzindo-se, por tanto, em grande número de indicadores.	(GROLEAU e MARENNE, 1995) (AIT-AMEUR, 2002) (ADOLPHE, 2001) (BOTTEMA, 1997) (GRIMOND e OKE, 1999)
	<b>Físico-morfológico:</b> Caracterizam apenas a influência sobre os fenômenos físicos e climatológicos, muitas vezes, em grande escala. Relacionam os diversos aspectos da morfologia urbana ao consumo e produção de energia nas cidades, não necessariamente passando pela interação entre morfologia e modificações físico-climáticas locais.	(SALAT, 2011) (ADOLPHE, CH TELET, et al, 2002)
Morfo-físico-sensíveis	Destinam-se a caracterizar o que é percebido pelos usuários dos espaços urbanos, em quanto a caracterização da interação entre o físico e construído não é um fim em si (não quantificáveis).	(AUGOYEARD, 1995) (BOUSSOULIM, 2002) (LEVY, 1992)
Morfológicos-gráficos	São indicadores que podem ser usados para descrever uma interação entre o físico e o construído, mas não exclusivamente. A principal característica desta categoria de indicadores é estar baseada na definição geométrica e representação gráfica, tornando-os mais explícitos do que as categorias anteriores (e.g. DEM – Digital Elevation Model).	(TELLER, 1999) (BENZERZOUR, 2004)

Fonte: MARTINS (2014, p.117).

considera-se 1 milha x 1 milha; o BAIRRO, com a morfologia dos fenômenos físicos dentro do tecido urbano. Parâmetros físicos influenciados pela forma das ruas (h/l de cânions urbanos). Também a segregação pelos parâmetros de proximidade: 400 m x 400 m; a QUADRA, que tem os parâmetros morfológicos e configurações urbanas de edifícios adjacentes ou homogêneos. Para cálculos térmicos, novos indicadores de conectividade, proximidade e distribuição como diversidade e morfologia. Sendo assim, o bloco altamente versátil é a parte construída, é moldurada pelas ruas e por fim o EDIFÍCIO.

Para a análise ambiental da morfologia construída, recorremos a outro autor que faz referência aos principais indicadores da forma urbana que auxiliam na análise dos aspectos ambientais no contexto da cidade, Martins (2014), dado seu foco nos fenômenos climáticos e, mais especificamente, naqueles relacionados à insolação e

Também auxilia nosso estudo a classificação segundo a forma da quadra urbana, estudada por Bonhomme et al. (2012). Conforme a citação de Martins, 2014, os autores utilizaram os conceitos de tipologia e forma para elaborar uma ferramenta que gera automaticamente mapas tipológicos de quadras urbanas – GENIUS (GENERator of Interactive Urban blocks), Figura 3. A partir de dados urbanos georreferenciados, o aplicativo permite tratar, classificar e, por meio de métodos estatísticos, obter um novo mapa contendo polígonos que representam sete tipologias de quadras urbanas distintas.



Figura 3: Tipologia de quadras urbanas  
Fonte: Bonhomme, Masson e Adolphe (2012, pp.1-6)



A análise da morfologia urbana segundo a classificação de ZCL (Stewart e Oke, 2012), as quadras urbanas (Bonhomme et al, 2012) mostram as diferentes formas urbanas numa determinada escala espacial e como estas podem influenciar nos aspectos climáticos, configuracionais e sociais. Para o caso do SIA, esta se obtém conforme a classificação do ZCL.

## SIMULAÇÃO NO ENVI-MET ANÁLISE E RESULTADOS

O ENVI-met é um programa que permite o acesso livre, nele se reproduzem os processos atmosféricos que afetam o microclima baseado na lei da dinâmica e termodinâmica de fluidos. Essa ferramenta permite se ter uma abordagem integral dos efeitos que são produzidos em um determinado espaço urbano, simulando a dinâmica microclimática dentro de um ciclo diário. O modelo é estacionário e não hidrostático, prevê todos os processos de troca, incluindo vento, turbulência, radiação, temperatura e umidade.

Nele, é possível uma representação detalhada de estruturas e materialidades urbanas completas, isto é, edifícios com diferentes formas e alturas e propriedades ópticas dos materiais. A vegetação é considerada no solo como um obstáculo poroso à radiação eólica e solar, mas também a partir da inclusão de processos fisiológicos de evapotranspiração e fotossíntese. Diferentes tipos de vegetação com propriedades específicas podem ser selecionados. Também é considerado um volume atraente de várias capas e tipologias.

A alta resolução espacial (até 0,5 m na direção horizontal) e a resolução temporal (até 10 segundos) permitem uma leitura detalhada das alterações microclimáticas. O modelo requer um número limitado de entradas e fornece uma grande quantidade de dados de saída. Além disso, calcula a Temperatura Radiante Média (TRM), que é uma variável que determina a habitabilidade térmica dos espaços ao ar livre. É considerada uma ferramenta eficaz e relevante internacionalmente para análise térmica e avaliação do clima térmico do microclima em áreas urbanas (STOCCO; CANTON; CORREA, 2018). Os dados mínimos considerados para a simulação computacional nesse software estão detalhados no Quadro 3.

Para o cenário morfoclimático, consideram-se os fatores de temperatura do ar, umidade relativa e velocidade do vento. A data da simulação é de 4 de setembro de 2019, segundo o Inmet<sup>1</sup>. Para a

<sup>1</sup> O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) é o instituto de meteorologia do Brasil. <http://www.inmet.gov.br/portal/>

extração dos dados simulados geram-se os mapas de resultados por meio do *plugin* gratuito do ENVI-met intitulado Leonardo. Os mapas da simulação sobre o recorte de SIA, que contém galpões de um ou dois pavimentos e terrenos vagos, apresentam-se os seguintes resultados:

- A temperatura do ar (Figura 4) predominantemente abaixo dos 30,77 °C é agradável, estando na maioria da área do recorte, e sobre a área com asfalto registra-se a temperatura mais quente. Os valores mais elevados na área alcançam valores acima de 33,14 °C.

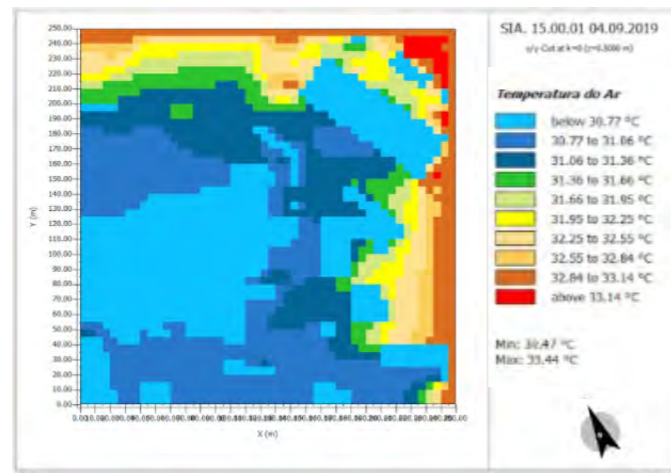


Figura 4:  
Mapa de Temperatura do Ar.  
Fonte: Elaboração própria no ENVI-met (2019)

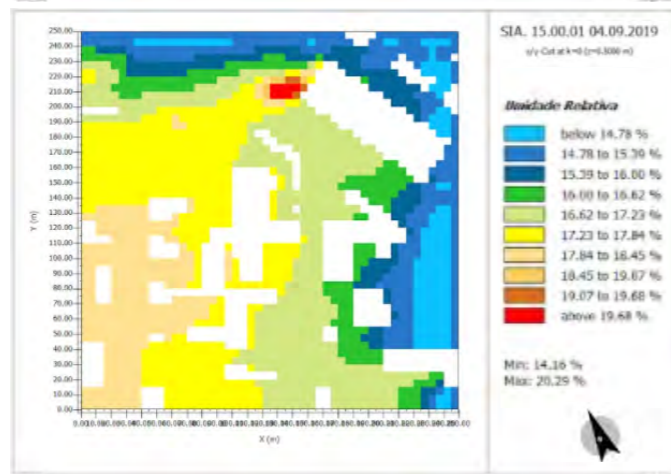


Figura 5:  
Mapa de Umidade Relativa.  
Fonte: Elaboração própria no ENVI-met (2019)

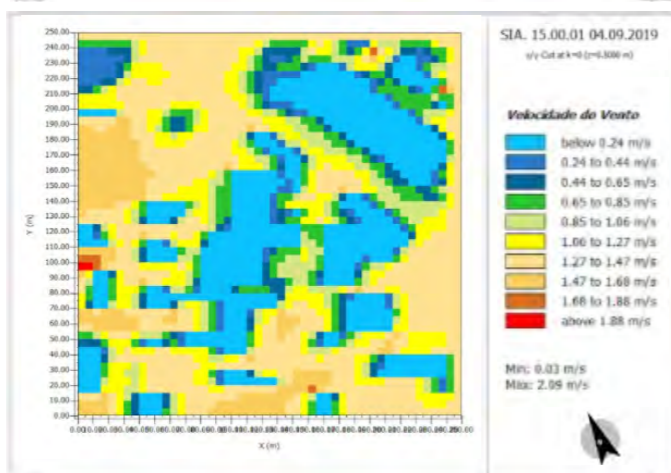


Figura 6:  
Mapa de Velocidade do Vento.  
Fonte: Elaboração própria no ENVI-met (2019)

- A umidade relativa (Figura 5) registra valores entre o mínimo 14,16% e o máximo 20,29%, a maior parte da região tem umidade relativa agradável, principalmente pelo afastamento das edificações e a permeabilidade do solo. Os valores mais baixos guardam relação com as superfícies duras de edificações e pisos de asfalto e terra.
- A velocidade do vento (Figura 6) sobre os prédios no recorte registra o valor entre 1,27 m/s e 1,47 m/s. Valores altos pelas edificações baixas e afastadas.



Figura 6:

Aqui é importante assinalar que a área de estudo se identifica como ZCL8 Aberta com grandes construções de baixa elevação. Forma: Arranjo físico aberto com grandes edificações de baixa elevação, espaçadas entre elas com gabarito de até três pavimentos. Apresenta área permeável (solo exposto, gramados e poucas árvores de pequeno e médio porte – segundo a análise e a identificação dos padrões propostos pelos autores Stewart e Oke, 2012).

O resultado estabelece como a morfologia num determinado território gera um cenário morfoclimático que modifica o desempenho ambiental e suas relações sobre os fatores ambientais onde as pessoas desenvolvem suas atividades cotidianas.

## BOM TRATAMENTO NA RELAÇÃO DA FORMA E DO CLIMA PARA CRIAR CENÁRIOS FAVORÁVEIS PARA O ÓTIMO DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES HUMANAS

Pode-se concluir que para se analisar o cenário morfoclimático de um recorte no setor SIA em Brasília, deve-se estudar a mudança do uso do solo como um impulso para que sejam introduzidas atividades de serviço e lazer numa área não compatível à primeira vista, não somente pelos fatores sociais e de planejamento, mas também sobrepondo os fatores ambientais. Esse cenário claramente mostra como parte de um processo de urbanização tende a modificar os ecossistemas naturais, aumentando a temperatura, reduzindo a umidade, além de alterar a composição química da atmosfera, o que acarreta a criação de microclimas.

Considerar as variáveis de temperatura do ar, velocidade dos ventos e a umidade relativa no sítio vai trazer um melhor desempenho nas atividades sociais que são introduzidas nesse setor

do Distrito Federal, e que poderiam ser aproveitadas não somente no horário noturno. As atividades poderão ser desenvolvidas com maior efetividade se forem considerados os fatores ambientais, como o microclima, morfologia do espaço aberto e o envoltório dos edifícios, entendendo assim que numa temperatura muito quente sem possibilidade de ser resfriada pela velocidade do vento e baixa umidade relativa não vão assegurar um melhor uso do solo.

Fica evidenciado que o clima urbano tem uma influência muito importante no desenvolvimento e nas projeções de atividades humanas numa determinada zona. A relação forma-clima vai determinar o bom desempenho do indicador de intensidade, proximidade, conectividade e distribuição segundo o marco conceitual proposto.

Da mesma forma, fica claro que o cenário morfoclimático é um instrumento para guiar o atendimento dos indicadores das escalas espaciais e a ocupação do espaço. Bem aproveitado no urbanismo sustentável pode também ser aplicado em diferentes áreas para se compreender melhor as transições dos lugares e seu uso de solo.

Podemos concluir que no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), para impulsionar seu aproveitamento com uma adequada ocupação do solo, ainda preservando seu caráter industrial e de serviço, é recomendável organizar a paisagem urbana em estruturas com propriedades semelhantes e relacionadas aos tipos de construção e à cobertura do solo, tendo como base fatores ambientais como o microclima, morfologia do espaço aberto, envoltório dos edifícios e os fatores pessoais, que dependem do usuário. Este estudo do campo térmico da cidade é primordial para segurança na mitigação de mudanças climáticas na escala local e deve ser levado em conta que pode ser aplicado tanto para uma região administrativa como para todo o conjunto da cidade. ●

## REFERÊNCIAS

- BONHOMME, M.; MASSON, V.; ADOLPHE, L. *The block generator: A tool for classification and evolution of urban typologies to assess environmental performances at the city scale*. PLEA - Passive and Low Energy Architecture. Lima, Peru: [s.n.]. 2012. pág 1-6.
- GEOPORTAL. *Administração Regional do SIA. Co-nheça a RA*. Disponível em: <http://www.sia.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/> Acessado em 17/08/2020.
- INFO-DF. Anuário Estadístico 2019. Disponível em: [http://infodf.codeplan.df.gov.br/?page\\_id=2306](http://infodf.codeplan.df.gov.br/?page_id=2306) Acesso em: 30/04/2020
- MARTINS, T. *De Condicionantes Solares a Oportunidades de Desenho Urbano: Otimização de tipomorfologias urbanas em contexto de clima tropical*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-graduação em Arquitetura. 2014.
- PDAD. *Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios 2018 - SIA*. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/SIA.pdf> Acesso em: 15/03/2020
- ROMERO, M. A. B.; BAPTISTA, G. M. de M.; LIMA, E. A. de; WERNECK, D. R.; VIANNA, E. O.; SALES, G. de L. *Mudanças climáticas e ilhas de calor urbanas*. 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2019. v. 1. 151pág Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34661>
- ROMERO, M. *Arquitetura do lugar: Uma visão bioclimática da sustentabilidade em Brasília*. São Paulo: Nova Técnica Editorial, 2011.
- RUEDA, S. *Ecologia Urbana: Barcelona e a seva Regió Metropolitana com a referents*. Editó-ra: Beta. Editorial, 1995.
- SALAT, S.; LABBE, F.; NOWACKI, C.; WALKER, G. *Cities and forms on Sustainable Urbanism*. Paris: CSTB Urban Morphology Laboratory, Hermann, 2011.
- SEGOV. *Secretaria de Estado de Governo do DF 2020*. Disponível em <https://segov.df.gov.br/category/administracoes-regionais/> Acesso em: 30/04/2020
- SILVA, C. *O conforto térmico de cânions urbanos: Contexto climático do Distrito Federal*. Tese de Doutorado da Universidade de Brasília – UNB. Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. 2013.
- STIEPIEN Y BARNO. *La ciudad viva*. 2011. Disponível em: <http://www.laciudadviva.org> Acesso em: 28/08/2019.
- STOCCO, S. CANTON, A., CORREA, E. *Alternativas de diseño para mejorar el desempeño ambiental de plazas urbanas de Mendoza (Argentina)*. Evaluación mediante simulación com ENVI-met 3.1. Informes de la Construcción 70(550):e253. Disponível em: <http://doi.org/10.3989/ic.154> Acesso em: 21/11/2019.
- STEWART, I.; OKE, T. *Local climate zones for urban temperature studies*. American Meteorological Society, v.93, pág 1879-1900, 2012.





MARTA ROMERO



NATHÁLIA DE MELLO

● ARQUITETURA

# AVALIAÇÃO DA VENTILAÇÃO URBANA DA SUPERQUADRA 500 DO SUDOESTE

**Nathália de Mello Faria**

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteta e Urbanista  
nmfarquitetura@gmail.com

**Marta Adriana Bustos Romero**

Professora Titular FAU UNB  
romero@unb.br

Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo – LaSUS – Universidade de Brasília

No bairro Sudoeste do Plano Piloto de Brasília, em uma região antes coberta por vegetação nativa e sem previsão de ocupação no planejamento inicial da cidade, iniciaram-se as obras de um nova superquadra no final de 2019, tornando o que antes era solo permeável e parcelas de um parque em uma superfície impermeabilizada. O Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo (LaSUS) analisou o impacto que ocasionará a implementação desse novo empreendimento na ventilação e na temperatura das imediações do bairro. Utilizou-se para tanto de sensoriamento remoto – freeware Qgis versão 2.18, para identificar a temperatura de superfície da região antes da construção do empreendimento, e da simulação computacional – software Envi-met versão 4.4.3, para identificar a temperatura do ar, a velocidade e a direção dos ventos depois da construção do empreendimento. O cenário simulado revela o aumento significativo de mais de 10 °C na temperatura da superquadra devido à implantação dos edifícios em diversos

sentidos, à supressão da vegetação nativa, à rugosidade das superfícies e ao aumento do albedo, que alterarão significativamente a direção e a velocidade da ventilação urbana. Os parâmetros analisados indicam a nova superquadra como uma área potencial de Ilha de Calor Urbana (ICU) para o bairro existente, que já apresenta padrões menores de sustentabilidade quando comparados aos projetados por Lucio Costa. Esse setor Sudoeste é composto por superquadras, quadras econômicas, quadras mistas, centro comercial, Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), Parque dos Sucupiras, Parque Bosque do Sudoeste, Setor Octogonal e pelo Setor de Indústrias Gráficas. As suas superquadras possuem configuração semelhante às superquadras sul e norte, seguindo o padrão de blocos isolados, altura constante (seis pavimentos) e livre circulação de pedestres no térreo (pilotis

abertos). Por serem mais novas, porém, estas seguem padrões de construção diferentes das demais, apresentando edifícios mais próximos e vegetação menos densa, tanto nas áreas internas das quadras como nas áreas externas. nada “Quadra 500 do Sudoeste”, localizada entre

Em 2006, foi lançado um projeto de construção de uma nova superquadra nessa área, denominada “Quadra 500 do Sudoeste”, localizada entre o Inmet e o Parque das Sucupiras. O complexo — que não estava previsto no plano original da cidade — foi implantado na última área de cerrado nativo da cidade.

Segundo Lopes et al. (2018), em 2006, quando a área foi entregue à Marinha, a previsão era de que os edifícios que ali existiriam teriam apenas três pavimentos. Em 2007, porém, foi aprovado em reunião do Iphan (ofício 545/2007) que o gabarito dos prédios pertencentes a Superquadra 500 teriam seis pavimentos e pilotis, assim como as demais superquadras do Setor Sudoeste (Figura 1). Com a mudança no número de pavimentos, outra preocupação veio à tona: o consequente aumento no número de moradores e nos recursos ambientais utilizados por eles.



Figura 1 - Planta da ocupação da Superquadra Sudoeste 500. Fonte: Portal das Quadras 500. Disponível em quadra500sudoeste.com

Além de ser uma área frágil ambientalmente e sem previsão de ocupação no planejamento da cidade, uma ocupação de alta densidade construtiva e desenho urbano sem qualidade impacta tanto na infraestrutura do bairro como também no conforto microclimático da região. A deturpação do planejamento urbano inicial e a supressão da vegetação nativa tornou o que antes era solo permeável em superfície impermeabilizada (Figura 2).

Os estudos realizados no DF demonstram que o excessivo adensamento urbano, o aumento do albedo, a rugosidade das superfícies e a remoção da vegetação ocasionam o fenômeno da Ilha de Calor Urbana – ICU (Romero *et al.*, 2019). A ICU pode ser identificada quando a temperatura do ar do ambiente urbano está mais elevada, a umidade relativa do ar está mais baixa e existe uma alteração na velocidade dos ventos e no regime de chuvas quando comparado às regiões microclimáticas rurais.

Para ZHU (2016) alguns motivos para a alteração da direção e velocidade dos ventos urbanos são a localização incorreta dos edifícios, que acabam criando corredores de ventilação em situações de vento fraco ou calmo, e os grandes blocos de edifícios que fecham o traçado urbano e facilitam a formação de uma zona de sombra ao vento no lado de sotavento da construção.

## MÉTODO DE TRABALHO

O método de trabalho aplicado consta de três etapas:

- A primeira etapa foi a elaboração do mapa de temperatura de superfície pelo freeware Qgis versão 2.18, para caracterizar climaticamente a região antes da construção do empreendimento.
- A segunda etapa foi a simulação computacional, por meio do Software ENVI-Met versão 4.4.3, para caracterizar climaticamente a região após a construção do empreendimento.
- A terceira consiste na análise dos resultados e na comparação entre os dados dos mapas de temperaturas obtidos antes e os dados das simulações depois da construção da Superquadra 500 do Sudoeste.

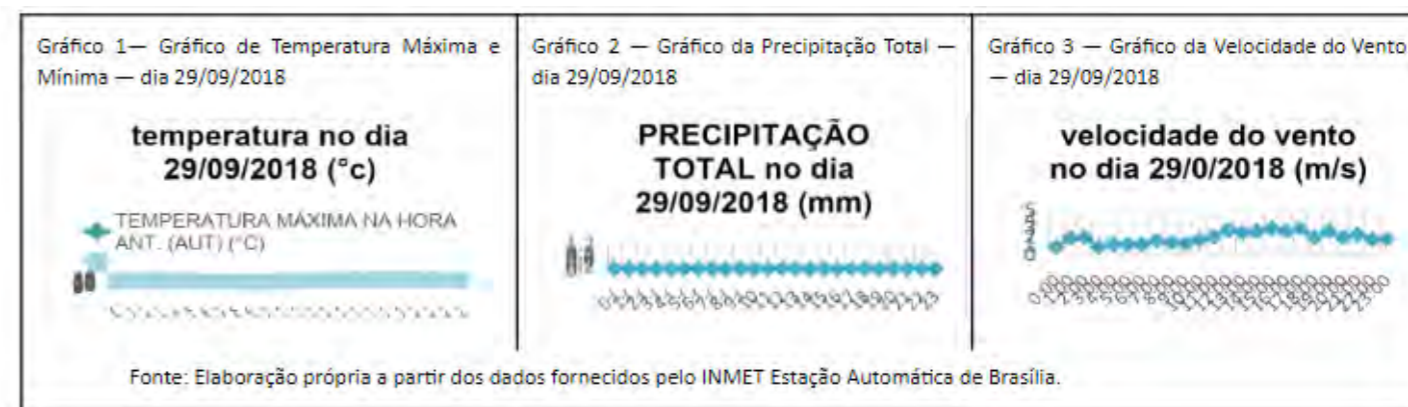


Figura 2 - Fotografia da Superquadra 500. Outubro de 2020. Fonte: Portal Globo Brasília.

## MAPA ANTES DA CONSTRUÇÃO DA SUPERQUADRA 500

O QGIS é um software livre com código-fonte aberto, multiplataforma de Sistema de Informação Geográfica (SIG) que permite a visualização, edição e análise de dados georreferenciados. Utilizando como plataforma o QGIS, a extração dos dados foi feita pelo plugin Land Surface Temperature. Esse plugin extrai a temperatura da superfície terrestre de imagens e calcula a emissividade da superfície terrestre usando a abordagem NDVI.

Pelo portal do Earth Observing System para a Região Administrativa de Brasília, foi extraída a imagem do Landsat 08, bandas 4, 5 e 10, e os metadados. O satélite registra as imagens quinzenalmente e por esse motivo a escolha da fotografia para a realização do mapa foi no dia com menos nuvens do mês de setembro de 2018: o dia 29. Nesse dia, a temperatura máxima foi de 33,6° C (Gráfico 1), não choveu (Gráfico 2) e o vento atingiu a velocidade média de 1,7 m/s (Gráfico 3).



Com esses dados e utilizando o plugin Land Surface Temperature, foi gerado o mapa de temperatura de superfície do recorte antes da construção do empreendimento.

## MAPAS DEPOIS DA CONSTRUÇÃO DA SUPERQUADRA 500

O ENVI-met é o programa do tipo CFD (Computational Fluid Dynamics) utilizado na escala microclimática para investigações de poluição do ar, conforto de pedestres e fluxo de ar no entorno de edifícios. Esse programa trabalha com a análise de frações urbanas.



Para a simulação, foram utilizados dados climáticos configurados a partir do arquivo climático formato EPW (Energy Plus Weather) obtido no portal do EnergyPlus para a Região Administrativa de Brasília. Foi utilizado o método desenvolvido por Adário, Silva e Silva (2019), que força o comportamento do vento, da temperatura, da umidade e da cobertura de nuvens pela aba "Full Forcing" do Envi-met.

A dimensão do modelo adotado foi de 145 (eixo x), 67 (eixo y) e 30 (eixo z), e, portanto, o tamanho do grid foi de 5 x 5 x 2 (dx x dy x dz). O Norte está rotacionado 18 graus em relação ao sentido anti-horário. (Figura 3)

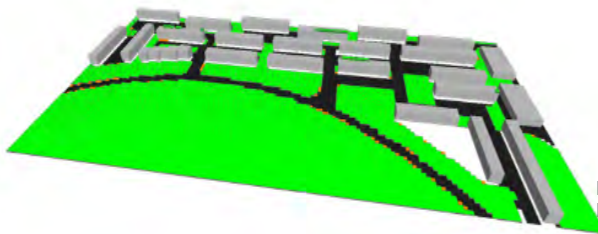


Figura 3 – Modelo ENVI-met da Superquadra 500  
Fonte: Elaboração própria

Para a escolha do dia da simulação, foi utilizado como base a metodologia de Ren, C. et al. (2018), segundo o qual um dia típico para a análise da ventilação é aquele que contenha a melhor frequência de brisas leves e com sombra de vento sob condições típicas do clima e sem chuva. Há uma limitação de datas: por serem dados com correções estatísticas, os dados disponíveis têm como ano-limite o ano de 2018. Analisando, portanto, esse ano, o mês mais quente e seco foi o de setembro. O dia mais típico, com condições típicas do clima, ventos que se comportaram conforme os ventos típicos do decorrer do ano, e sem chuva, foi o dia 8 de setembro, e, portanto, foi a data escolhida para a simulação.

No dia 8/9/2018, a temperatura máxima atingida foi de 28,9 °C (Gráfico 4) no período noturno e os ventos atingiram velocidade média de 3,1 m/s (Gráfico 6), tendo seu pico às 16 horas, em que atingiu 4,7 m/s.

Os materiais utilizados na modelagem foram: asfalto (asphalt), pavimento de concreto cinza (con-concrete pavement gray) para calçadas e térreo das edificações (pilotis), solo argiloso (loamy soil) e grama (grass) para as áreas ainda permeáveis do terreno.

Quando foi analisada a região mais central do terreno, que atingiu a temperatura de aproximadamente 42 °C, 9 °C a mais da indicada pelas estações meteorológicas (Fig. 4). Isso se deve às massas vegetativas que estavam presentes na região. Segundo demonstram as pesquisas (Romero et al., 2019, p. 64), a vegetação rasteira e típica do cerrado na seca (em setembro) comporta-se de maneira semelhante ao asfalto — com temperatura de superfície mais alta — e, por isso, pode-se ver que o interior do terreno apresenta temperaturas mais altas, corroborando os dados pesquisados.

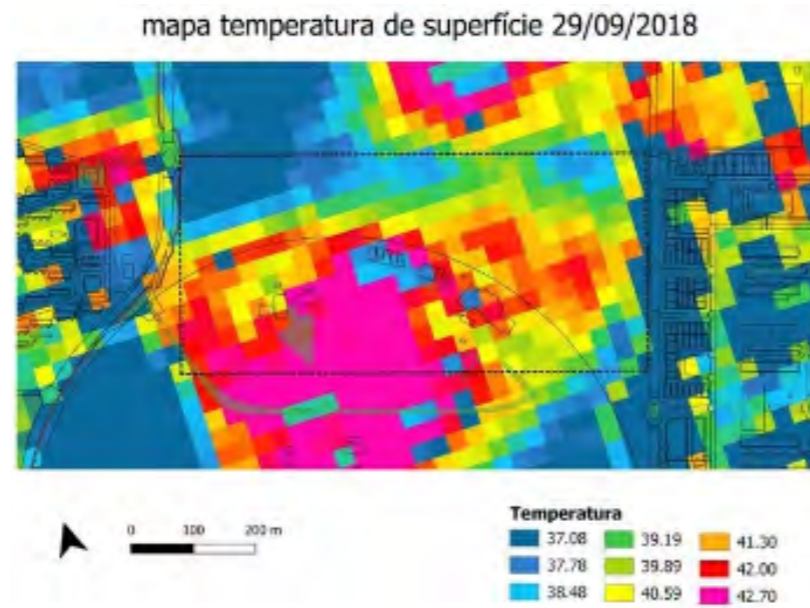


Figura 4 – Mapa de temperatura de superfície e fotografia aérea do local. Fonte: Elaboração própria – plugin Land Surface Temperature, QGIS v. 2.18 e GoogleEarth.

O Mapa de Fator de Visão do Céu revela que, com a Superquadra 500 do Sudoeste, os locais próximos aos edifícios têm visão de apenas 39%. A máxima chegou a 97% nos locais mais próximos ao Inmet e a mínima de zero grau centígrado, nos pilotis dos edifícios. A média é de aproximadamente 70% (Figura 5).

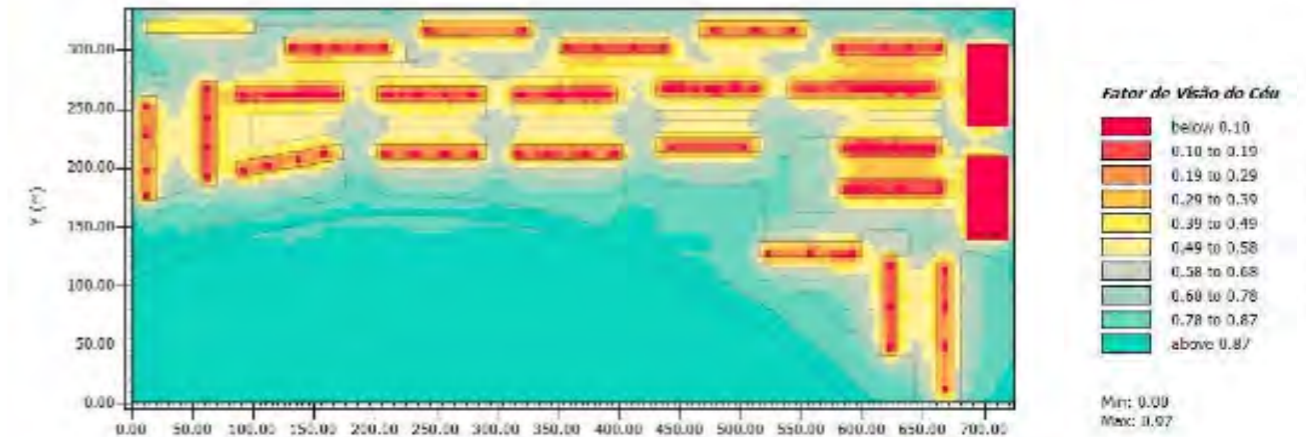


Figura 5 - Mapa de Fator de Visão do Céu.

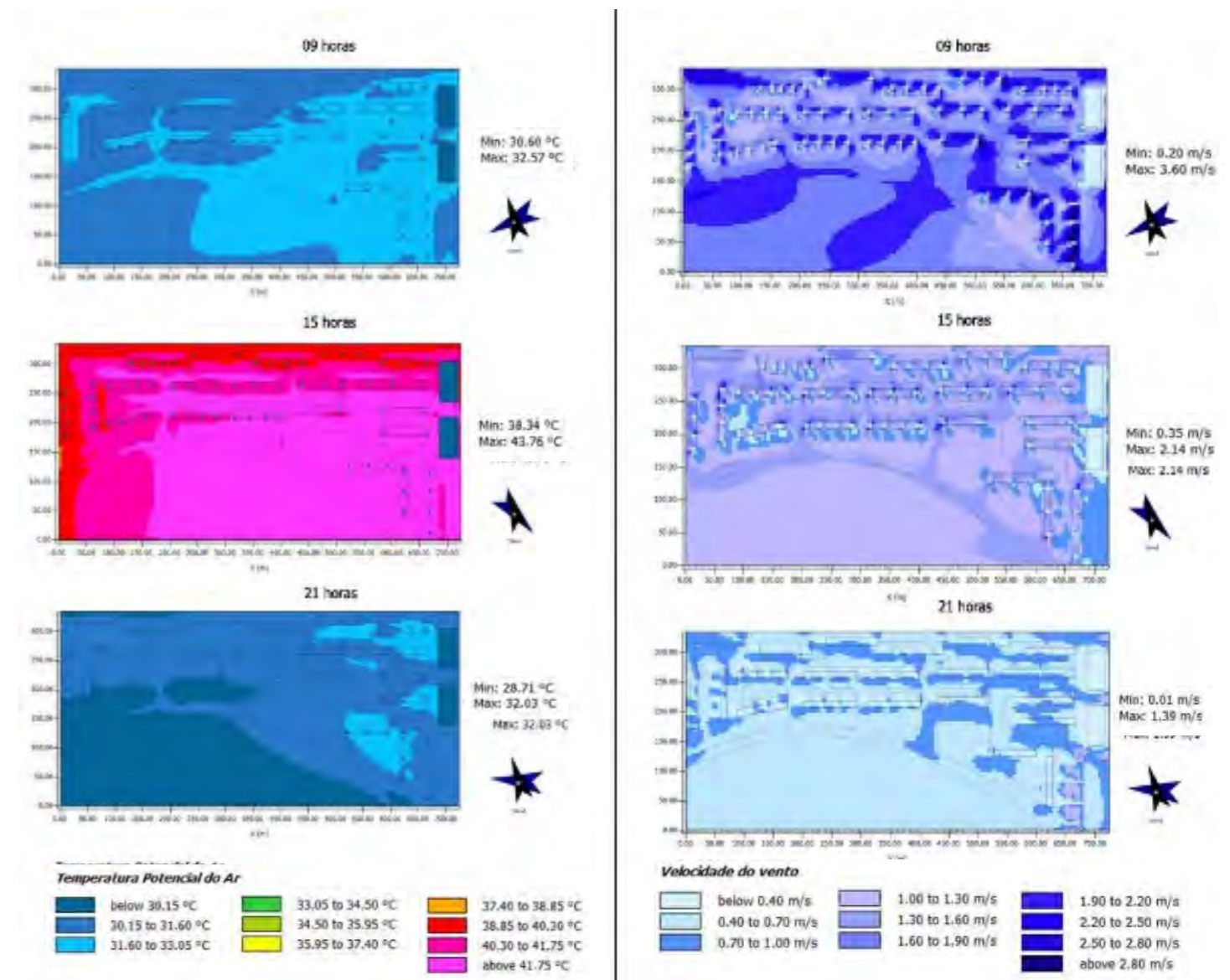
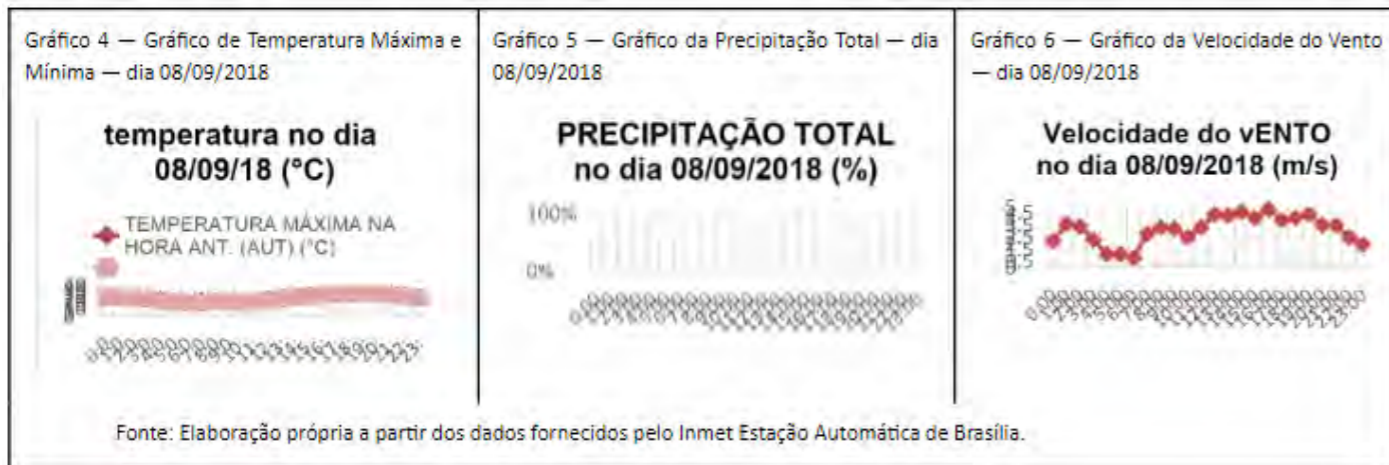


Figura 6 e Figura 7— Temperatura potencial do ar – 9h, 15h e 21h Fonte: Elaboração própria – plugin LEONARDO, Envi-Met v. 4.4.3.



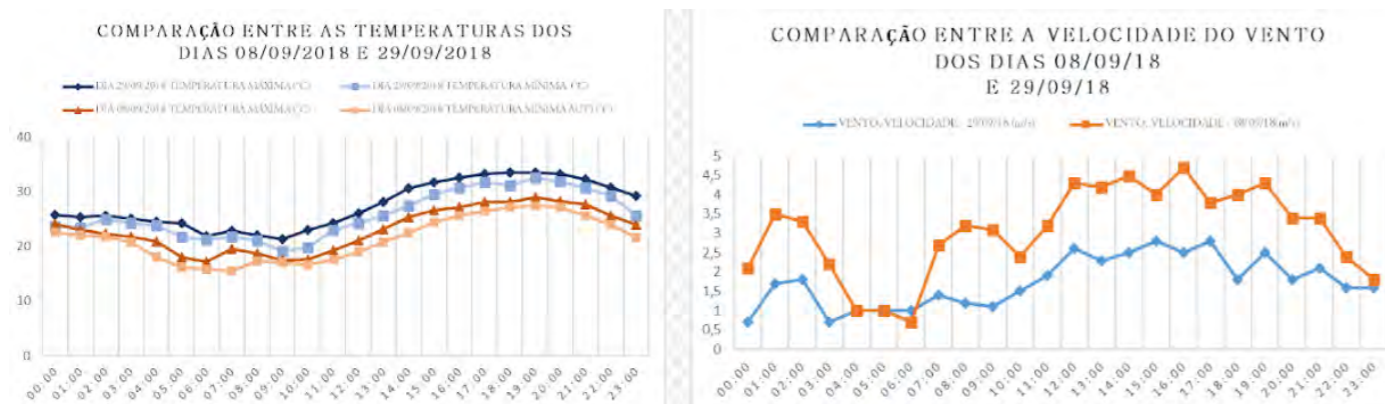


Às 15 horas, a velocidade do vento na quadra toda atinge velocidade de 1 a 1,90 m/s, sendo que a registrada para o mesmo horário nas estações automáticas era de 3,8 m/s. O mapa da velocidade do vento das 21 horas mostra o quão estagnado fica o vento nesse período. Na maior parte da quadra, o vento tem velocidade de 0,40 a 0,70 m/s. Nesse período, a velocidade máxima atingida é de 1,39 m/s a sudeste do recorte. O vento, que nesse horário incide na direção sudeste, percorre três corredores formados pelas vias principais, perdendo velocidade conforme se aproxima dos edifícios do noroeste da quadra.

Os dias escolhidos possuem temperaturas ao longo do dia com comportamentos semelhantes. O dia 29/9/2018 teve, porém, temperaturas mais elevadas e menos ventilação ao longo do dia. A velocidade do vento do dia 8/9/2018 teve, porém, um pico, por volta das 6h30m, mais baixo do que a média geral do dia 29/9/2018.

Apesar das cores dos gráficos se aproximarem, no dia 8/9/2018 o terreno estudado atingiu mínima de 37,08 °C e máxima de 42,70 °C — variação de 5,62 °C, enquanto o mesmo terreno no dia 29/9/2018 variou 11,6 °C, registrando temperatura mínima abaixo de 30,15 °C e máxima acima de 41,75 °C. Ressalta-se que as temperaturas mais altas atingidas no local, nos dias 8 e 29 de setembro, estão em magenta, porém, pela variação ser diferente, utilizaram-se máximas e mínimas também diferentes para melhor visualização do resultado (Fig. 8).

Gráfico 7 – Comparação entre as temperaturas e a velocidade do vento dos dias 8 e 29/9/2018



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados fornecidos pelo INMET Estação Automática de Brasília.

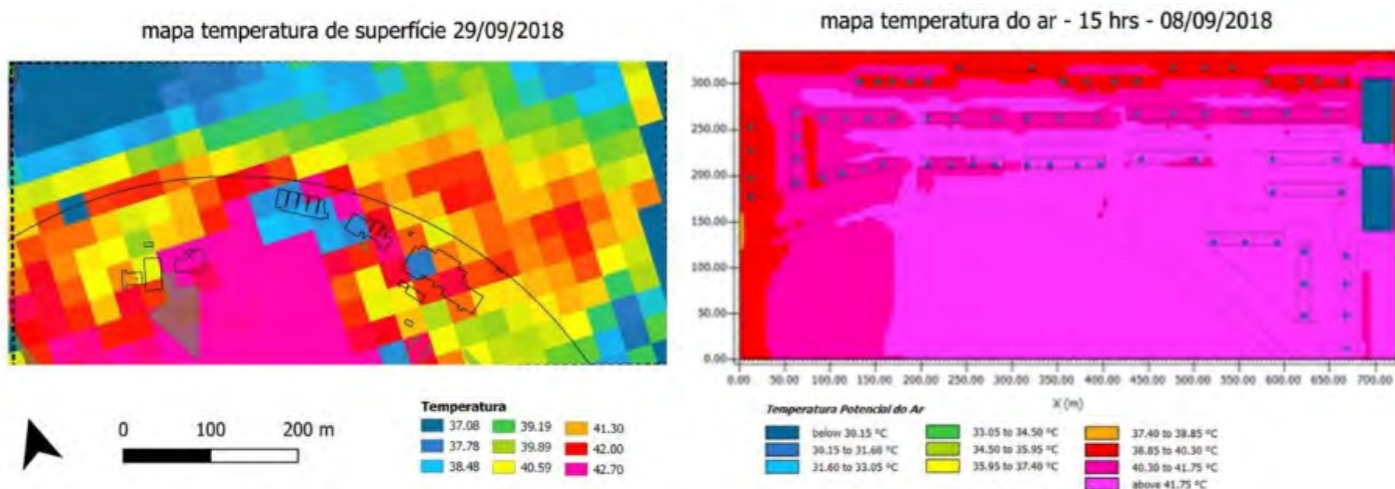


Figura 8 – Comparação entre as temperaturas. Fonte: Elaboração própria

Quanto à ventilação, percebe-se que os ventos do leste – simulados no horário das 9 horas – são canalizados pelos edifícios dispostos no mesmo sentido (leste-oeste), porém encontram barreiras – os dois edifícios implantados na perpendicular ao noroeste da quadra – que acabam impedindo que a ventilação chegue com velocidade ao final da quadra e, conseqüentemente, às quadras mistas que estão no entorno imediato no-roeste da superquadra (representado em azul escuro nas figuras 9 e 10).

Os ventos do noroeste – de chuva (representados em azul claro nas figuras 9 e 10) – percorrem os edifícios escalonados ao nordeste da superquadra, porém também encontram barreiras que os impedem de chegar com velocidade máxima de 2,14 m/s ao Instituto Nacional de Meteorologia).

Por fim, os ventos de seca (que vêm no sentido sudeste-noroeste) e que antes da implantação da superquadra chegavam com velocidade de 1,39 m/s no Parque das Sucupiras, situado a nordeste da superquadra, também encontraram os edifícios dispostos linearmente no sentido leste-oeste como barreira para a velocidade do vento, que chega nessa área a 0,40 m/s (representado em vermelho nas figuras 9 e 10).

Os ventos do noroeste – de chuva (representados em azul claro nas figuras 9 e 10) – percorrem os edifícios escalonados ao nordeste da superquadra, porém também encontram barreiras que os impedem de chegar com velocidade máxima de 2,14 m/s ao Instituto Nacional de Meteorologia).

Por fim, os ventos de seca (que vêm no sentido sudeste-noroeste) e que antes da implantação da superquadra chegavam com velocidade de 1,39 m/s no Parque das Sucupiras, situado a nordeste da superquadra, também encontraram os edifícios dispostos linearmente no sentido leste-oeste, como barreira para a velocidade do vento, que chega nessa área a 0,40 m/s (representado em vermelho nas figuras 9 e 10).

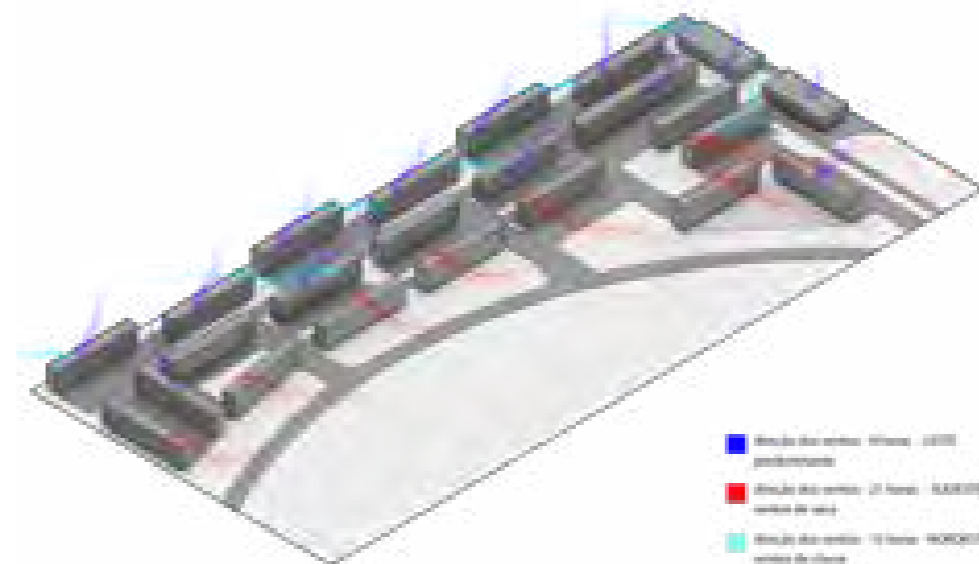


Figura 9 – Perspectiva da direção dos ventos na Superquadra 500. Fonte: Elaboração própria



Figura 10 – Planta da direção dos ventos na Superquadra 500. Fonte: Elaboração própria



## VENTILAÇÃO PREJUDICADA E POTENCIAL ILHA DE CALOR URBANA

Mesmo com esse cenário de temperaturas mais brandas e ventos com maior velocidade no dia 8/9/2018, quando comparados os mapas de temperatura do terreno antes e depois da construção da Superquadra 500, vê-se que a temperatura após a construção se elevou bastante. No horário das 15 horas, em que as estações automáticas registraram, no dia 8 de setembro daquele ano, temperatura máxima de 26,6 °C, a super-quadra, se já estivesse sido construída, registraria temperatura máxima superior a 41,75 °C, ou seja, 15,15 °C a mais.

Além da temperatura elevada, a implantação dos edifícios da Superquadra 500 prejudicará a ventilação urbana tanto no interior da própria quadra como também no seu entorno imediato. Os edifícios serão barreiras para a ventilação predominante (direção leste-oeste), para os ventos de seca (direção sudeste-noroeste) e para os ventos de chuva (direção noroeste-sudeste).

A vegetação do Parque das Sucupiras, localizada no entorno imediato noroeste da Superquadra 500, terá seus efeitos inibidos, pois além da sua ventilação que adquirirá menor velocidade no período da noite, a ventilação do período da tarde, que é intensificada pela vegetação do parque, será barrada pelos edifícios da Superquadra 500 e não chegará com velocidade ao sudeste da quadra.

Em conclusão, o cenário simulado revela o aumento significativo de mais de 10 °C na temperatura da superquadra. Além disso, a ventilação sofrerá em termos de velocidade e direção. Os parâmetros analisados indicam, portanto, a nova superquadra como uma área potencial de Ilha de Calor Urbana para o

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÁRIO, Júlia & SILVA, Bárbara & SILVA, Caio Frederico e. (2019). Simulação Computacional como ferramenta de análise da contribuição da vegetação para o conforto humano. In: 2º Seminário de Pesquisa em Ambiente Construído – SEPAC – Juiz de Fora, nov. 2019.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/337589042\\_Simulacao\\_Computacional\\_como\\_ferramenta\\_de\\_analise\\_da\\_contribuicao\\_da\\_vegetacao\\_para\\_o\\_conforto\\_humano\\_referencias](https://www.researchgate.net/publication/337589042_Simulacao_Computacional_como_ferramenta_de_analise_da_contribuicao_da_vegetacao_para_o_conforto_humano_referencias)  
>. Acesso em 12 de fev. de 2021

LOPES, F; Ramos, V.; Batella, T. (2018). Carta aberta aos integrantes do Conselho do Meio Ambiente do Distrito Federal (CONAM-DF). Disponível em < [http://www.sema.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/Quadras-500-Mocao-ao-CONAM\\_Oca-do-SOL-68%C2%AA-RE.pdf](http://www.sema.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/Quadras-500-Mocao-ao-CONAM_Oca-do-SOL-68%C2%AA-RE.pdf) >

Ren, C., Yang, R., Cheng, C., Xing, P., Fang, X., Zhang, S., Ng, E. (2018). Creating breathing cities by adopting urban ventilation assessment and wind corridor plan - The implementation in Chinese cities. *JOURNAL OF WIND ENGINEERING AND INDUSTRIAL AERODYNAMICS*, 182, 170–188. <https://doi.org/10.1016/j.jweia.2018.09.023>

ROMERO, Marta Adriana Bustos et al. (2019) Mudanças climáticas e ilhas de calor urbanas. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; ETB. DOI: <http://dx.doi.org/10.18830/ISBN.978-85-67405-25-4>.

ZHU, D. (2016) Study on Facade Openings Design Method Responding to Urban Ventilation Issue in High Density Cities. <http://dx.doi.org/10.1016/j.proeng.2016.10.016>.



GIOVANNA SCALFONE

## ● ARQUITETURA

# MEGAPROJETOS x POROSIDADE URBANA: UM ENSAIO NA SAÍDA 7 NO RIO DE JANEIRO

Grandes projetos de articulação de fluxo urbano, sejam eles as linhas de trem, as autoestradas ou as vias expressas, trazem consigo a noção de um movimento rápido e quase ininterrupto, que isolam seus fluxos do que os rodeia. Essa abordagem sobre a mobilidade urbana, intensificada sob a ideologia rodoviária popularizada no século XX, gera barreiras de baixa porosidade e permeabilidade por meio de infraestruturas específicas e seletivas que acabam por diminuir a conectividade do meio, moldando um cenário esgarçado e fragmentado (Fig. 1), formado por partes descontínuas, de diversas escalas e que convive com a dispersão de objetos, sujeitos, práticas e economias.

A partir da implantação cada vez mais comum desses sistemas “tubulares” (Secchi *et al*, 2016), a fisionomia e o funcionamento da cidade grande se altera junto com o “idioritmo” de seus usuários. Espaços inteiros passam a ser limitados pelas técnicas de mobilidade, assim como o ritmo dos sujeitos e sua relação com o meio (Fig. 2).

A discussão sobre a diluição do território e posterior tentativa de reintegração do mesmo por meio de megaprojetos é um desafio com o qual ainda se lida na cidade do Rio de Janeiro. Apesar do relativo sucesso de alguns desses empreendimentos em escala regional/urbana, como esses afetam suas zonas limdeiras? Essas estruturas não deveriam prever contrapartidas em escala local? Ou ainda, estarem imbuídas desde sua concepção de uma vontade de requalificar áreas marginalizadas?

Nesse sentido e como forma de responder às questões levantadas, faz-se necessário experimentar, ensaiar e imaginar. Observando e se atendo aos limitantes físicos, sociais e políticos reais mas sem perder de vista a perspectiva de um ambiente urbano que carregue condições equivalentes de acesso e oportunidades independentemente de onde aconteça.

Na tentativa de romper essas barreiras urbanas pode-se criar um ambiente poroso, que contrapõe a ideia de hierarquia e prioridade de um corpo sobre o outro. Como forma de atingir novamente a unidade do território, pode-se usar os pontos de contato desses elementos com o território e aproveitar as estruturas existentes para prever estratégias que possam ter efeito radial, valorizando o espaço de intervenção, seu entorno imediato e funcionando como ponto identificável para o bairro ou vizinhança.

Bernardo Secchi (2009) define a cidade porosa como um lugar onde os espaços – edificados – ou não edificados – não se contrapõem, mas se penetram e se atravessam reciprocamente, dissolvendo-se uns nos outros e construindo uma rede de relações espaciais. Em escala urbana, a porosidade se liga à conformação da infraestrutura da mobilidade e à dinâmica dos fluxos: uma cidade porosa e permeável é, portanto, aquela que contrasta a formação de enclaves, barreiras. “É uma cidade que contrapõe



Figura 1: Deriva - o território repartido, afastado, dividido. Fonte: Google Earth



Figura 2: Cena do ponto de ônibus na Saída 7. Fonte: Google Earth



a figura de isotropia àquela de hierarquia" (SECCHI, 2009, p. 81).

Como complemento apresenta-se o conceito de permeabilidade, que se refere à capacidade dos poros de permitirem ou não a passagem de determinado material. Esse movimento pode se referir às barreiras "naturais" à cidade, "[...] onde passa um pedestre não quer dizer que possa passar um trem" (SECCHI, 2009, p. 81). Apesar disso, dentro do contexto de permeabilidade trazido por Secchi, nada se vê sobre a impossibilidade dessas barreiras possuírem pontos estratégicos que alimentem trocas diretas com o território onde se encontram, poros que se conformem como oportunidades de percolação entre o objeto e seu entorno, oportunizando a penetração recíproca dos materiais.

No ambiente urbano, a isotropia traz consigo a ideia de conexão, onde poros servem de suporte para uma distribuição proporcional das condições urbanas, dissolvendo hierarquias. Essas correspondem conceitualmente à fundamentação dos elementos de um conjunto sobre uma ordem de prioridade, ou sobre relações de subordinação, de grandeza ou de importância entre os membros de um grupo. Nesse contexto, um ambiente isotrópico seria aquele em que as trocas – entre os equipamentos, indivíduos e culturas – são oportunizadas pela própria estrutura e acessibilidade desse ambiente.



Figura 3: O viaduto como barreira, dinamização e percepção do baixo

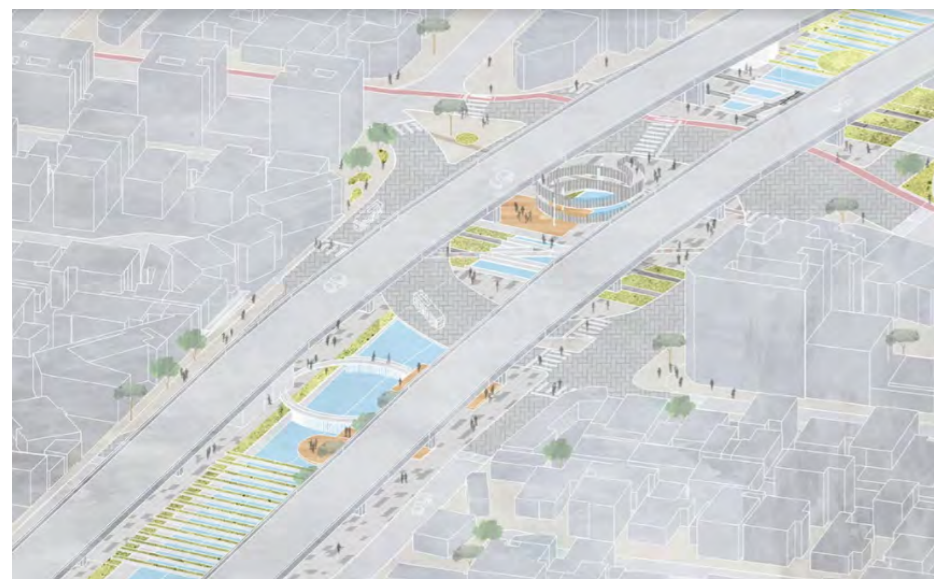


Figura 4: A retomada do baixo e quebra da hegemonia da Avenida

## ENSAIO

Como forma de ensaiar a quebra dessas barreiras urbanas, toma-se como estudo de caso a Saída 7 da Linha Amarela no bairro de Higienópolis, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Alça viária que funciona como ponto conector de diversas regiões da metrópole. O subúrbio de prédios baixos é cortado e dividido pela Avenida. Suas principais vias se apresentam como acesso para esse grande corpo e os espaços abaixo deste são subutilizados, esquecidos e hostis.

Nesse ensaio, os aspectos de porosidade e permeabilidade combinados pretendem inverter a lógica atual do recorte que hoje funciona como ponto intermediário entre origem e fim, um local de passagem e atravessamento. O objetivo do desenho é, portanto, uma tentativa de recriar a relação entre o lugar e as pessoas.

Essa interlocução entre pessoa e meio age como articuladora do território dividido. A percepção do lugar é capaz de levar a descobertas, causando interesse e curiosidade. O objetivo de se criar/edificar – em sentido amplo – entre os viadutos parte da percepção desse elemento como barreira visual. A diferença de escala entre o viaduto da Linha Amarela e seu entorno na Saída 7 faz com que a Via tenha predominância na paisagem como um todo, ainda o espaço subutilizado criado nos baixios do viaduto conforma

um trecho alheio ao restante do recorte. Percebe-se em escala local, como já apontado, que a partir da implantação dessa grande estrutura o território antes lido como único passa a ser entendido em duas partes, o território da esquerda e o território da direita (Fig. 3).

A partir dessa noção o desenho se desenvolve nos baixios do viaduto como forma de trazer atenção para esse, integrando-o novamente à cidade (Fig. 4). Como consequência dos novos usos e quebra da hegemonia da Avenida ao alto, o espaço pode ser percebido e vivido. Assim, o território passa a ser lido mais uma vez como um só. ●

## NOTA DA AUTORA:

Este artigo apresenta fragmentos do Trabalho Final de Graduação da arquiteta Giovanna Scalfone, sob orientação do professor James Shoitai Miyamoto, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ).

Este trabalho de projeto e pesquisa está inserido na discussão de morfologia e dinâmicas urbanas e do que é um espaço poroso e permeável na cidade do Rio de Janeiro, parte da problematização das grandes estruturas viárias de fluxo urbano, para então compreender suas relações com a cidade. Destacando as articulações transversais a essas vias (passarelas, baixios de viaduto, etc.), que conformam eventuais pontos de troca entre tais estruturas e o território.

Como objeto de estudo e experimentação projetual, usou-se a Saída 7 da Linha Amarela na cidade do Rio de Janeiro - RJ a partir de conceitos urbanos contemporâneos trazidos especialmente pelo urbanista italiano Bernardo Secchi.

## SOBRE A AUTORA:

Pesquisadora do LabIT-PROURB. Arquiteta e urbanista formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BORDE, Andréa de Lacerda Pessôa. Vazios Urbanos: Perspectivas Contemporâneas. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006.  
SECCHI, Bernardo. A Cidade do Século Vinte. São Paulo: Perspectiva, 2009.  
SECCHI, Bernardo. VIGANO, Paola. et al. Water and Asphalt, the Project of Isotropy. UFO 5. Zurich: Park Books, 2016.



MAURÍCIO ANDRÉS

## ● ARQUITETURA

# AS SUPERQUADRAS NA PANDEMIA

Imagens pelo autor



Há mais de 20 anos vivo em Brasília. Quando cheguei, fiquei impressionado com a arborização urbana. As árvores crescem livremente, com espaço generoso. A fiação é subterrânea e elas não sofrem podas radicais como vemos em outras cidades em que são confinadas em passeios estritos e com fiação aérea.

Burle Marx e outros paisagistas contribuíram para esverdear a cidade. Nos trabalhos conduzidos pelo Departamento de Parques e Jardins da Novacap, Francisco Ozanan foi um administrador sensível a quem Brasília deve hoje parte de sua beleza paisagística.

Não havia conhecimento sobre paisagismo e arborização urbana no cerrado e tudo foi aprendido experimentalmente. Houve períodos críticos. Em 1975-76 uma praga destruiu as árvores e tudo precisou ser replantado.

Pau-ferro, pau-rei com suas bolotas que se abrem e dispersam sementes ao vento, mangueiras, flamboyants, espatódeas, sibipirunas, há uma grande variedade de espécies. Em diferentes épocas do ano elas florescem, colorindo a cidade de amarelo, vermelho, roxo, laranja. Nas secas, várias se desfolham.

Árvores plantadas nas superquadras mais antigas, na Asa Sul, já têm mais de 60 anos. O morador testemunha parte do ciclo de vida delas com a queda das árvores velhas e a poda de galhos secos com o uso de caminhões-çambá. Seus restos – folhas, galhos, troncos, são serrados e transportados para o viveiro, onde são triturados e transformados em composto e adubo que fertiliza o solo, onde brotam novas sementes. Em algumas quadras, as folhas secas são amontoadas junto aos troncos para se tornar adubo orgânico. Em outras, são ensacadas

em plásticos e levadas embora. Folha seca não é lixo, já dizia o ambientalista José Lutzemberger. Um trabalho preventivo fitossanitário identifica as árvores doentes ou que apresentem riscos de cair. São substituídas por mudas novas, num processo de crescimento, vida e morte dinâmico. A gestão da arborização urbana precisa ser cada vez mais cuidadosa à medida que se intensificam os eventos climáticos críticos, com suas ventanias e tempestades.

Cada superquadra tem sua prefeitura, numa gestão urbana descentralizada. A partir da ação local as demandas são canalizadas e chegam ao governo, o que aumenta as possibilidades de serem atendidas.

A movimentação dos moradores em torno de objetivos locais tem sido o ponto de partida para várias benfeitorias urbanas: a implantação de



playgrounds para crianças, a gestão dos resíduos, as questões de segurança, o controle da poluição sonora.

O incremento da arborização nas vias públicas em Brasília se faz por ação do governo, mas com atenção e vigilância por parte da população, que observa no dia a dia as condições das árvores e informa os órgãos do governo para que façam as podas, supressões, plantios de novas mudas. A gestão das áreas verdes públicas conta com a participação ativa de moradores que defendem a preservação de uma área verde para evitar que seja destruída e ceda lugar a construções novas. Demandas e reivindicações de moradores conseguiram, por exemplo, impedir a construção privada num lote originalmente destinado a Restaurante de Unidade de Vizinhança (RUV) e que chegou a ser cercado por uma construtora que iniciou as fundações da obra mas teve que interrompê-la devido à pressão dos moradores.

A superquadra é amigável para com as crianças. A altura máxima de seis pavimentos nos prédios foi pensada para permitir às mães, no último andar, se comunicarem com as crianças. Sempre há escolas infantis por perto. São oferecidos muitos espaços para as crianças brincarem, nos pilotis abertos e sem cercas dos prédios, nas áreas verdes onde passeiam com seus animais de estimação, nos playgrounds cercados ou não. Durante a pandemia, tais espaços se tornaram mais valiosos e foram apropriados mais intensamente; evitam que as crianças fiquem confinadas nos apartamentos e lhes proporcionam espaços livres, abertos. Os espaços públicos foram apropriados pelas pessoas e utilizados como nunca antes. Nas ruas de comércio local vizinhas, padarias, lanchonetes e restaurantes têm colocado brinquedos para as crianças enquanto os pais fazem compras ou se alimentam e utilizam os amplos espaços livres adjacentes para receberem seus clientes em ambiente arejado e sem aglomeração.

Hoje Brasília é um grande parque nas suas Asas Sul e Norte, entremeadado por edifícios e casas onde as pessoas vivem. A partir de 2020, as quarentenas e o trabalho em casa mudaram as rotinas cotidianas de milhares de pessoas. Reduziam-se os deslocamentos casa-trabalho-casa e muitos automóveis passaram a ser desnecessários. Muitos trabalhadores que residem nas periferias deixaram de fazer viagens diárias no transporte coletivo e adotaram o transporte solidário numa única viagem semanal de ida e volta. Reduziram o risco de serem contaminados, economizaram tempo de deslocamento, concentraram o trabalho em menos dias.



Nesta pandemia recuperou-se a antiga proposta das unidades de vizinhança, agora rebatizada como as cidades de 15 minutos, nas quais muitos serviços e infraestruturas se encontram próximas das moradias. A cidade desejada se mede em tempo e não mais em espaço: a meta é que todas as atividades se encontrem a curta distância e possam ser alcançadas pelo caminhante ou pelo ciclista. Os urbanistas propuseram mudar os ritmos da cidade e aproximar casa-trabalho-comércio-cultura-lazer. Nelas circula-se a pé junto a moradias, acessando o comércio, equipamentos públicos, áreas verdes, escolas locais, nas chamadas superilhas e superblocos.

A partir do ano de 2020 as superquadras de Brasília, concebidas há mais de 60 anos por Lucio Costa, mostraram qualidades valiosas com seus amplos espaços públicos, muito verde, muita ventilação e iluminação natural, pouca densidade e aglomeração, ambientes saudáveis e já testados pela prática e vivência. Tornaram-se um padrão urbanístico desejável.

Em muitas das superquadras de Brasília há prédios com pilotis, acessados livremente por qualquer pedestre e a maior parte da área é de acesso público. Nelas se anda a pé entre as moradias – casas, prédios baixos, prédios com pilotis para circulação livre de pedestres e sem muros ou cercas. Elas oferecem espaços para descanso dos motoqueiros, que se tornaram essenciais; dispõem de ciclovias e até mesmo de cadeiras nas calçadas para pedestres, para observar o movimento, como se usa nas cidades no interior de Minas. Há metrô e via arterial com transporte coletivo próximos, estacionamento ao ar livre e alguns que foram cobertos, circulação e tráfego local sem trânsito de passagem.

Há área verde de esporte e de lazer, playground para crianças, serviços – banca de jornal, sapataria, costureira – escola, posto policial, local de culto, correios, comércio local, horta urbana, miniprefeitura estão acessíveis a pé em menos de 15 minutos. Prédios de até três andares, sem porteiro e elevador, apartamentos de um, dois ou três quartos para famílias pequenas (padrão de baixo consumo de energia e de boa salubridade, com ventilação e iluminação naturais) nas superquadras 400, apresentam uma alta relação benefício-custo.

Mesmo nos pequenos apartamentos das quadras 400 ou nas residências geminadas nas quadras 700 os moradores desfrutaram de uma cidade verde, arejada, saudável.

As quarentenas e a necessidade de ficar em casa tornaram mais nítida a qualidade do urbanismo e da arborização da cidade. Dispor de espaços para exercícios físicos ao ar livre, sem aglomerações, contribui para aliviar o isolamento físico necessário na emergência sanitária, para promover a saúde e para evitar que o vírus se espalhe.

O conceito das superquadras merece ser revalorizado e adotado quando os governos voltarem a priorizar a integração e a inclusão social. Muitos recursos que hoje são direcionados para a destruição poderão ser redirecionados para finalidades construtivas e gerar novas cidades saudáveis, capazes de oferecer boa qualidade de vida durante uma pandemia.

Há ciência e arte em Brasília, com planejamento urbano, desenho urbano, paisagismo, urbanismo, gestão urbana, arquitetura. Concebidas por Lucio Costa e construídas há mais de 60 anos, as superquadras continuam a inspirar um modelo de cidade adequado e saudável na pandemia e na crise climática e energética.

Antes de existir fisicamente, Brasília esteve num pedaço de papel com desenhos e letras submetido a um júri internacional e escolhido entre 26 projetos urbanísticos. Antes de estar nesse pedaço de papel desenhado e escrito por Lucio Costa, esteve na cabeça do urbanista. Antes de Brasília estar naquela mente, esteve na decisão tomada por JK em 1956 de mudar para o planalto central a capital, inaugurada em 1960. Antes de JK







tomar essa decisão, instigada por uma pergunta de um popular num comício político, ela esteve nas mentes de muitos brasileiros desde o século 18 que a inseriram na primeira Constituição brasileira, de 1891, que fixou legalmente a região em que deveria ser instalada. Entre o momento em que foi escrita na Constituição de 1891 e a decisão de mudar a capital, ela esteve nas ações da Missão Cruls, que fez duas expedições em 1892 para delimitar o retângulo onde seria o futuro Distrito Federal. Mais de um século foi necessário para que um governante (JK) se dispusesse a transformar numa realidade física uma ideia abstrata que existia na mente das pessoas e na Constituição brasileira como uma vontade de mudança. Quando se tomou a decisão política de mudar a capital para o planalto central a ação foi realizada em pouco tempo: a ideia saiu da mente para o desenho no papel e dali para a realidade física. Em poucas décadas a paisagem poeirenta se transformou numa cidade verde, atestando a capacidade dos brasileiros de transformar lugares e de restaurar ambientes. Uma ideia, combinada com a energia do capital, tem força transformadora da realidade. Ao se redirecionar investimentos para esse propósito, a realidade se transforma. A força do capital é transformadora, para a destruição ou para a restauração ambiental.

Brasília foi construída pelo Estado, em terras públicas previamente desapropriadas. Não sofreu as limitações impostas pelo mercado imobiliário ao construir em terras de propriedade privada, quando a busca pelo lucro e pela redução de custos reduz espaços públicos e áreas verdes, sacrificando a qualidade ambiental, como aconteceu em cidades satélites e em assentamentos na periferia do Distrito Federal e em praticamente todas as cidades brasileiras. Em 1987 Brasília tornou-se a única cidade moderna inscrita na lista do patrimônio mundial da Unesco, o que a protegeu das investidas das empresas imobiliárias para adensá-la e verticalizá-la.

Essa somatória de ideias, pensamentos e decisões ao longo de mais de um século resultaram nesta cidade.

Sou grato a todos os brasileiros e estrangeiros (o belga Cruls, o júri internacional que escolheu o projeto do francês-brasileiro Lucio Costa, por exemplo) que trabalharam para tornar realidade esta cidade, que tem amplos espaços verdes, generosas áreas públicas, árvores frondosas, unidades de vizinhança que funcionam e respondem melhor do que os demais padrões urbanísticos aos desafios trazidos pela pandemia do coronavírus. ●



MAURÍCIO ANDRÉS

● LITERATURA

# LIVRO A ÁGUA FALA

Para as próximas gerações será cada vez mais vital ter não apenas conhecimento especializado, mas uma consciência holística e integral sobre a água. Motivados por isso escrevemos o livro *A água fala* na primeira pessoa do singular, como se a narrativa fosse feita pela própria água. Ele é dirigido aos jovens, numa linguagem sintética e poética, permeada por ilustrações da artista Maria Helena Andrés.

O livro descreve, em cinco partes, uma viagem pelo ciclo completo da água no ambiente, seu movimento, sua presença nos corpos vivos, na cultura e as questões relacionadas com o seu uso.

A primeira parte convida o leitor a se aproximar da água, a conhecer suas viagens pelo universo e pela Terra. Descreve como ela circula no meio ambiente. Mostra os diversos estados que assume diante do calor e do frio e das mudanças de temperatura que a tornam vapor, líquida ou sólida. Mostra que pode ser doce, salobra ou salgada e como é um sinal que indica a existência de vida.

Na segunda parte o leitor é convidado a acompanhar a água em seu movimento, vivenciando as formas que ela assume e os diversos lugares que ocupa nos céus, na terra, no subsolo, como granizo, chuva, flocos de neve. Descreve seu ciclo, com a precipitação, a evaporação, a infiltração no solo, mostra como surge em nascentes e provoca a erosão dos solos, as enchentes, as inundações e as secas.



Ilustração de Maria Helena Andrés

A terceira parte descreve o caminho da água nos corpos vivos de seres humanos, animais e plantas e ressalta seu papel e importância para a vida. Ela está na seiva que transporta sais minerais nas plantas que a transpiram para o ambiente, nos líquidos dos corpos vivos, como as lágrimas, o suor, o sangue, a urina, no líquido

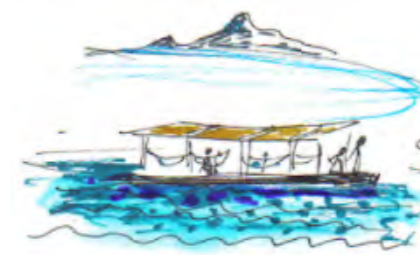


Ilustração de Maria Helena Andrés

em que os bebês vivem no útero das mães, na limpeza dos corpos nos banhos.

Como a água é tema frequente na cultura, nas religiões e nas artes, a quarta parte do livro aponta como ela é cantada, falada e mostrada nas diversas manifestações culturais e artísticas, na música, na poesia, na dança, no urbanismo e no paisagismo. Em muitas tradições espirituais ela é sagrada e está nos rituais como o batismo cristão e nas narrativas bíblicas como a do dilúvio. Em outras tradições, há deuses e deusas ligados à água, há rituais como a dança da chuva dos índios. Muitas palavras em todos os idiomas se referem a ela e muitos lugares e cidades têm nomes relacionados com as águas.

Na quinta e última parte, o livro realça alguns de seus múltiplos usos: para o abastecimento humano e para matar a sede dos animais, para a agricultura na irrigação, para a geração de energia, para o transporte, para a pesca, a recreação, o lazer e o turismo. Mostra a necessidade que todos têm dela para manter a saúde e o bem-estar. Denuncia os desperdícios que acontecem no seu consumo. Enfatiza os problemas e a insegurança decorrentes de sua escassez ou excesso, com as secas e as inundações. Mostra a importância de se construírem obras tais como açudes, canais, aquedutos, estações de tratamento de água e de esgotos e de conservar os solos e promover sua proteção como uma riqueza de grande valor. Realça a importância de desenvolver a cooperação em torno da água e criar modos de promover diálogo e de evitar rivalidades, conflitos e violência entre aqueles que dela precisam e que a disputam.

Um glossário define os principais conceitos usados. Formulam-se perguntas para permitir ao leitor uma leitura orientada, cujas respostas ajudam a compreender melhor a água e seus múltiplos usos. ●





## SOBRE OS AUTORES

Maria Helena Andrés é artista plástica, arte-educadora e escritora. Foi uma das primeiras alunas do pintor e artista plástico francês Al-berto da Veiga Guignard. Premiada em vários sa-lões e bienais, expôs na França, Itália, no Chile, nos Estados Unidos e tem obras em museus no Brasil, na Espanha e nos Estados Unidos. Fez inúmeras viagens de estudos à Índia. Escreveu vários livros (*Vivência e Arte*; *Encontros com mes-tres no Oriente*; *Oriente-Occidente – integração de culturas*; *Os Caminhos da Arte*) e ilustrou ou-tros tantos (escritos por Pierre Weil, Marco Anto-nio Coelho, Aparecida Andrés). Publica artigos e textos sobre artes, sua vida de artista e suas me-mórias e viagens em dois blogs. <http://mariahe-lenaandres.blogspot.com/> <http://memoriasevia-gensmha.blogspot.com/>

Aparecida Andrés é graduada e mestre em Fi-losofia, cursou o mestrado em Ciência Política e é médica. Foi professora de Filosofia, pró-reitora de Extensão na UFMG e Consultora Legislativa na Câmara dos Deputados. Escreveu o livro in-fanto-juvenil *Pepedro nos caminhos da Índia*, que narra as viagens de um menino brasileiro àquele país. Tem vários artigos e textos acadêmicos e li-terários publicados.

Maurício Andrés é arquiteto, fotógrafo e escri-tor. Escreveu vários livros sobre Ecologia e sobre a Índia. Foi gestor ambiental em Belo Horizonte e no Estado de Minas Gerais. Em Brasília foi di-retor do Ministério do Meio Ambiente e conse-lheiro no Conselho Nacional de Meio Ambiente e no Conselho Nacional de Recursos Hídricos, assessor na Agência Nacional de Águas e pales-trante no Programa de Pós-Graduação em Re-de Nacional em Gestão e Regulação de Recur-sos Hídricos — Prof. Água. Participa de ONGs pela paz e pelo federalismo mundial. Publica no blog [ecologizar.blogspot.com](http://ecologizar.blogspot.com)

## FICHA TÉCNICA

Edição: Instituto Maria Helena Andrés Produção Editorial: Maurício Andrés

Revisão: Aparecida Andrés

Layout e capa: João Diniz

Primeira edição publicada em português, inglês e francês em 2020.

Copyright© Instituto Maria Helena Andrés – Toda a receita desse livro é destinada ao Instituto Ma-ria Helena Andrés, para atividades no campo da arte e do desenvolvimento humano.

Encontre o livro em:

Em português



Em inglês



NELSON INOCÊNCIA

## ● ALTERIDADES

# AFROGRAFISMOS DE OLUMELLO

“Meu pensamento sempre foi resultado de uma consciência de terra, de povo. Eu venho pregando há muitos anos contra o colonialismo cultural, contra a aceitação passiva sem nenhuma análise crítica das fórmulas que nos vêm do exterior – em revistas, bienais, etc.”

*Manifesto ainda que tardio - Rubem Valentim, 1976*

S e disséssemos que o Brasil possui um débito com a população negra que deu origem à sua diáspora africana, estaríamos reforçando uma percepção crítica que felizmente vem se tornando mais aguda. Isto se deve graças ao processo histórico e cultural de afirmação de uma identidade há muito preterida em nosso país. As evidências estão aí, de maneira que não parem dúvidas em relação ao que é tão óbvio.

Quando buscamos entender a produção artística brasileira notamos que a referida dívida não possui menos relevância. Talvez pelo fato da tendência hegemônica, no que concerne à Teoria, Crítica e História da Arte, ter estabelecido e difundido a noção de que a criação artística inspirada na matriz africana mereça, com certa constância, ser enclausurada nas categorias de “primitivo” ou *naif*. Tal conduta acaba por situá-la em algum lugar do passado, distante do que se convencionou chamar de contemporâneo.

Para além dos estereótipos recorrentes, o que encontramos na arte afro-brasileira de Olumello, nome artístico de Willy Bezerra de Mello, é a demonstração de que poéticas visuais, comprometidas com a valorização das alteridades, podem contribuir para a superação de limites, aparentemente intransponíveis. O rigor técnico aliado ao conteúdo da produção do artista em foco divergem e contradizem as interpretações problemáticas de uma História da Arte *mainstream* que enxerga como obra de arte apenas as produções que se encaixam em padrões estéticos ocidentais.

Olu, termo que na língua iorubá<sup>1</sup> indica senhor, mestre, alto chefe de uma sociedade, refutava a

1- O iorubá provavelmente seja a língua africana de maior alcance no país. Ao menos nos terreiros de nação Kêto, onde se cultuam orixás. Refere-se à sociedade com mesmo nome e que constitui um todo complexo. A maioria dos iorubá habita a Nigéria, sendo possível encontrá-los também no Benin e no Togo.

noção conservadora em torno da produção artística que, ao fim e ao cabo, condiciona, restringe e, mais do que tudo, empobrece os olhares do público, no que alude às obras resultantes das visualidades afro-brasileiras, assinadas por negras e negros. Tal comportamento vem a anular as possibilidades coletivas de compreensão daquilo que a diversidade cultural nos traz de mais significativo: a sua riqueza em termos de conteúdo. A obra desse artista transcende ao olhar que se encontra aquém de uma compreensão estética plural.

Olumello era filho único de Carmem Bezerra de Mello e de Antônio Bezerra de Mello, tendo nascido em 22 de janeiro 1935 no Rio de Janeiro. Quando rapaz, uma de suas aspirações era a de se tornar boxeador. Chegou até mesmo a treinar escondido da família. Todavia, aquele desejo logo fora frustrado, pois o pai que havia praticado tal atividade esportiva o demoveu da ideia ao se dar conta de que o tipo físico do filho, especificamente a envergadura, não era compatível com o padrão para encarar no ringue.

Posteriormente veio interesse pela arquitetura e, quase como consequência natural, pelas artes plásticas, áreas que naquela época não eram dissociadas, apesar da distância e da carência de diálogo que se tornou comum na atualidade. Logo, não lhe pareceu absurdo estabelecer interfaces entre ambas. O gesto contribuiu imensamente para o desenvolvimento da sua poética visual.

Em 1958 Willy, motivado pelas notícias que chegavam do planalto central, partiu, ainda muito jovem, para integrar a equipe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo dirigida por Oscar Niemeyer durante a construção da nova capital. O convite que resultou na participação daquele seleto time deveu-se ao talento precoce, reconhecido

publicamente. Depois de sua vinda e da dedicação ao trabalho, interagindo com arquitetos renomados, aqui acabou decidindo pela permanência, constituiu família e estabeleceu domicílio definitivo. Ao se vincular ao processo de desenvolvimento de Brasília, Willy se deu conta de que naquela imensidão do cerrado muito havia por ser feito em vários sentidos, inclusive no que se referia à construção da identidade negra que acontecia a par e passo com a construção da cidade.

Vale ressaltar que, se por um lado Brasília surgia como marco da modernidade brasileira, por outro, ela não foi necessariamente a capital da esperança no que tange à diminuição das distâncias socialmente demarcadas. Embora a inspiração de Niemeyer, ideologicamente identificado com o Partido Comunista Brasileiro, apontasse para tal direção, pouco se avançou nesse rumo. Vejamos o exemplo da construção civil. Os chamados “candangos”, expressão pejorativa do vocabulário banto<sup>2</sup>, cujo significado quer dizer pessoa desprezível, indivíduo reles, representaram um segmento, composto em larga escala por homens negros. Esses operários enfrentaram sérias dificuldades, algo que pode ser constatado no documentário dirigido pelo cineasta Wladimir Carvalho intitulado *Conterrâneos Velhos de Guerra*.

Os olhares atentos de Olumello para questões sociais, como a mencionada, o tornaram um artista diferenciado. Sua produção, durante décadas, enfatizou as discrepâncias impostas pelo racismo e pela luta de classe no Brasil. Isso aconteceu a partir de uma poética que buscava traduzir

2- No Brasil pelo menos duas línguas pertencentes ao tronco linguístico Banto sobreviveram nos espaços ritualísticos das comunidades-terreiro nas quais se cultuam inquices. Em tais ambientes conhecidos como candomblés da nação Angola, cânticos sagrados e orações são realizados em quimbundo e quicongo. Tratam-se de línguas, equivocadamente chamadas, desde a colonização até hoje, de dialetos.





Arte para Habitação Popular -> Promorar, Fim das Palafitas, Mocambos e Favelas (Olumello 82)



Willy em seu espaço criativo

a dor e a delícia de ser pessoa negra. Durante boa parte do seu percurso o artista dedicou-se a representar o cotidiano das comunidades negras, com um olhar privilegiado para as mulheres em tais contextos.

Algumas incursões em outras searas merecem destaque. Talvez muitas pessoas não saibam que o protótipo que deu origem à estatueta Candango, referente à premiação do Festival de Cinema de Brasília leve a sua assinatura. Isso ocorreu na época em que era funcionário da Fundação Cultural, hoje Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Aliás, naquela instituição Olu exerceu, na condição de Diretor Técnico, papel importante, coordenando por décadas equipes de montagem de inúmeras exposições de artes visuais acolhidas nas galerias do Teatro Nacional, além daquelas que integram o atual Espaço Cultural Renato Russo.

Seu nome ganhou destaque e reconhecimento para além de Brasília, tornou-se verbete no Catálogo de Artes Plásticas do Centro-Oeste, de autoria de Aline Figueiredo, lançado pela Universidade Federal de Mato Grosso em 1979. Entre mostras individuais e coletivas o artista soma cerca de 20 exposições. É de sua autoria a marca da primeira entidade negra do Distrito Federal, o Centro de Estudos Afro-Brasileiros, fundado em 1978.

Os traços que produziam plantas baixas serviram também a outros fins, a exemplo da ilustração de um cartaz emblemático em comemoração ao primeiro tombamento de um sítio histórico-arqueológico-paisagístico afro-brasileiro, a Serra da Barriga, reconhecida como área central na configuração do Quilombo dos Palmares, situada no município de União de Palmares, Alagoas. Essa ação foi empreendida pela Fundação Pró-Memória, braço executivo do Instituto do



Patrimônio Artístico Nacional, a partir da demanda apresentada pelo Conselho Memorial Zumbi. O grupo era composto por ativistas do Movimento Negro, pesquisadores e pesquisadoras da Universidade Federal de Alagoas e representantes da gestão governamental em meados da década de 80, no período de redemocratização do país. A convite da organização que coordenava as ações que culminaram no tombamento da Serra, Olu se debruçou sobre a proposta para elaborar um trabalho que traduz o sentido de coletividade, considerando, no contexto dos quilombos, o protagonismo negro, a participação indígenas e até a presença de brancos marginalizados pelo sistema colonial.

Posteriormente, já em processo de transição buscando uma poética mais abstrata, o artista

foi capaz de realizar a passagem sem abrir mão do seu referencial identitário. A abstração de Olu era basicamente geométrica e inspirada em grafismos que remetiam a uma herança ancestral. Nessa fase intensamente produtiva observamos uma das faces que até então não havia se revelado publicamente.

Na primeira década deste século algumas de suas obras ganharam lugar de destaque, fazendo parte de uma das exposições de longa duração, no Museu AfroBrasil, inaugurado em 2004, no Parque do Ibirapuera, São Paulo. Uma instituição que possivelmente se constitua na maior do gênero na América Latina, levando-se em consideração o acervo e os modos de abordagem das produções materiais e imateriais das culturas resultantes da diáspora negra no país.

Por tudo isso, ver a obra de Olumello deve fazer bem aos olhos daqueles indivíduos ávidos por compreender, com franqueza, parte de nossa cultura, sem a qual não encontramos esteio e tampouco explicação para o que somos. Afinal, nada melhor para desconstruir as noções coloniais de uma cultura visual, capaz de coisificar as pessoas negras, do que entrar em contato com os discursos, inclusive visuais, produzidos por gente negra.

Olu se fez precursor de uma identidade afro-brasiliense. Possivelmente as novas gerações de artistas locais que procuram construir suas linguagens tomando como referências elementos afro-brasileiros não tenham a memória de tudo que lhes antecedeu. O trabalho de Olumello não se caracteriza apenas como um antídoto que busca a cura no que se refere às representações desumanas da negritude. Ele nos convida à prática de densos exercícios visuais com o intuito de ressignificarmos os modos de ver tão intoxicados pela colonização do olhar. ●



LUCAS PONTES

● ARQUITETURA E ARTE

# FOTOGRAFIA E ARQUITETURA - UMA PERCEPÇÃO FRAGMENTADA DA IMAGEM

Imagens pelo autor

“A coisa mais fantástica que um ser humano pode fazer é saber ver e conseguir mostrar o que vê para os outros de uma maneira simples e acessível. Para cada pessoa que pensa profundamente, centenas falam. E para cada mil que sabem pensar existe uma pessoa que consegue enxergar. Conseguir enxergar é pura poesia, religião e profecia, todos reunidos em um.”

É com essa frase de John Ruskin que decido iniciar esse artigo, afinal esse pequeno texto resume o que para mim, representa o poder que têm a fotografia e a Arquitetura. A foto e a sua força

de congelar momentos que traduzem situações marcantes em minha jornada. Já a arquitetura, que une a capacidade de organizar espaços e criar ambientes. As semelhanças entre a arquitetura e a fotografia são imensas, e mais que simples coincidências, as duas se completam. Sendo assim, a arquitetura, igualmente à fotografia, cria uma estética, totalmente baseada em um contexto histórico e social. Mas nem só de estética é feita uma obra de arte, para mim, fotos e obras arquitetônicas têm um papel fundamental para a sociedade, reproduzir e retratar tudo aquilo que cerca o artista/arquiteto, a sua sociedade, com suas desigualdades. Estamos totalmente imersos

em um mar de experiências e vivências e poder retratar isso é o que torna todo o processo criativo espetacular.

Falando agora sobre a fotografia de arquitetura, uma área da fotográfica recente, e que é incrível, porque permite que as pessoas tenham a oportunidade de conhecer mais intimamente lugares que possivelmente elas talvez nunca visitem. Desde pequeno, sempre tive interesse por artes, desenhos, pinturas e afins, esse interesse me despertou a vontade de fazer arquitetura desde criança. Creio mais ainda que a culpa desse interesse é de Niemeyer, viver na cidade criada







por Lúcio Costa e Oscar foi mergulhar em uma cidade modernista, cheia de histórias, ideias e sonhos. O sonho da nova capital, que trouxe tantos brasileiros, das mais variadas regiões do Brasil, deu a minha cidade um ar único, tenho a sensação de que essa variedade trouxe uma atmosfera única para Brasília. Enfim, as curvas orgânicas do concreto, o jogo de luz e sombras, as mais variadas texturas, os mais distintos artistas, como por exemplo, Athos Bulcão, Alfredo Ceschiatti e Bruno Giorgi, são as maiores influências para quem tem interesse em viver de arte. Creio que a fotografia de arquitetura é uma exploração de luz e sombra, espaços, volumes, texturas e para mim, o principal, as pessoas. O uso da escala humana, principalmente em uma cidade como Brasília. Eu, apesar do interesse por arquitetura, obtive uma vontade imensa por fotografar as pessoas interagindo com os espaços, preenchendo as áreas vazias, contrastando com as texturas, fazendo uso dos indivíduos, quase como um calunga de Le Corbusier. Priorizar o ser humano é fundamental tanto para uma boa foto como para um bom projeto de arquitetura. Creio que, por um instinto, arquitetos e fotógrafos se projetam na figura humana, talvez pelas formas ou pelas texturas, por sentimentos, mas esse motivo, infelizmente, não tem uma explicação, eu projeto nas outras pessoas, aquilo que tenho comigo, as experiências e vivências, revelando assim as minhas características, as minhas angústias, os meus anseios, minhas opiniões políticas, assim sendo,

eu me revelo, despido pelas lentes ou por meus lápis e escalímetros, voltando aqui, mais uma vez, ao começo do texto.

Aos leitores, deixo aqui, neste artigo, algumas das minhas ideias. Após realizar a minha exposição *Fragments*, tenho a vontade de que outras pessoas (no caso, vocês leitores) possam experimentar um dia fotografar, poder observar as cidades e como elas funcionam. Eu imagino o espaço urbano quase como um corpo, com órgãos, veias e artérias. Sendo assim, os convido para que vocês possam andar pelas cidades, explorar tudo aquilo que lhes chama a atenção, observem as pessoas, o trânsito de indivíduos e carros, enfim, tudo que move a região. Agora, deixo aqui algumas dicas para quem deseja fotografar arquitetura ou até mesmo a fotografia de rua. Para mim, a principal dica é, ponham sempre para fora os sentimentos ao fotografar, acho que de todas as fotos marcantes da história curta da fotografia, sem exceção nenhuma, todas contam muito sobre quem fotografou, não é simplesmente um clique aleatório. Idealizar as fotos, estudar o lugar antes de fotografar, analisar os melhores ângulos, as sombras, observar como as pessoas transitam, enfim, ser contemplativo. Uma dica que considero muito importante também é ter referências. Referências aumentam o repertório fotográfico. Eu, por ser de Brasília, tenho como grande modelo Marcel Gautherot, fotógrafo parisiense que veio para a futura capital no início da sua construção, e com um olhar extremamente sensível, mostrou uma cidade que era feita de pessoas, e como elas interagiam com os monumentos, como elas se inseriam e até como tudo

era sofrido. Recomendo também duas de minhas outras inspirações, Thomaz Farkas, que também fotografou a minha cidade (Brasília), e Jorge Bodanzky, um cineasta e fotógrafo que faz um espetacular uso do jogo de luz e sombra e preto e branco de uma forma sensacional.

A fotografia, desde sua invenção, vem tendo um protagonismo cada vez maior, disputando espaço com a pintura no final do século XIX e sendo vista como uma ferramenta artística a partir do século XX. D. Pedro II era um grande entusiasta da fotografia, e que fique claro, fotografava muito bem. Oscar Niemeyer adorava fotografar, e projetava como ninguém. Bom, e o que quero dizer com isso? Quis mostrar a todos que a fotografia é para além de fotógrafos profissionais com suas câmeras enormes, ou que fazem fotos com flashes múltiplos feitas em estúdio. A fotografia é uma terapia de você com você mesmo. Conhecer a forma como se enxerga o mundo pode te revelar muitas coisas sobre sua personalidade, descobrir o que não podemos ver em nós mesmos. Para encerrar, deixo aqui o meu enorme agradecimento e a certeza de que o papel da minha fotografia é mostrar realidades que muitas vezes não enxergamos. Quero rodar esse mundo fotografando a interação das pessoas com as cidades e é isso que me motiva a seguir sempre. E deixo essa frase de Vilém Flusser, para que vocês possam refletir: "A imagem técnica (produzida por aparelhos) simboliza uma evolução no modo de pensar e enxergar a imagem. A imagem técnica requer toda uma estratégia, que gira em torno de um pensamento crítico do mundo. Ao passar por esse processo a imagem ganha valor de destaque." ●





# CONCURSO ROSA KLIASS: O PRÊMIO DA ARQUITETURA DA PAISAGEM

“Buscar o espírito do lugar. E daí, com o projeto, criar um significado e um caráter para ele.” – Rosa Kliass

A formação de arquiteto paisagista no Brasil é originária da década de 30, na reforma que promoveu Lucio Costa na escola Nacional de Bellas Artes (Enba), entre 1930 – 1931, período sob sua direção. Entretanto, ainda em meados dos anos 1970, as disciplinas do então chamado Paisagismo não eram disciplinas obrigatórias em muitas Escolas de Arquitetura e Urbanismo, os livros traduzidos em português sobre o assunto eram poucos e a internet não existia. Como abordar e estudar aquele campo disciplinar que originalmente se chamou Landscape Architecture, ou Arquitetura da Paisagem? Nesse período Roberto Burle Marx possuía reconhecimento dentro e fora do Brasil, mas a formação que se tornaria atribuição profissional ainda estava sendo consolidada. Nesta década, 1976, foi criada a partir da iniciativa da arquiteta urbanista Rosa Grena Kliass a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (Abap), que representou uma fundamental contribuição à formação e à profissão da arquitetura paisagística no Brasil. Alinhados com a valorização da profissão, a busca de democratização do país e a defesa da paisagem brasileira e do meio ambiente.

Uma das missões da Abap é fomentar a discussão sobre a prática profissional e formação relacionada à construção de paisagens. Do planejamento

ao projeto, e tendo como foco de trabalho os espaços livres, o arquiteto da paisagem desenvolve o desenho de ruas, avenidas, praças e parques em ambiente urbano. Equacionando questões de infraestrutura que relacionam natureza e sociedade, procura mitigar potenciais conflitos através da infraestrutura verde, promovendo lugares voltados ao lazer, encontro e descanso. O recorte de atuação do arquiteto da paisagem também contempla as escalas regionais buscando, através do desenho, promover o desenvolvimento econômico associado à preservação do meio ambiente e ao resgate de paisagens.

O desafio da profissão e seu ensino está em relacionar técnica, estética e compromisso ambiental a um desenho que contemple informações objetivas e subjetivas dos diversos contextos e sociedades para as quais se planeja e projeta.

## A CONTRIBUIÇÃO DE ROSA GRENA KLIASS

Rosa Grena Kliass é uma arquiteta urbanista que dedicou toda sua vida à “moldagem de uma profissão” e que assume no mundo um estratégico protagonismo. Há mais de meio século, ela vem mudando a paisagem das nossas cidades com qualidade e diversidade. É uma das profissionais contemporâneas mais importantes na área

do projeto e do planejamento da paisagem. Rosa se formou em 1955 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde também fez seu mestrado. Envolveu-se com o planejamento urbano e regional, sendo muitas vezes responsável por trazer uma abordagem integrada ao meio ambiente para o trabalho de planejamento: a paisagem e suas potencialidades se consolidavam como o motor de seu pensamento. O Plano para áreas verdes de São Paulo, desenvolvido em conjunto com Miranda Magnoli no final do século XX, propôs um sistema de parques lineares ao longo dos cursos d’água. Essa proposta pioneira, que estava à frente de seu tempo, reverberou por gerações de planejadores e, 30 anos depois, os parques lineares são consenso.

Entre suas contribuições estão o projeto paisagístico da Avenida Paulista, São Paulo (1973), Parque do Abaeté, Salvador (1992), Reurbanização do Vale do Anhangabaú, São Paulo (1996), Parque das Esculturas, Salvador (1996), Estação das Docas, Belém (1998), Parque da Juventude, São Paulo (2003), o Mangal das Graças de Belém (2005), dentre outros. Em 2005, a Bienal de Arquitetura de São Paulo homenageou a arquiteta paisagista com uma sala especial acerca de seu percurso e projetos. Sua produção profissional e acadêmica também foi objeto de artigos, ensaios,

dissertações de mestrado e teses de doutorado subsidiando a realização de dois livros: Desenhando Paisagens, moldando uma profissão e O livro da Rosa baseado em entrevistas gravadas pelas organizadoras, Lucia M. Sá Antunes Costa e Cecília Barbieri Gorski.

Rosa Kliass é também uma profissional de destaque no cenário internacional. Desde o início da carreira, foi atuante dentro da International Federation of Landscapes Architects (IFLA), entidade que congrega arquitetos da paisagem do mundo todo. Foi também pioneira no enlace que une a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas como representante oficial da profissão junto à IFLA, tendo sido uma das principais responsáveis pela realização do XVI World Congress da IFLA, em 1978 no Brasil (figura 3).

Na década de 1990, teve decisiva participação na promoção do primeiro Encontro Nacional de Ensino de Paisagem em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil (Enepea), que em 2020 realizou sua 15 edição — o XV ENEPEA (<https://enepea2020.wixsite.com/camposdosgoytacazes>). Os Encontros têm um papel fundamental na promoção do ensino de Arquitetura da Paisagem no Brasil fomentando a troca de experiências, pesquisas e metodologias entre professores.

Rosa Kliass defendeu a importância de uma formação sólida dos profissionais na área de Arquitetura da Paisagem, e seu exemplo profissional e criatividade tornaram as paisagens dos seis grandes biomas que compõem o território brasileiro mais visíveis.

O nome ao Concurso Universitário Nacional de Arquitetura da Paisagem — Prêmio Rosa Grena Kliass é uma homenagem a seu protagonismo

e papel pioneiro, inspirando e promovendo o aprendizado nessa área às futuras arquitetas e arquitetos urbanistas.

## O CONCURSO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DO ARQUITETO PAISAGISTA

Um concurso de arquitetura da paisagem no Brasil pretende despertar dentre as inúmeras possibilidades de atuação na área a relacionada ao campo de conhecimento da Paisagem, ampliando o interesse de alunos e ajudando a formar futuros profissionais. Assim, a premiação dos trabalhos de conclusão de curso, ao mesmo tempo em que reconhece talentos, potencialmente revela a outros jovens estudantes essa atribuição profissional, ampliando horizontes e inaugurando trajetórias profissionais.

É importante neste momento de formação, adquirir conhecimento e desenvolver habilidades que permitam conhecer e consolidar o método de abordagem do problema escolhido. Despertar, sensibilizar, consolidar o olhar, perceber e “saber ver” a paisagem; conhecer as interações que se estabelecem entre natureza, ambiente, paisagem e sociedade; entender a necessidade de existência e acessibilidade dos espaços livres públicos, de um meio ambiente sustentável e as alternativas concebidas para mudar e conquistar novas visões, novos caminhos, novas possibilidades, novas paisagens.

O concurso Rosa Kliass foi lançado em 2017 por iniciativa da Abap, recebendo os trabalhos apresentados no ano anterior, respondendo à lacuna de concursos no Brasil relacionados à arquitetura paisagística. A recepção da mídia de arquitetura foi acolhedora e houve repercussão e divulgação

espontânea entre alunos, instituições de ensino, revistas e portais.

O objetivo inicial do concurso foi promover a arquitetura da paisagem, prestigiando também educadores e a própria ABAP, que passa a ser conhecida entre os estudantes. Sua iniciativa auxilia a confrontar a visão, ainda presente em algumas escolas de Arquitetura e Urbanismo, de que o aluno deve projetar uma edificação como trabalho final de graduação (TFG). Essa visão se equivoca ao desconhecer a atribuição profissional prevista na Lei 12.378 de criação do CAU, Conselho de Arquitetura e Urbanismo, que regulamenta o exercício da profissão. Soma-se a isso os imensos desafios de projetar espaços livres que sejam integrados, sistêmicos na construção de paisagens e que tenham significado para a coletividade. O plano e projeto de paisagens, objeto destes trabalhos são, frequentemente, questões complexas: o diagnóstico e leitura dos espaços e lugares, por sua vez, envolvem múltiplas escalas e suas inter-relações. Os bons resultados alcançados nas premiações já realizadas atestam, plenamente, a qualidade dos alunos, professores e instituições para o exercício da profissão.

Como referência, o prêmio inspirou-se no formato do tradicional Concurso Opera Prima, para graduandos do curso de Arquitetura e Urbanismo, que seleciona os trabalhos vencedores por região, sendo elas agrupadas segundo o número de escolas e de alunos. No Prêmio Rosa Kliass cada

instituição de ensino pode encaminhar até dois trabalhos através de seus diretores ou coordenadores. Essa ação envolve as escolas no processo e as torna responsáveis pela seleção encaminhada.



Figuras 1 e 2. Foto da criação da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (Abap) e do Primeiro Encontro Nacional de Arquitetos Paisagistas, acervo ABAP.



Figura 3. Foto do XVI IFLA WORLD CONGRESS 1978 acervo Abap.



Figura 4. Foto da Aula Magna “Rosa Kliass no Cerrado – Uma Trajetória” na Universidade de Brasília Foto: Dante Akira, 2016



## EDIÇÕES DO CONCURSO E PREMIAÇÕES

Nas quatro edições do Prêmio Rosa Kliass, desde 2017, a Comissão organizadora recebeu 219 trabalhos, que têm na arquitetura paisagística o principal foco de interesse. Destaca-se nesses trabalhos o olhar atento dos jovens arquitetos, as demandas socioambientais e culturais, as complexidades das paisagens regionais nas mais variadas escalas de intervenção. Nas quatro edições a representatividade da Região Sul e do estado de São Paulo é mais expressiva, embora na quarta edição outras regiões, através do empenho de uma comprometida comissão organizadora que representa todo o Brasil, tenha ampliado o envio de trabalhos.

Tabela 1 — Trabalhos enviados por Região 2017-2021

REGIÃO	1ª EDIÇÃO	2ª EDIÇÃO	3ª EDIÇÃO	4ª EDIÇÃO
(1) N e CO	3	1	3	16
(2) N	8	2	5	9
(3) ES, MG, RJ	16	7	9	14
(4) SP	16	12	22	17
(5) SUL	12	10	16	21
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>32</b>	<b>55</b>	<b>77</b>

Apresentamos um breve panorama de quatro projetos oriundos da Região Centro-Oeste, sendo três trabalhos vencedores (na primeira, na terceira e na quarta edição) e uma menção honrosa (na quarta edição).

Thais Lacerda de Castro, com o trabalho “A Terceira Margem, um projeto de requalificação para a orla norte do Lago Paranoá em Brasília”, orientado pela prof. Elane Ribeiro Peixoto da Universidade de Brasília (UnB). No trabalho, Thais propõe estruturas para conectar equipamentos às margens do lago e equipamentos de lazer para incrementar os usos públicos e a aproximação com a água.

O trabalho “O (In)visível Urbano — Requalificação Urbana e Ambiental do Córrego Palmito”, de Amanda Mendonça Gomes Nogueira da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, orientada por Antônio Fernando Banõn Simon, figura 6, trata de intervenção urbana em fundo de vale em Goiânia/GO, com elementos paisagísticos e arquitetônicos, referenciados nas cores e na vegetação do Cerrado. O projeto demonstra grande fôlego e atenta análise da paisagem (Para saber mais visite: [https://issuu.com/amandamendonca26/docs/o\\_in\\_vis\\_vel\\_urbano\\_-\\_requalifica\\_](https://issuu.com/amandamendonca26/docs/o_in_vis_vel_urbano_-_requalifica_)).



Figura 5. Premiação da terceira edição do Prêmio Rosa Kliass, CAU, 2019.



Figura 6. Imagem do trabalho “A Terceira Margem, um projeto de requalificação para a orla norte do Lago Paranoá em Brasília”, Thais Lacerda de Castro, 2017



Figura 7. Prancha do trabalho: “O (In)visível Urbano — Requalificação Urbana e Ambiental do Córrego Palmito”, Amanda Mendonça, 2019

Amanda Mendonça reforça a importância do concurso ao dizer: “O prêmio Rosa Kliass foi de grande relevância na minha formação, pois me motivou a desenvolver o tema da arquitetura paisagística. Foi muito satisfatório perceber a importância dada ao assunto e poder participar do evento que reúne profissionais dedicados ao campo de estudo. O contato com a temática abriu portas para o aprofundamento dos estudos no mestrado da Universidade de Brasília (UnB) no campo da paisagem. Lembrar do prêmio me impulsiona a sempre sonhar alto.”

No trabalho “Parque Ecológico Sobradinho: uma conexão entre a cidade, as pessoas e o Cerrado”, o graduando Lucas Willian Caldeira da Silva da Universidade Nacional de Brasília, orientado pela Profa. Dra. Vânia Raquel Teles Loureiro, aborda um tema de extrema pertinência e poética, relacionando a história local e suas relações de afeto, com a metáfora do “mar” de Brasília e o Cerrado, a vegetação nativa apresenta-se como

norteadora na compreensão do espaço, levando a um resultado projetual com domínio da paisagem (para saber mais, visite o link: [https://issuu.com/lwcaldeira/docs/a3\\_-\\_issuu](https://issuu.com/lwcaldeira/docs/a3_-_issuu)).



Figuras 8 e 9: Parque Ecológico Sobradinho, Lucas W. Caldeira da Silva, 2019, e Pranchas de trabalho: “O mar do Cerrado, Hugo Rafael de Oliveira Soares, 2019

O trabalho que recebeu menção honrosa foi “Coexistência Socioambiental” de Hugo Rafael de Oliveira Soares do UNICEUB, orientado por Beatriz de Abreu e Lima e se propõe a abordar a recuperação de áreas degradadas na paisagem do Mar do Cerrado, em um vasto programa paisagístico que compreende atividades socioeducativas e a sua relação com a natureza.

### PANDEMIA: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO

Em 2020 fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19, que nos impôs uma condição planetária em que alunos e professores precisaram usar a criatividade para reinventar a relação de aprendizado e avaliação no meio on-line. Assim como as pesquisas de campo que precisaram ser substituídas por pesquisas a distância, as famílias tiveram suas rotinas transformadas e viradas do avesso, muitos adoeceram, as universidades

públicas paralisaram, universidades privadas tiveram seus quadros profissionais reduzidos, ao mesmo tempo em que se procurou encontrar novo equilíbrio em relação à virtualidade das relações.

Nesse contexto, apesar das atividades do ano “virtual e on-line” de 2020, a organização do Prêmio Rosa Kliass e a diretoria da Abap conseguiram reunir jurados e participantes em um rico processo de seleção e na cerimônia de divulgação dos resultados da 4. edição, que ocorreu dentro de outro evento importante para a disciplina, o XV ENEPEA. Esse Encontro, originalmente agendado para ser realizado no primeiro semestre em Campos dos Goytacazes (RJ) foi transferido para o segundo semestre, de forma virtual. O evento a distância permitiu que profissionais e estudantes de todo o país se encontrassem juntos através das telas, o que nunca havia acontecido antes.

O concurso Rosa Kliass, em 2021, entra em sua quinta edição e vai avaliar trabalhos desenvolvidos no ano letivo de 2020. Resiliência é dimensão fundamental para esse evento que merece, de fato, toda dedicação e atenção, porque se volta para a educação, congregando professores e alunos, tratando dos horizontes da profissão e homenageando uma vez mais a pioneira e mestra brasileira da arquitetura paisagística.

### DESAFIOS REGIONAIS E PLANETÁRIOS?

Os desafios regionais são inúmeros! O Núcleo DF da Abap, criado também em 2017, como o Concurso Rosa Kliass identifica alguns:

Lembramos que a Região Centro-Oeste foi o lócus de três cidades capitais planejadas no século XX, panorama rico para o estudo da história das diferentes concepções urbanísticas e o lugar do verde nessas cidades. No caso de Brasília, como cidade-parque, há 30 anos Patrimônio Cultural da Humanidade, como está a escala bucólica e o território? O Distrito Federal, seis décadas depois, reflete os mesmos problemas de outras regiões metropolitanas, na atualidade com 33 regiões administrativas, uma população urbana acima da média nacional ~93% (cf.) ainda vamos encontrar cidades com enorme carência de arborização e implantação de áreas verdes.

Pensamos nas premissas do desenvolvimento sustentável planetário, na busca por cidades sustentáveis e assim todas as questões relativas à paisagem e ao ambiente podem ser entendidas como desafios urgentes a serem trabalhados por múltiplos atores. Atingir os Objetivos

de Desenvolvimento Sustentável, em especial o ODS-11, requer mais profissionais envolvidos e capacitados, e onde o direito à cidade precisa ser entendido também como direito à paisagem!

Pensamos no Cerrado, um bioma tão rico em biodiversidade e potencialidades paisagísticas e constata-se um momento de vital atuação de inúmeros grupos trabalhando por um resgate da identidade regional e dessa paisagem pré-existente. Ao mesmo tempo que a ONU lança a Década da Restauração - 2021 a 2030 e nos convida a cooperar, a ameaça das mudanças climáticas globais nos obriga a compreender as possibilidades de atuação que a profissão oferece e a agir!

Como citado anteriormente, os desafios do ensino de Arquitetura da Paisagem no Brasil são ainda enormes. É necessário ampliar horas aula específicas e desenvolver espaço para o conhecimento prático. O conhecimento e experimentação de técnicas da infraestrutura verde e das soluções baseadas na natureza (NBS) aplicadas à região são necessárias para restaurar paisagens e contrapor décadas de soluções da infraestrutura cinza que cada vez mais se revelam ineficazes. Por isso, juntem-se a nós e não deixe de conhecer e participar tanto no prêmio e na Associação que representa a categoria, a Abap. Abap-se!

### SITE E INFORMAÇÕES

No site Prêmio Rosa kliass.abap.org.br, e no Facebook da premiação (<https://www.facebook.com/premiorosakliass/>), estão disponíveis as informações sobre como participar e se inscrever, ou consultar o calendário e os nomes dos responsáveis pela organização do concurso e avaliação dos trabalhos. Todos os trabalhos encaminhados estão sendo reunidos em catálogos que servem como referência para novos trabalhos. Os catálogos têm sido postados no issuu e podem ser acessados nos endereços: <https://issuu.com/premiorosakliass>.

O cartaz da 5ª edição traz a imagem da Fortaleza de São José, Macapá, projeto feito por Rosa Kliass em 2001. Segundo o Livro da Rosa, nesse projeto não era possível plantar árvores para não tirar a vista do forte e Rosa então concebeu um percurso à beira rio, um anfiteatro onde antes havia um estacionamento e uma área de recreação infantil com o tema da água, em um outro trecho que não inter-feria na visualização do conjunto histórico.



Figura 9. Cartaz do 5ª Prêmio Rosa Kliass, João Ramid.



## AGRADECIMENTOS:

Agradecimentos aos mestres que abriram trilhas e caminhos para a profissão no Brasil, como Ro-sa Kliass e a atual presidente, Luciana Bongio-vanni Martins Schenk, e a Francine Sakata pela dedicação ao prêmio Rosa Kliass. Agradecimen-tos aos colegas arquitetos uArbanistas que parti-ciparam da criação da Abap-DF em 2017: Yara Regina Oliveira, Mariana Siqueira, Delayse Telles, Maria Assunção Pereira Rodrigues, Matheus Maramaldo, Tauana Ramthum, Camila Sant'Anna, Fa-tima Macedo, Osmany Segall, Eliane Penna, Yara Lucia, Elza Kunze do SINARQ DF e as entidades parceiras do CEAU DF.

## REFERÊNCIAS:

FERREIRA, A. A., ONO, F. P. C., & NÓBREGA, C. C. L. (2017). A institucionalização do ensino de Arquitetura Paisagística no Rio de Janeiro. *Paisagem e Ambiente*, (40), 133-148. Acesso em <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i40p133-148>

KLIASS, Rosa Grena. O lugar bonito. *Arquitetura*, São Paulo, ano 01, n. 001.02, Vitruvius, mar. 2007. Acesso em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetura/01.001/1303&gt;>.

KLIASS, Rosa Grena. O livro da Rosa : vivência e paisagens. São Paulo: Romano Guerra, 2019.

RESOLUÇÃO Nº 6, DE 2 DE FEVEREIRO DE 2006.

ROSANELI, Alessandro Filla. Apontamentos sobre o ensino de paisagismo nos cursos de Arquitetura e Urbanismo da região Sul do Brasil. Notes on landscape architecture education in architecture and urban planning courses in the Southern region of Brazil. *PAISAGEM E AMBIENTE: ENSAIOS - N. 35 - SÃO PAULO* - pp. 199 - 219 - 2015

TARCISO, Pereira Mergulhão, Pedro; Rita Sá Carneiro Ribeiro, Ana. *A paisagem Amazônica no paisagismo de Belém: caso Parque Naturalístico Mangal das Garças*. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

EIN, R.; KLIASS, R. Rosa Kliass desenhando paisagens, moldando uma profissão. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

## NOTAS:

- 1- Apesar de haver estudos sobre a contribuição de Lucio Costa em sua passagem pela Enba, ainda não se havia atentado para o fato de que esta foi a primeira institucionalização do ensino de arquitetura paisagista no país. Até então, julgava-se ter ocorrido por meio da colaboração do norte-americano Roberto Coelho Cardoso, na Universidade de São Paulo nos anos 1950, como expôs a arquiteta e pesquisadora Magnoli (2006).
- 2- Conforme, AZEVEDO, 2021. A introdução da disciplina de Arquitetura Paisagística no currículo de um Curso Geral, ocorreu na ENBA na reforma que promoveu Lucio Costa, entre o período 1930 — 1931 sob sua direção. Entretanto o primeiro professor da disciplina será Atílio Corrêa Lima, nomeado em 1932 por Gustavo Capanema, como professor da cadeira de Urbanismo-Arquitetura Paisagista do curso de Arquitetura da Escola Nacional de Bellas Artes, da Universidade do Brasil.
- 3- A regulamentação das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo ocorreria décadas mais tarde. Parecer CNE/CES nº 112/2005, aprovado em 6 de abril de 2005.
- 4- Roberto Burle Marx na ocasião do XVI IFLA WORLD CONGRESS 1978 em Salvador, assina o manifesto: O Paisagista e a defesa da paisagem brasileira.
- 5- O concurso foi lançado por iniciativa de Francine Sakata, arquiteta urbanista, professora da FAUUSP com o apoio de Patricia Santa-na, diretora da Abap, Paulo Cassio Gonçalves, Fabio Robba, Luciana Schenk, Josiane Santos, Ciça Barbieri Gorski durante a gestão de Nina Vaissman. Ao longo das quatro edições contou com o apoio de profissionais e professores de todo o país.
- 6- O concurso recebeu reforços de peso para o IV Prêmio, a organização se fortaleceu com os diretores da Abap Camilla Sant'Anna, Lúcia Veras e Gabriel Francisqueti que somaram-se aos membros históricos e ampliaram a equipe convidando novos membros, representantes de todas as regiões brasileiras, e sistematizando os encontros e a comunicação pública. ●



## FREDERICO FLÓSCULO ● CHARGE





Revista 15.47 de arquitetura, arte, patrimônio e cultura.  
**PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, n. 05 (junho/julho - 2021) Brasília - Brasil - Online**  
 Bimensal  
 Sumário Português  
 Disponível em :<https://paraboloide.com/revista-15-47>  
 1.Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design  
 8-música 9-Lazer 10-turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo

**DIREÇÃO EXECUTIVA**

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA  
 (PARABOLOIDE INCUBADORA DE IDEIAS)

**DIREÇÃO DE ARTE E EDIÇÃO:**

ANGELINA. NARDELLI QUAGLIA  
 ANDRE BERÇOTT  
 BEATRIZ BERÇOTT

**EQUIPE EDITORIAL:**

ALEXANDRE GUERRA  
 ANGELINA NARDELLI QUAGLIA  
 BEATRIZ NARDELLI QUAGLIA BERÇOTT  
 CAROLINA SENA  
 FRANCISCO JOSE ALENCAR ARARIPE  
 FREDERICO FLÓSCULO  
 JÉSER JUNIOR  
 JOÃO DINIZ  
 JORGE NASSAR  
 JULIANA RAMPIM FLORÊNCIO  
 LUCIA HELENA FERREIRA MOURA (ABAP)  
 LUCIANA AZEVEDO  
 LUCIANO BRASILEIRO DE OLIVEIRA  
 LUIZA JUNIOR  
 MALU PERUNGEIRO  
 NELSON INOCÊNCIO  
 PATRICIA IUNES DE ÁVILA E SILVA  
 RUBENS ERLINGEIRO  
 VIVI MANZUR

**CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO:**

ANGELINA QUAGLIA  
 CYNTHIA NOJIMOTO

**REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA:**

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

**FOTOGRAFIA DE CAPA:**

LUCAS PONTES  
 OBRA: ATHOS BULÇÃO PARA TEATRO NACIONAL CLAUDIO SANTORO

**AGRADECIMENTOS:**

À *BRUNO VIANNA*, PELO SOCORRO SEMPRE BEM VINDO, FUNDATHOS, AOS FOTÓGRAFOS CITADOS NESTA EDIÇÃO, PELAS FOTOGRAFIAS CEDIDAS, E PELA COLABORAÇÃO NA REVISÃO INICIAL DOS TEXTOS DE ENY JUNIA LIMA CARVALHO, À ANDRE LUIZ BERÇOTT PELO APOIO E TEXTO, E PARA BEATRIZ BERÇOTT.

**PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO Ltda.**

**BRASÍLIA - Distrito Federal**

**(55-61) 99914-0661 / (61) 98177-2538**